



EDNALDO ALVES

*Histórias de
Campina Grande*

Nativa 



HISTÓRIAS DE CAMPINA GRANDE

Ednaldo Alves da Silva





Editor

Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

Conselho Editorial

Luíra Freire Monteiro
Flávio Carreiro de Santana
Emerson Marcelino Alves Silva

Conselho Científico

Alberto Edvanildo Sobreira Coura (UEPB)
Bruno Rafael de A. Gaudêncio (ALCG)
Eliton S. Medeiros (UFPB)
Flaubert Barros Leira (HGGP)
Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)
Glauber Paiva da Silva (UFPE)
Hélio de Sousa Ramos Filho (UFPB)
Hilmária Xavier Ribeiro (UEPB)
Jordan Queiroz Gomes (NUPEHL)
João Pereira Silva Neto (IHLS)
José de Sousa Pequeno Filho (IHSB)
José Edmilson Rodrigues (ALCG)
Juvandi Dos Santos Silva (UEPB)
Laudemiro L. de Figueiredo Filho (IHSB)
Lucira Freire Monteiro (UEPB)
Luíra Freire Monteiro (UEPB)
Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)
Maria Ida Steinmuller (IHCG)
Thélio Queiroz Farias (ALCG)
Thomas Bruno Oliveira (IHGP)
Thuka Kércia Moraes de Lima (MDCG)
Vanderlei de Brito (IHCG)

Expediente

Designer gráfico	Emerson M. Alves Silva
Capista	George Tenório Pinto
Revisão linguística	Vanuza de Oliveira Barbosa
Normalização técnica	Luíra Freire Monteiro e
Normalização técnica	Flávio Carreiro de Santana



Ednaldo Alves

**HISTÓRIAS
DE CAMPINA GRANDE**





Copyright 2021 – Nativa

ISBN 978-65-89987-03.1

Ilustração da capa:

Foto montagem com a Rainha Joana . Ao fundo, foto de 1939, do cortejo proveniente da inauguração da Adutora de Vaca Brava (Fonte; Cristino Pimentel).

Capa: George Tenório Pinto

Revisão técnica: Luíra Freire Monteiro e Flávio Carreiro de Santana

Contato com o autor:

nativa.edit@gmail.com

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

S586h Silva, Ednaldo Alves da.
Histórias de Campina Grande [recurso eletrônico] /
Ednaldo Alves da Silva. – Campina Grande: Nativa Edições,
2021.
343 p. : il. color.

Inclui bibliografia.
E-book
ISBN 978-65-89987-03-1

1. Campina Grande - Crônicas. 2. Memórias. 3.
Personalidades urbanas. I. Título.

21. ed. CDD 869.94

Elaborada por Giulianne Monteiro Pereira

CRB 15/714



Agradecimentos

Como um preito de gratidão, a tantos, que
me dispensaram um apoio irrestrito na
confeção desta memória



Dedicatória

Dedico este livro à esposa Vera,
Inspiração e lealdade em nosso convívio
familiar.
E ao neto Vinícius.

Apresentação

“Há aqueles que não podem imaginar o mundo sem pássaros; Há aqueles que não podem imaginar o mundo sem água; Ao que me refere, sou incapaz de imaginar um mundo sem livros”.

(Jorge Luís Borges)

Com indisfarçável alegria e grande honra, a Academia de Letras de Campina Grande e a Editora Nativa publicam o livro “**HISTÓRIAS DE CAMPINA GRANDE**”, do professor, odontólogo e historiador Ednaldo Alves da Silva, ocupante da cadeira n. 32 da

ALCG, cadeira que tem como patrono Antonio Benvindo de Vasconcelos e fundador o Padre Ruy Barreira Vieira.

Ednaldo Alves, nascido em Guarabira em 1936, radicou-se em Campina Grande desde o ano de 1951, testemunhando fatos e conhecendo personagens que compõe o mosaico da história cotidiana da cidade Rainha da Borborema. Ednaldo foi colaborador, durante várias décadas, dos jornais Diário da Borborema e Correio da Paraíba, além de autor de vários livros, como o perfil biográfico de Osmar de Aquino (da série histórica “Paraíba Nomes do Século”) e a obra “Guarabira – Um olhar sobre o passado”.

Em “Histórias de Campina Grande”, livro inédito, Ednaldo expõe os bastidores da história, revelando detalhes que muitas vezes passam à margem pela historiografia tradicional. Com uma escrita leve, o texto nos leva a viajar por épocas passadas, testemunhando fatos como a visita de Juscelino à mansão histórica de Alvinho Pimentel; a seca de 1877 e o Açude Velho; o forró de Alcatrão; além de revelar personagens que estavam escondidos nos textos mais conhecidos – e tradicionais – dos historiadores campinenses. Ednaldo torna-se o

historiador das pessoas simples, memorialista do cotidiano. O autor também incursiona e analisa personagens da literatura como Graciliano Ramos, Euclides da Cunha e Machado de Assis, nomes do teatro, da televisão, da política, da arquitetura, da pintura e da história (Oscar Niemeyer, Dercy Gonçalves, Bete Serrano, Pedro Gondim, Silvino Olavo, Osmar de Aquino, João Pessoa, dentre outros).

Como diria o escritor espanhol **Antônio Iturbe**, *“a máquina do tempo existe de verdade: são os livros”*. O livro de Ednaldo Alves é exatamente esse veículo para nos levar ao passado da sagrada terra da antiga Vila Nova da Rainha e d’outras paragens paraibanas.

A acadêmica **Mabel Amorim** (cadeira n. 09/ALCG) ressalta ainda que o livro de Ednaldo é fruto de uma paixão arrebatadora por Campina Grande e traz relatos sobre pitorescas personalidades que escreveram suas histórias *“nas calçadas e ruas dessa cidade tão ímpar”*. Ela própria, Mabel, alagoana de nascimento, é outra que foi conquistada por essa magia que Campina Grande possui.

“A história é a testemunha dos tempos”, lembrava **Cícero**, e a publicação do livro *“Histórias de Campina*

Grande” é um júbilo para a Academia de Letras de Campina Grande que, com o apoio inestimável da Editora Nativa, capitaneada pela incansável professora **Luíra Freire Monteiro**, sonha em deixar um legado para as futuras gerações – e esse sonho sonhado por muitos, a cada dia vem se tornando realidade com a publicação de livros que engrandecem a Paraíba e contribuem para a história, para a literatura, para a cultura e, especialmente, para o futuro de Campina Grande, da Paraíba, do Nordeste e do Brasil.

O livro de Ednaldo é um legado inestimável para as novas gerações! A ALCG parabeniza seu ilustre confrade Ednaldo Alves da Silva, como também a Editora Nativa, finalizando com uma lição do talentoso caricaturista, desenhista e escritor **Ziraldo Alves Pinto**: *“Uma das grandes aventuras da existência humana é escrever um livro”*.

Thélio Queiroz Farias

Presidente da Academia de Letras de Campina Grande

Prefácio

O que faz uma cidade ser atrativa? Pode-se obter inúmeras respostas, visto que diversas são as expectativas das pessoas em relação a essa questão. Porém algumas cidades possuem o privilégio de acumular atributos que as tornam encantadoramente envolventes, angariando, dessa maneira, a simpatia de muitos.

Assim é Campina Grande, uma cidade aprazível, de clima agradável. Tal qual uma mãe amorosa de coração generoso, não afaga somente seus filhos como abraça com ternura os filhos de outras terras que procuram seu colo, ávidos por aconchego. Só quem já sentiu na pele o ar

gélido do seu amanhecer ou deixou a alma enevoar-se em uma de suas tardes chuvosas sabe o sabor que ela tem.

Não é, pois, de admirar que desperte paixões arrebatadoras como a de Ednaldo Alves, que, encantado com suas peculiaridades, trata de nos relatar não apenas seus traços, mas um pouco das pitorescas personalidades que escreveram sua história nas calçadas e ruas dessa cidade tão ímpar.

E nesse caminhar entre palavras e esquinas, nos deparamos com Campina ainda tão menina, enfrentando a seca, na lida de crescer e transformar-se, costurando entre seus dias as histórias de tantos homens e mulheres, com a habilidade do alfaiate Henrique. E nosso pensamento retrocede enquanto percorremos com os olhos a Praça da Bandeira em busca do antigo salão Gato Preto ou os cajueiros e jaqueiras que outrora abundavam na Rua Quinze de Novembro, rota dos tropeiros.

A prosa de Ednaldo nos traz lembranças memoráveis como a vinda do presidente Juscelino Kubitschek à cidade, fato que trouxe um grande número de pessoas às ruas, no intuito de saudá-lo. E desse acontecimento, surge um momento poético: “um homem do povo, na calçada, humilde, descalço, coloca seu balaio

no solo e começa a bater palmas à passagem daquela figura monumental”.

Sim, porque Campina também é poesia, às vezes triste, como na história de João Vermelho; noutras, envolvente, como na de Neco França, ou simplesmente melancólica como na da enigmática Rainha Joana.

Em meio a tantas narrativas, segue Campina Grande o seu rumo, deixando nesse livro as impressões causadas no autor por seus humores, seus amores, e também seus horrores, porque a vida, senhoras e senhores, ah, a vida é um susto, um suspiro e uma grande gargalhada, nem sempre nessa mesma ordem, é claro.

Mabel Amorim

Sumário

CAMPINA, 1697, O SEU ALDEAMENTO	1
NOSSA MEMÓRIA SOFRE DESATENÇÃO	4
CAMPINA, O DESCASO COM A MEMÓRIA.....	7
AS QUATRO PRIMEIRAS RUAS DE CAMPINA GRANDE	11
O AÇUDE VELHO E A SECA DE 1877	14
OS TROPEIROS E AS RUAS DOS RETIRANTES.....	18
OS MARRETAS E OS BACURAUS	21
CASSINO ELDORADO	24
CAMPINA E SEUS CARNAVAIS	26
CAMPINA, BECOS E RUAS ANTIGAS	28
O FORRÓ DE DONA MULATA.....	30
RUA JOÃO DA SILVA PIMENTEL.....	33
O BORDEL DE MIGUESÃO	36
AS IGREJAS DO ROSÁRIO E DA GUIA.....	39
UM BISNETO DE TEODÓSIO, SEU DESTINO	41
PADARIA DAS NEVES.....	44
A MANSÃO HISTÓRICA DE ALVINO E O PRESIDENTE JK.....	46
JK EM CAMPINA GRANDE.....	49
A PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA E O ANTIGO COMÉRCIO	52

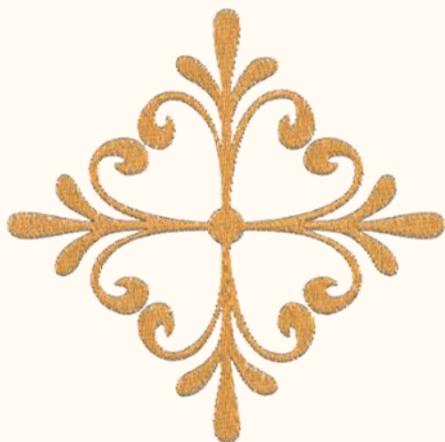
CINE BABILÔNIA.....	54
FAMÍLIA CAROLINO	57
O FORRÓ DE ALCATRÃO.....	59
CAMPINA GRANDE E RECIFE, UM INTENSO INTERCÂMBIO	63
O SALÃO GATO PRETO DE LULA.....	66
O TREZE EM 1950 E MÁRIO, O MAIOR ARTILHEIRO DO NORDESTE.....	69
O TREZE E CAMPINENSE, NO PASSADO, E SUAS TORCIDAS	73
TORCEDORES, APAIXONADOS DO	76
TREZE E CAMPINENSE.....	76
PRAÇA DA BANDEIRA, ANOS 1950	80
RUA MONSENHOR SALES.....	83
SÃO JOÃO DO PASSADO,	86
A CULTURA POPULAR.....	86
ANTIGOS MESTRES.....	89
O VALENTÃO SEVERINO MARTINS, TEMIDO NA REGIÃO	93
RONALDO CUNHA LIMA, O POLÍTICO E A POESIA	97
ALFAIATE HENRIQUE.....	99
CLÓVIS DE MELO,	102
UMA NOBREZA DE CARÁTER	102
DOUTOR JÚLIO, MUITO TALENTO E REVERÊNCIA.....	106

GUSMÃO, SAUDADES DO SERESTEIRO	109
HORTÊNCIO RIBEIRO.....	112
JOSÉ PRAEIRO	116
JOÃO VERMELHO,.....	120
TRAGÉDIA EM CAMPINA E	120
UM DOS MAIORES ERROS JUDICIÁRIO DO PAÍS	120
MIGUESÃO, O NOSSO ESTIMADO	126
TIPO POPULAR.....	126
NECO FRANÇA, VINGANÇA E TRAGÉDIAS	130
WILLIAMS TEJO, OS GRANDES MESTRES DE CAMPINA GRANDE	135
PROFESSOR OLIVEIRA, MESTRE INSIGNE E	137
VALOROSO HOMEM.....	137
VITAL, O ILUMINADO	140
PROFESSOR SEBASTIÃO LIMA, UM HUMANISTA	144
AFONSO CAMPOS, O JURISTA INSIGNE	147
FERNANDO SILVEIRA, FIGURA EXTRAORDINÁRIA.....	150
OS 100 ANOS DE SEVERINO CATÃO	152
EDVALDO DO Ó, A PAIXÃO.....	154
PELO SEU BERÇO.....	154
O CONSTRUTOR CELSO CIRNE.....	157
LUIZ SOARES, UM LORDE DOS TRÓPICOS,.....	160
UM PRÍNCIPE NO TRATO.....	160

DOUTOR VIDÉRIS,	164
UM MÉDICO E MESTRE	164
DOUTOR BANDEIRA	167
JOSEF SCHAEFFER.....	170
ALONSO, O SAUDOSO,.....	173
O CAMPEÃO DO BILHAR.....	173
NAZINHA	177
MANÉ GAGO	180
LÚCIO MAMEDES	183
PADRE EMÍDIO	187
PABLO LÁZARO	190
JOSÉ AMÉRICO, O DISCURSO DE AREIA	192
DOUTOR AMAURY,.....	196
UM NOBRE NO TRATO	196
ACONTECEU EM CAMPINA,	200
ÁLVARO LEÃO	200
JOÃO PESSOA, UM POLÍTICO ADMIRÁVEL	203
PROFESSOR SEBASTIÃO,.....	207
A LEALDADE A GETÚLIO VARGAS	207
UM MORADOR DA RUA.....	209
JOÃO DA SILVA PIMENTEL	209
“CHÁ PRETO”	210
CHAPLIN, O GÊNIO E FILÓSOFO	212
CORETO DE GUARABIRA.....	215

JK, MEMÓRIA E EMOÇÕES	218
JOSUÉ DE CASTRO, SUAS RAIZES PARAIBANAS	221
O FOLCLORE E A CRIANÇA.....	224
O NOBEL E OS BRASILEIROS INJUSTIÇADOS ...	227
CORONÉIS E CANGACEIROS	230
O JUÍZ MAONEL FONSECA,.....	233
GLÓRIA PARAIBANA.....	233
O DIA DA VITÓRIA.....	236
“CAUSOS” E ESTÓRIAS, TIPOS POPULARES	239
FESTAS JUNINAS DO PASSADO	242
TOSCANINI, O GENIAL.....	245
MAESTRO DA SEGUNDA GUERRA	245
OSCAR NIEMAEYAER,.....	248
O GÊNIO DA BONDADE	248
GUARABIRA 1950, A FESTA DE ANO.....	251
RAINHA JOANA	253
SEMANA SANTA DO PASSADO	257
SILVINO OLAVO,.....	260
O FILHO ILUSTRE DE ESPERANÇA.....	260
OSMAR DE AQUINO E A	263
GUARABIRA DO SEU TEMPO	263
PEDRO GONDIM.....	267
PROFESSOR LOUREIRO	270
ALMIRANTE SALDANHA.....	273

ÀS CEGAS	278
HISTÓRIA DE UM CÃO	281
LAMPIÃO, O CANGAÇO	284
BETE SERRANO	287
EUCLIDES DA CUNHA,	290
O GÊNIO E A TRAGÉDIA	290
MACHADO DE ASSIS,	293
A PERCEPÇÃO DA VIDA	293
DERCY GONÇALVES	296
GRACILIANO, SEU TRAÇO VIRIL	299
E UM GRANDE AMOR.....	299
O PRESIDENTE QUE	302
A PARAIBA DEU AO BRASIL.....	302
O MENINO E SEMANA SANTA	305
O DOUTOR PELADO	308
DE GRACILIANO RAMOS.....	308
PEDRO PIXACO, NA CAPITAL,	310
VÊ-SE EM APUROS.....	310
REFERÊNCIAS	312



Parte 1
Da cidade e suas
gentes

CAMPINA, 1697, O SEU ALDEAMENTO

O embrião da cidade é a Vila Nova da Rainha, nossa primeira rua, ostentando esta primazia.

O Açude Velho, o imenso manancial de água, límpida e transparente ao tempo, na sua exuberância virgem, rodeado do verde, forneceria a irresistível e afortunada motivação para o milagre de seu nascimento.

No remoto 1697, Teodósio de Oliveira Ledo, o intrépido bandeirante destas plagas, descia o Piranhas, à frente de um comboio histórico, a tribo dos Cariris, e, após uma longa e árdua jornada, chega à região; e, de logo, se fascina com o lugar; decide promover o aldeamento destes gentios. O fato ocorreu, segundo notas do consagrado historiador campinense Cristino Pimentel “presumivelmente no dia 14 de dezembro de 1697, dando início ao povoado”.

Segundo registros históricos, já havia na região, outra tribo, os Ariús, vivendo próximo à Serra de Bodopitá, em Fagundes, certamente, a presença dos Cariris levou à confraternização das duas tribos, tudo sob as bênçãos dos colonizadores; de início, foram levantadas tendas para acomodar o pessoal, em direção ao Sítio das Barrocas, primeiro nome do lugar, recebendo mais tarde outros epítetos, rua dos Mulungus, da Bolandeira e finalmente o definitivo nome, Vila Nova da Rainha, homenagem à Coroa Lusitana. A 20 de abril de 1790, por carta régia, ganhava status de Vila, com o pomposo nome de Vila Nova da Rainha.

E a 11 de outubro de 1864 passa à cidade, Campina Grande, emancipada e senhora de si e confiante em suas potencialidades, surgindo muitos casebres de palha, até alcançar a colina, onde está a Catedral. Localização privilegiada, clima agradável, a povoação crescia, e já, em 1769, foi elevada à freguesia sob o patrocínio de Nossa Senhora da Conceição.

A segunda artéria, a da Matriz, abarcando o largo da Igreja, vista bonita para o norte, naquela colina suave, propiciando a escolha para ereção do templo. Depois surgiu a rua do Meio, hoje, Afonso Campos, e a rua do

Oitão, atualmente Bento Viana, onde uma placa na parede da Casa Paroquial sinaliza este histórico segmento.

A rua da Matriz, depois Floriano Peixoto, começava a se estirar em direção leste; na avenida famosa, já em 1828, Baltazar Pereira Luna construiu um opulento mercado, o comércio velho, abrigando toda feira. Este arrojado edifício foi demolido em 1924. Em seu lugar se ergueu o suntuoso grupo Sólon de Lucena, ao lado da nossa prefeitura. A história serrana preserva com orgulho uma foto do mercado, como também do Paço Municipal ao lado da Matriz. Festejou mais um aniversário, a rainha do progresso, onde pululam os arranha-céus, ao lado de questões cruciantes como a insegurança e outras mazelas, que atormentam também milhares de cidades brasileiras.

NOSSA MEMÓRIA SOFRE DESATENÇÃO

É lamentável constatararmos um deplorável descaso pelo nosso patrimônio histórico, os poderosos e os humildes que ajudaram a erigir este colosso urbano no topo da Borborema.

A alma de um povo se encontra nesta vigorosa e rutilante paisagem histórica, a memória que enaltece, ensina a criar autoestima e pode ser explorada para turismo.

A negligência estimula os iconoclastas de plantão e em nome do progresso, os poucos prédios e monumentos históricos vão desaparecendo da paisagem urbana, quando o passado e presente, memória e progresso deveriam conviver de maneira harmoniosa.

Uma relíquia do passado, o nosso paço municipal do século XIX, ao lado da catedral, criminosamente demolido como afirmam nossos historiadores Elpídio de Almeida e Hortêncio Ribeiro. A igreja da Guia em São José, em estilo

gótico ruiu sem piedade, fazendo pó, aquela página de nossa história.

Alguns anos atrás assistimos a uma cena desoladora e lamentável: tratores a destruir na Getúlio Vargas, a notável e histórica mansão de Alvino Pimentel, onde se hospedava o presidente Juscelino, seu grande amigo; o casarão histórico; pedindo socorro em vão, a ganância imobiliária não o poupou. Existe também um imóvel curioso e histórico, na mesma rua, conhecido como o ferro de engomar, datado de 1936; contou-me, um antigo inquilino e mestre em móveis, o senhor Granjeiro, que a madeira do teto fora trazido da capital. Restam assim, poucas relíquias arquitetônicas do passado, como, os da rua Monsenhor Sales, o imponente palacete de fascinante frontal, pertencente ao gringo Cristiano Lauritzen, vindo da Dinamarca, e torna-se aqui uns dos maiores benfeitores da cidade, um prefeito que se tomou de amor pela cidade. Este, um líder de projeção estadual e tão pouco conhecido e reverenciado, apenas um pequeno busto na entrada do banco do Nordeste, o lembra.

A Rua Maciel Pinheiro, cartão postal da Borborema, desde os seus primórdios tem passado por várias e grandes transformações urbanísticas: no início do

século XX, existiam os casarões coloniais, exibindo muitos sobrados, servindo de residências para os potentados do campo, fazendeiros e comerciantes, estes últimos ocupando a parte superior, funcionando o comercio no térreo.

Com aspecto de imenso pátio, ali funcionou a primeira feira; nesta avenida, hoje, ostentando exuberante comércio, os imóveis, chamam atenção pelo seu estilo *art-nouveau*, recebendo elogios de personalidades estrangeiras, autoridades no assunto.

Para se apreciar ainda, a antiga residência de doutor Acácio Figueiredo na Floriano Peixoto, o admirável imóvel exhibe no seu frontal e laterais, colunas toscanas.

Importante, na mesma avenida o soberbo prédio da FURNE, em suas linhas clássicas; a construção do século dezenove, ali funcionou o primeiro grupo estadual da Borborema denominado o grupo Sólon de Lucena; tempos mais recentes serviu de Museu e lá atualmente a sede da Academia de Letras de Campina Grande, este centro irradiador do pensamento e cultura.

CAMPINA, O DESCASO COM A MEMÓRIA

A nossa estimada cidade, de passado que nos envaidece, outrora o maior empório algodoeiro do Nordeste, voluntariosa e ousada, hoje, um centro tecnológico e científico e exportando tecnologia de ponta na área informática, a faculdade de engenharia elétrica, relevância mundial, com grandes professores e possantes laboratórios, onde meu filho, para alegria do pai se gradua este ano e está a receber alunos de todo o país.

No topo da Borborema, a cidade de Teodósio fala alto e tem sede de progresso, só nos resta aplaudir este *desideratum* e a cidade como um tudo se beneficia destas benesses proporcionadas pela evolução e o crescimento inevitável.

Porém, o maior desafio da era globalizada é conciliar, harmonizar o desenvolvimento com a preservação ambiental, o progresso vertiginoso não

destrua o patrimônio histórico, sua veneranda memória que confere grandeza, sustenta o amor próprio de sua gente, e em última análise, estes santuários urbanos, evocativos do memorável passado atraem turistas e criam rendas e empregos somando-se a outros tantos eventos alavancadores da indústria sem chaminé.

Neste sentido, é preciso que se alerte uma voz se levante e advirta para o perigo, que ronda a memória da Rainha da Borborema, sofrendo a ação iconoclasta pela demolição de seus edifícios antigos; nos últimos decênios, tudo a virar pó, a cidade assim a cair na amnésia, a alma urbana a destruir-se de modo lastimável; procuramos o postal belíssimo do passado e eis que se extinguiu.

Anelamos, sem dúvida, o progresso da nossa urbe, é mister e saudável sua inserção na modernidade, mas este furor tem um limite. Pouquíssimos edifícios que evocam nosso passado restam estão ameaçados de ruir.

Relatou-me um amigo estudioso de nossa história que Campina Grande é a cidade brasileira que mais teve sua memória destruída.

A rua Getúlio Vargas não escapou a esta ação demolidora, o mesmo destino o monumental prédio de artistas virou pó e recentemente a mansão histórica de

Alvino Pimentel ao lado da Igreja Universal (antigo Cine Avenida) um dos mais belos cartões postais da cidade, referência histórica, onde se hospedava o Presidente Juscelino, seu grande amigo. Aliás, por imposição de justiça dois grandes benfeitores da cidade, não é exagero exclamar: Alvino Pimentel, bem merece um busto na cidade, o boníssimo e educado campinense, nunca se aproveitou da amizade do presidente da república para auferir vantagens pessoais, para si ou filhos e sim recursos para sua querida cidade, e assim é a história, conselheira e divina, como aludia Cervantes, porque busca a verdade e almeja ser justa.

O Paralelo é aflitivo e nos causa inveja, enquanto João Pessoa, centro histórico tombado, compreendendo 37 hectares, a receber muitos recursos, turismo garantido, a natureza a coexistir, de modo harmônico com o progresso. O nosso colosso da Borborema pede socorro às autoridades, salve-se o resto do nosso santuário, a Estação Velha e todo seu entorno venerável, ali está ao lado do Hiper, o suntuoso edifício da família do Ó, onde se instalou a primeira prensa hidráulica da América, em 1915, o casario das Boninas, o edifício Marquês de

Almeida, na Rua Getúlio Vargas e a Fruteira, na Rua Monsenhor Sales, nossa primeira prefeitura.

AS QUATRO PRIMEIRAS RUAS DE CAMPINA GRANDE

Com toda evidência, o embrião da cidade é a Vila Nova da Rainha, nossa primeira rua, ostentando esta primazia. O Açude Velho, o imenso manancial de água, límpido e transparente, na sua exuberância virgem, ao tempo rodeado de verde, forneceria a forte e convincente motivação para o milagre do seu nascimento.

No longínquo 1697, Teodósio de Oliveira Ledo, o intrépido bandeirante destas plagas, descia o Piranhas, à frente de um comboio histórico, a tribo dos Cariris e, após uma longa e árdua jornada, chega à região, e, de logo, encantado com o lugar, decide promover o aldeamento destes gentios; o fato ocorreu, segundo notas do consagrado historiador campinense Cristino Pimentel “presumivelmente, no dia 14 de dezembro de 1697, dando início ao povoado”.

Segundo os registros históricos, já havia na região outra tribo, os Ariús, vivendo próximo à Serra de Bodopitá, se tornaria depois, referência histórica, pois de lá partiu o grito de rebeldia do movimento conhecido como Quebra-Quilos. Certamente, a presença dos Cariris, levou à confraternização das duas tribos, tudo sob as bênçãos dos colonizadores, conforme os ditames sagrados da política do tempo: a robusta e redentora combinação da cruz e da espada.

De início, foram levantadas as tendas para acomodar o pessoal em direção ao Sítio das Barrocas, primitivo nome do lugar; que ainda receberia outros epítetos, Rua dos Mulungus e da Bolandeira, mais tarde o definitivo nome de Vila Nova da Rainha.

A 20 de abril de 1790, por carta régia ganhava status de vila, com o pomposo nome de Vila da Rainha, e, finalmente, a 11 de outubro de 1864 era cidade, Campina Grande, a definitiva denominação. Com o tempo surgiram muitos casebres de taipa, subindo sempre, em direção à colina, onde está a Catedral, ganhando a conformação de nossa primitiva rua.

Localização privilegiada, o clima de serra, agradável e atraente, a povoação crescia e ganhava respeito, de modo

que em 1769, foi elevada à freguesia sob o patrocínio de N. S. da Conceição.

Em segunda, vieram as outras, antes de 1864, a da Matriz, com uma vista bonita para o norte, naquela colina privilegiada que propiciou a escolha para ereção do templo, mais tarde esta artéria se denominaria Avenida Floriano, a Rua do Meio, hoje Afonso Campos, e a Rua do Oitão, atualmente Bento Viana, onde uma placa na parede da casa Paroquial sinaliza este histórico segmento, evocando o passado de lutas e a determinação daqueles pioneiros que nos legaram este monumento de cidade, que, apesar de tudo, continua grande.

O AÇUDE VELHO E A SECA DE 1877

Campina Grande vive hoje uma crise de água. Convivendo com o fantasma do racionamento, presente também em todo o Nordeste, e em outras regiões do país.

A região sofrida aguarda a transposição das águas do Velho Chico.

Em 1824, têm início à construção do Açude Velho determinada pelos estragos da seca de 1824, ficando concluído em 1830, e para tanto recebe um aporte financeiro do Ministério do Império, mais precisamente dois contos e trezentos mil réis, se constituindo, durante todo o século XIX, o maior reservatório público do planalto da Borborema.

Ali a pequena população se dessedentava, funcionava como banho público, serventia para os animais, sendo abundante a pesca, traíras com mais de dois palmos, e o gigantesco espelho aquático, todo margeado de sítios, com muitas bananeiras e laranjais.

Na seca de 1877, a catástrofe, que quase dizima o Nordeste, o enorme açude foi a redenção e a cidade assistiu e acolheu, centenas de retirantes, desolados e famintos, oriundos dos sertões e outras regiões, abrigados à margem do milagroso manancial.

Naquele período crucial, de 77 a 79, teve um destaque considerável, sendo único manancial do Nordeste que não secou. Matou a sede da população, estimada à época em dois mil habitantes, o açude generoso não poupou o seu leite para salvar a vida de sua cria querida, a mais bela e promissora da Borborema.

Diante daquela devastadora calamidade, o povoado se mobiliza. A solidariedade e a pronta ação, de ilustres e valorosos campinenses se fizeram presentes. Foram organizadas comissões de socorro constituídas pelo Juiz Antônio da Trindade Antunes Meira Henriques, uma das figuras mais ilustres da povoação no século XIX, o vigário Calixto Correia Nóbrega. Destaca-se também o campinense Irineu Joffily, membro da Câmara Municipal, que por sua iniciativa, apela para o governo provincial, solicitando a construção de uma cadeia pública no sentido de fornecer trabalho ao povo.

O prédio é erguido, no local onde está o cine Capitólio, o qual em 1936 é demolido por exigência urbanística.

Seus filhos querem mais, Doutor Antonio da Trindade, empreendeu a construção do Paço Municipal, o qual foi bancado com recursos públicos e contribuição popular.

Este belo edifício que abrigava o Tribunal de Júri e a Câmara Municipal foi inaugurado em 2 de dezembro de 1879, ao lado da Catedral.

Hoje, não mais existe, em nossa paisagem, demolido no governo de Vergniaud Wanderley.

Interessante é que, resistindo a tantos e violentas estiagem, em 1888, o açude, secou.

Nas primeiras décadas do século XX, as suas águas serão utilizadas para acionar as prensas hidráulicas, iluminação elétrica e nossos trens, contribuindo sobremaneira para o progresso que a cidade alcançaria.

Décadas mais tarde receberia a sua urbanização iniciada com o prefeito Vergniaud Wanderley, providenciado a murada de arrimo, e finalmente na administração de Williams Arruda, é realizado o calçadão

em torno, e plantadas as palmeiras, exibindo um visual moderno e atraente.

OS TROPEIROS E AS RUAS DOS RETIRANTES

Antigo caminho dos tropeiros que chegavam à cidade de Campina Grande, vindos dos sertões, e regiões outras do estado e confins do Rio Grande do Norte, realizado já em longínquos tempos, o intenso intercâmbio comercial com o promissor burgo de Cristiano Lauritzen.

Hoje é a nossa movimentada e cosmopolita 15 de novembro, no bairro da Palmeira, onde, em remotos tempos constituía um grande matagal e abundavam cajueiros, jaqueiras, as mangueiras, belos coqueirais e sítios de café.

O Coronel Idelfonso de Oliveira Azevedo Cavalcante, procedente de Parelhas era proprietário destas terras, aqui chegando em meados do século XIX; foi pai de Manoel Idelfonso, juiz da cidade e prestigiosa figura

política, atuando como conselheiro, o vereador de antigamente.

Os tropeiros, com suas animálias, tratavam de se arrancar junto àquelas palmeiras, ao lado do casarão, almoço frugal, resumia-se a queijo de coalho e rapadura.

Cleton Dantas, ligado ao bairro e presidente da Associação Comunitária, relatou-me que dois de seus tios, João Cesário e Clóvis Roberto Dantas, procedentes do Rio Grande do Norte, realizaram muitas dessas cansativas viagens, onde os cascos de seus animais riscaram as primeiras trilhas nessa geografia explorada por homens audaciosos.

Eu residi, por longo tempo, próximo à mansão rústica e cheia de lendas. Esta moradia antiga dos Azevedo com o copiar erguido por madeira, tinha em seus fundos um velho porão, onde o populacho propalava existir uma rica botija, e teve, segundo relatos dos mais velhos, um final novelesco: o tropeiro Negro Velho veio ocupar a vivenda mal-assombrada com o consentimento dos herdeiros, de quebra, a sua tropa de burros, aproveitava o fértil pasto e o capim existente no terreno.

Uma bela noite com um candeeiro para afugentar as sombras e os entes diabólicos, dirige-se ao porão,

arranca o tesouro de moedas. Mais que depressa, deixa a cidade e ganha o oco do mundo, e o vagabundo rodete de fogo apagou-se para sempre, que as pessoas juravam avistar em noites sombrias deambulando pelo casarão.

OS MARRETAS E OS BACURAUS

Há quase 100 anos atrás, eram assim chamados estes dois partidos políticos. O primeiro comandado pelo velho dinamarquês Cristiano Lauritzen, e o segundo doutor Afonso Campos e depois, Salvino Figueiredo.

Eram nomes pejorativos. Os Marretas representavam o conservador, os bacuraus o partido liberal.

Campina Grande, singular, em tudo, não deixou por menos, ao contrário de todo país, o conservador tinha origem urbana, já a aristocracia rural liderava a legenda dos liberais, formando uma oposição ferrenha e barulhenta.

A política do tempo se caracterizava pela violência exacerbada, com ânimos exaltados, havendo registros de atentados, crimes encomendados com fazendeiros dispendo de grupos armados.

Neste cenário, dois nomes se destacaram pelo espírito público; fulgor da inteligência, senso de grandeza moral e amor a cidade: doutor Afonso Campos e Cristiano Lauritzen.

Constituem figuras estelares da história campinense, cujas vidas cabem em dois livros e ainda não foram escritos para conhecimento dos campinenses.

Afonso Campos, grande jurista, conhecido, ao tempo, até na capital federal, deixou-se ficar na política local, a pedido de amigos e familiares, sofreu perseguições e colheu dissabores e toda sua carreira jurídica prejudicada.

Cristiano, o jovem judeu, nascido na Dinamarca, aporta à Borborema no século XIX. E ninguém mais do que este querido gringo amou esta cidade.

Sucedeu ao sogro Alexandrino Cavalcante, no comércio, a casa inglesa, e na chefia do partido conservador.

Durante 23 anos, governou a cidade e foi um dos seus maiores benfeitores; trouxe a ferrovia, energia, elétrica, jornal, educandários e tantos outros serviços.

O povo o adorava, as pessoas mais simples o chamavam de Seu Loripe.

Em 1924, no seu funeral, os campinenses atiravam pétalas de rosas sobre o esquife no trajeto do seu palacete até o cemitério.

CASSINO ELDORADO

A Rainha da Borborema ingressava na década de 30 com um comércio em franco desenvolvimento e uma praça algodoeira de prestígio internacional. A cidade vivia um clima de ostentação, e todas as atividades usufruíam benefícios. E, assim, em 1 de julho de 1937 foi inaugurado o Cassino Eldorado pelo empresário João Veríssimo, um dos potentados da época. A cidade ousara, erguendo este palácio do lazer, luxuoso e aristocrático. Havia um palco para orquestras e apresentação de dançarinos e cantores internacionais.

Na inauguração, exibiram-se artistas russos, Trotsky e Marv. O famoso cassino cuidava em reservar mesas para as autoridades, prefeitos, delegados e os coronéis do algodão. Era comum, nos finais de semana, chegarem clientes de Recife, Natal e outras capitais.

Mulheres, jovens de rara beleza, vindas do Recife, Rio de Janeiro e outras capitais; à noite, a cidade se convertia na Babilônia da Borborema, e o Eldorado, o foco principal. Frequentou aquele reluzente recanto, Maria Luiza, uma jovem alagoana, de beleza extraordinária, com muita classe e elegância, todo domingo, assistia à missa na Catedral.

De 1942 a 1950, Josefa Tributino assume a direção da casa; pernambucana, muito jovem, chega à cidade no primeiro trem, na inauguração da Estação Ferroviária, em 1906. Anos seguintes, a modernidade, mudanças sociais e de comportamento, a presença mais intensa do automóvel levariam ao declínio do Eldorado, o símbolo de uma época.

Emídio Pereira da Silva, de alcunha Silva, marcou época, como cantor e cabaretier ou show-man do Cassino. Cantou na inauguração da Rádio Borborema e se apresentou na Mayrikin Veiga e Tupi, no Rio de Janeiro. Hoje, aos 84 anos, quase cego, mais lúcido, se emociona ao evocar estas reminiscências. Ele mora na Conceição, onde sempre o visito.

CAMPINA E SEUS CARNAVAIS

Desde o início do século passado era bastante aaminado. O palco da festança era na Rua Seridó, hoje Rua Maciel Pinheiro.

Da varanda de seu belo Palacete, o estimado Prefeito Cristiano Lauritzen, junto com a família, apreciava o espetáculo momesco.

O tempo avançava a cada ano o carnaval repontava mais ruidoso e colorido, contado para isto com o ilustre campinense Neco Belo, possuidor de uma verdadeira paixão pelo festão do momento.

A festa, em tempos mais remotos, desconhecia o lança-perfume, a massa pequena e brincalhona atirava nos passantes a limas de cheiro, havendo ainda o mela-mela, muito talco e banho aplicado às pessoas, e os desfiles dos clubes exibindo préstitos alegóricos enchiam os olhos do público.

No início de 1950, a festa ainda era monumental.

A apoteose carnavalesca acontecia na Rua Maciel Pinheiro, o povo postado na calçada a prestigiar o ruidoso e exuberante carnaval: o desfilar de clubes e mascarados, o cipoal das serpentinas a colorir a Rua, a fragrância do lança-perfume a inunda o espaço e a empapar as roupas.

Os foliões aguerridos pulavam no interior da famosa Sorveteria Pinguim; logo cedo, recordo bem o campinense Zé Pequeno pulando no interior, munido de lança-perfume e o rosto cheio de talco.

O curso tomava conta das avenidas, a carreata da folia, percorrendo a cidade, levando animação, com muitas escolas de samba, oriundas dos bairros, dentre elas, a Noel Rosa do saudoso Alcatrão.

CAMPINA, BECOS E RUAS ANTIGAS

Em tempos recuados, quase defronte ao Cine Babilônia se localizava um armazém de Antonio Brito Lira; nos fundos da empresa instalara, um motor de beneficiar algodão; pelo barulho provocado pela máquina, o povo passou a chamar o local de rua do Besouro, ali ficando acumulado o resto do material. Anos depois se ergueu neste sítio a Igreja do Besouro, entre as ruas 13 de maio e Irineu Joffily; em tempos primórdios, o local era tomado por taperas habitadas por gente bastante humilde, uma comunidade de pardos, que em noites de luar se reuniam para cantar melodias primitivas, muitos dedilhando suas violas e arremessando ao ar melodiosas e saudosas cantigas.

Estas criaturas humildes sentiam-se felizes, apesar de suas carências. Ademais, participavam dos clubes Vassourinhas e Ypiranga, este último ainda a funcionar,

respeitável referência na paisagem sociocultural da Rainha da Borborema.

As mulheres desta antiga comunidade eram conhecidas como esforçadas lavadeiras, a engomar com esmero as roupas dos potentados da época, os comerciantes e coronéis de algodão.

O Beco do Cacete, hoje Augusto Severo, fazendo esquina com a Fundação de Severino Bezerra Cabral.

Na segunda década do século passado, ali ocorreu um crime pavoroso; a vítima, um jovem jornalista do Correio de Campina, eliminado com todos os requintes de perversidade: a cacete e punhais. Os mandantes daquele horrendo crime, eram pessoas que exerciam altas funções públicas. A tragédia resultou em um dos maiores erros judiciários do País, ao lado dos irmãos Naves, de Minas Gerais.

Beco do Mijo e das fezes nas imediações do prédio Newton Pique. Beco do Fumo, começava onde hoje está o Majestic Hotel e desembocava mais abaixo na Rua Barão do Abiahy nesta se avistavam inúmeras construções baixas, pesadas, os armazéns de rapaduras procedentes dos engenhos de Alagoa Nova e outros municípios de brejo.

O FORRÓ DE DONA MULATA

No Parque do Povo, a Rainha da Borborema festeja aquele que os campinenses alardeiam ser o Maior São João do Mundo.

Por outro lado, os mais antigos da cidade lembram com um sabor de saudade, do famoso São João de Dona Mulata, que teve seu auge na década de 40.

O Palhoção deste folguedo popular situava-se entre o Supermercado Ideal e a rua dos Paus Grandes, ao lado de sua casa.

Dona Mulata, quando jovem, trabalhava na casa do Doutor Severino Cruz, e ao contrair núpcias com o mestre Aurélio, vai residir naquele endereço supracitado.

O companheiro, era um exímio alfaiate conhecido na cidade. Sendo devoto de Santo Antônio, reverenciava o seu dia, priorizando o lado religioso; nesta ocasião, o neto Everaldo se caracterizava como o Santo festejado e aquele

pirralho de ontem é hoje o conhecido comunicador e um autêntico campinense.

Dona mulata transfere pouco depois a festa para o santo da fogueira, e nascia assim o maior forró da cidade, atraindo, ao tempo, muita gente de fora.

Ali comandava tudo, impunha respeito, e a folgança se estendia até o amanhecer.

Afora este famoso forró do tempo, outros se destacaram, como o de Wilson Raposo, na Rua João Suassuna, onde está instalada a empresa Aluísio Silva; o de José Américo na rua Getúlio Vargas no prédio Escola dos Artesãos, eram mais selecionados.

Animavam os saudosos bailes juninos dois grandes sanfoneiros humildes e inspirados, Pedro Beicinho e José Tempero; granjearam fama ali pelo final de 1930, Pedro Beicinho, vivia de vender água em burros e o apelido viera de uma cicatriz no lábio, fruto de uma luta corporal, um momento infeliz que o artista vivera, tangido pelos golpes do destino.

Na época, a quadrilha estilizada tinha espaço nas fazendas e nos salões, abrilhantando assim o calendário junino.

Em Campina Grande, na primeira metade do século XX, o maior marcador de quadrilha foi Rosendo Lucena, também grande músico da banda municipal, o Vozeirão e a simpatia em pessoa, a quem o historiador Cristino Pimentel dedicou-lhe uma emocionante crônica no seu livro memorável sobre o passado campinense.

RUA JOÃO DA SILVA PIMENTEL

No início de 1950 estou vindo de Guarabira para a Serra da Borborema; eu e o mano fomos enviados à casa do tio José Félix, comerciante na cidade, com o fito de estudar no colégio Pio XI.

Este nosso tio tinha residência na rua João da Silva Pimentel. Hoje, oficinas de casas de peças, intenso tráfego, pessoas apressadas, um comércio trepidante, nada a lembrar a tranquilidade antiga.

Era um trecho pequeno, casario reduzido, os moradores, conhecíamos todos seus nomes, sadia

convivência, sobrava conversa, havia solidariedade e calor humano a aproximar os vizinhos e cristalizar amizades.

O segmento de rua, onde viviam estas saudosas famílias evocadas nesta crônica, fazia esquina com a João Suassuna, onde se localizava a mercearia de dona Maria e findava a meio caminho, do posto de gasolina hoje existente.

É prazeroso evocar seus antigos moradores; em frente a nossa casa, residia o casal Téo e dona Zita, o esposo cunhado de Severino Bezerra Cabral; seus filhos Cacilda, Carminha, George, Genaldo, todos simpáticos e de esmerada educação; Genaldo, nosso colega no Pio XI, e juntos ajudamos a fundar o famoso esquadrão amador, o Bangu, sendo o mentor maior, Elsinho Soares, apaixonado pelo time, fazendo reuniões, aos sábados em sua casa, na rua Getúlio Vargas; Edvaldo, meu mano, era um dos craques deste amadorismo saudoso do passado.

Nosso vizinho era Doré Soares, irmão de Luiz Soares, uma figura impressionante, ostentando um perfil ariano, nascido no Cariri, porte arrojado, cabelos brancos a coroar-lhe o alto, bonachão e educadíssimo, não dispensava um suspensório ao realçar-lhe a elegância; meu

tio José Felix e este vizinho estimado selaram, ao longo dos anos, fortalecida e fraternal amizade.

Zé Costa, viera de Teixeira, como muitos sertanejos a buscar este novo destino, onde o progresso galopante atraía gente de todos os quadrantes; seu vizinho era Samuel Diniz, procedente da Santa Luzia; enveredou pelo ramo de panificação, onde granjeou muito sucesso.

Outra figura inesquecível, Milton, com oficina, de torno mecânico, na mesma artéria, um excelente profissional, homem cordato, maneiroso, vivia do trabalho para casa.

O velho primo, Varão de Alagoa Nova, solteiro, vivia com as irmãs, exímias costureiras.

Zé Bernardino negociava com cereais, na rua João Pessoa. Corado, sorridente, o caririzeiro transplantando para a metrópole do algodão. Tinha um único filho, Célio, um verdadeiro gênio, músico, falava inglês, técnico em rádio, brilhante químico radicado em São Paulo. Vale lembrar dona Eurídice Arruda, contadora, e seu esposo Vavá, figuras muito conhecidas na cidade.

O BORDEL DE MIGUESÃO

Os saudosistas, remanescentes dos decênios 40 a 60, conhecem esta figura fascinante, Miguel Barros Neto, o Miguesão, nascido em Caruaru-PE, no ano de 1926, e aos treze anos chegou à Rainha da Borborema, incorporando-se de corpo e alma ao novo destino para sempre; a família logo se transfere para Recife, Miguesão permanece na cidade onde ganhou simpatia e notoriedade.

Uma espécie de filósofo existencialista, bonachão e irreverente, levando a vida naquele *dolce far niente*. A cidade, ao tempo, pequena, o conhecia e admirava, aquele bom piadista, espirituoso e criador de muitos causos; onde chegava, a risadeira era geral, ante este tipo bem-humorado.

De corpo avantajado, bastante corado, sabia levar a vida numa boa malandragem, dono de uma simpatia

admirável, colhendo amizades entre os pequenos e o pessoal afortunado. Sem dúvida o fascinante Miguêsão, naqueles tempos doirados, forneceu uma maciça contribuição ao nosso futebol amador.

Funda ainda na década de 40 o “bordel de Miguêsão”, uma famosa pelada, que marcou época e fez história na cidade; ao lado do companheiro Fuba, outra figura folclórica, dirigia os treinos acontecidos, diariamente. Sob sua liderança; o show seguia regras rígidas e o público prestigiava.

O campo famoso ficava próximo ao Açude Velho, em frente ao clube dos 200, onde hoje funciona a Faculdade de Direito.

No salão 1060, a famosa sinuca da época, os craques se reuniam, Miguêsão conferia tudo, logo em seguida a caravana deixava este recinto, fazendo uma parada ao lado do cine Capitólio para receberem as últimas instruções, e as rivalidades e gozações que ali começavam, surgindo expressões do tipo: hoje eu te pego, não tem moleza não, no campo todos os dias a pelada começava muito cedo e se estendia até à noite, havendo de tudo, pancadaria e nomes feios, as mulheres passavam ao longe para não corarem e o público masculinos ia às gargalhadas.

Miguesão e Fuba eram rivais, empedernidos, só no campo, onde se xingavam, reciprocamente.

É indiscutível que do campo do bordel saíram muitos craques, para jogarem no Treze e outros no sul do país. Gente famosa participava dos treinos como Dr. Pinto e Dr. Cariri, eu mesmo, fanático do bordel, arrisquei-me um dia a jogar, acertaram-me as canelas. Miguesão. O grande líder, me ponderou: este jogo não dá para você, vão quebrar suas pernas.

AS IGREJAS DO ROSÁRIO E DA GUIA

Dois monumentos sacros históricos que não mais existem na paisagem urbanística da Borborema. A igreja do Rosário foi construída em 1847, ficava num terreno em frente ao Cine Capitólio, com o frontal para o Norte, em estilo romano simples.

A irmandade de N. S. do Rosário foi a responsável pelo templo, à frente o padre Leonardo Ribeiro.

Nivaldo Ferreira, residente na Rua José Lins do Rêgo, grande sucateiro, tradicional e negociante de motores e peças de máquinas beneficiadoras do algodão, conhecedor profundo de nossa história, relatou-me que seu bisavô Manoel Vicente Ferreira ajudou como pedreiro a levantar o templo, cuja madeira, a muito custo, foi trazida das matas do Marinho.

Dizem que Frei Damião pediu para não demolir a igreja, que, como tantos outros monumentos da cidade,

não escaparam à ação iconoclasta dos homens, invocadas razões ancoradas no progresso.

Nos séculos XIX e XX aconteciam no mês de outubro as festas e celebrações religiosas dedicadas à padroeira dos negros, no adro do templo.

Estas festas tinham muita influência africana, com apresentações dos reis do Congo e das cambindas. Aliás, a nossa história é quase omissa quanto ao estudo destes fortes marcos da cultura africana em nosso solo.

A igreja da Guia foi construída em 1912, sendo que, em 1917, um grande inverno a destruiu. Logo depois, cuidou-se da reconstrução, respeitando a estrutura original.

A sua demolição ocorreu na gestão de Williams Arruda. Na Paraíba era a única igreja em estilo gótico, ficava no bairro de São José.

Durante muitos anos, o padre Pedro Serrão esteve como seu pároco; brejeiro de Serraria, uma criatura calma, paciente, bastante estimada pela comunidade católica

UM BISNETO DE TEODÓSIO, SEU DESTINO

A minha infância e pré-adolescência passei em Guarabira, o meu avô vivia mais na fazenda; na cidade, pequena, ao tempo, eu me encontrava no convívio, com as tias e avó Regina, católica ao extremo, a doar-se a todos, uma santa que conheci na terra; a ela devo tudo na formação de nosso caráter, a sofrer muito com a perda da filha, a minha mãe, que nos deixou tão jovem.

Pois bem, ali garoto, o que me espantava, era a legião de mendigos, anciãos quase todos, alquebrados, a implorar de porta em porta, uma esmola, mormente, nos fins de semana, a sexta feira cruel, quando à míngua de tudo, a fome os impelindo para as ruas, implorando a caridade, a socorrer-se da benevolência da população, esta gente deserdada a que o grandioso Joaquim Nabuco os chamou, os órfãos do destino.

No início, da década de 50, já estávamos, na Rainha da Borborema, para estudar no velho e prestigioso Pio XI do Padre Emídio Viana a esbanjar disciplina e sabedoria.

Confesso que já nos meus verdes anos, era muito atento aos fatos curiosos e históricos.

O meu tio José Felix possuía um armazém na feira central, à rua Antonio de Sá, artéria movimentada. Gostava de apreciar a feira e as pessoas. No interior do armazém aparecia, vez ou outra, um velhinho muito simpático, vestindo um terno branco, olhos azuis, bigode e alva e espaçosa barba a cobrir o queixo. Completando a indumentária, um chapéu a lhe conferir um certo ar de dignidade e carregando seu fadário. Este ancião, já bastante vivido, caminhava, com a ajuda de um cajado.

Adentrava o empório, para um certo descanso, sentava-se sobre um fardo de mercadoria, a mim, me inspirou respeito e curiosidade.

Eu estava consciente que o simpático ancião vivia da caridade pública. Atraíu-me, de logo, atenção, aquele boníssimo homem, e sentado, ao seu lado, encetamos uma amável conversação. E, no meio da trela, confessou-me, sincero e desinibido, ser bisneto do fundador de Campina Grande.

Interrogava-me, a mim mesmo, porque o destino, lhe fora tão adverso, e me surpreendia com o semblante estoico e serena conformação ante os atropelos e golpes

que se lhe depararam, no decurso da existência. Infelizmente, àquela época não existia, uma Previdência mais abrangente, o regime especial, hoje, consubstanciado em lei, como a Previdência rural, o amparo, garantindo, a todos os brasileiros uma aposentadoria, para lhe assegurar uma velhice no mínimo dignificante e menos degradante. Ainda bem, que na evolução histórica, a questão social alcançou prioridade, os entes públicos estão mais atentos para a questão social, o homem, a criatura, deve ser atendido, em suas necessidades básicas, a sobrevivência, a assistência médica, eficiente e pronta. Já dizia o eminente advogado e político paraibano Osmar de Aquino: assistir o homem em primeiro lugar, mormente os desamparados.

PADARIA DAS NEVES

Acaba de encerrar suas portas, o antigo estabelecimento comercial, instalado no coração da cidade, onde durante décadas, várias gerações, ocorriam pontualmente, todos os dias, para comprar saborosos pães e bolachas e quantos produtos cobertos de coco e o mel de açúcar.

Com endereço na Praça da Bandeira constituiu-se um marco na história da panificação da cidade; a padaria Nossa Senhora das Neves, do saudoso e lendário Agenor.

Foi fundada em 1928, pelo seu pai, Miguel Vasconcelos, dando-se ao luxo de assistir a todas as gloriosas etapas do vertiginoso e galopante progresso da Rainha da Borborema.

Conheceu o apogeu sob a direção do filho, Agenor, uma vigorosa figura, um pouco sisuda, recatada, mas primava pela simplicidade, granjeando a simpatia e o respeito da sociedade, dedicando toda a existência de

maneira afanosa e ininterrupta às lides do seu tradicional comércio.

Um enfarte fulminante levou-o no dia de núpcias de uma de suas filhas, quando a deixava no aeroporto, não resistindo às emoções, o pai extremado.

Um antigo funcionário assumiu a gerência, Nazário, e depois conhece novos proprietários, Quirino e Catão, após o que, desfeita a sociedade, cabe a este último tocar o negócio até cerrarem-se as portas.

A MANSÃO HISTÓRICA DE ALVINO E O PRESIDENTE JK

O imóvel, com suas linhas clássicas, uma joia da arquitetura campinense, situada ao lado da Igreja Universal, antigo Cine Avenida, na Rua Getúlio Vargas, outrora residência do ilustre e benemérito campinense, Alvino Pimentel. O Compadre Alvino, como assim o carinhosamente chamava o Presidente JK.

Foi radiante e singular a trajetória deste educado, discreto, e, ao mesmo tempo, apaixonado pela cidade que o acolheu. Em 1926, chega à Rainha Borborema, vindo da cidade Jardim de Alagoas, muito jovem. Determinado, operoso, logo tardaram a brotar os frutos do labor, instalando a Concessionária da Mercedes Benz, na Rua das Boninas.

Adolescente, estudando no Colégio Pio XI, na década de 50, avistei-o, muitas vezes, no jardim da sua ampla residência, passando, a apreciar seu casal de emas,

usando um terno branco, gravata, corado, estatura mediana, que muito impressionava, na sua personalidade, era o seu falar suave e um sorriso amável.

Privava da amizade com o Presidente Juscelino; o qual, quando visitava a nossa cidade, se hospedava na mansão histórica e seu compadre Alvino, quando viajava ao Rio de Janeiro, se hospedava no Catete.

A permanência do carismático estadista, naquele palacete constituía uma apoteose. Juscelino elegante, sorridente, assomando à porta, era aclamado pela multidão postada na rua.

O renomado Alvino Pimentel guardava uma faceta nobre e edificante: nunca se utilizou da grande amizade e prestígio junto ao Presidente para auferir vantagens pessoais, e sim para carrear benfeitorias para a urbe querida; a maior delas: a adutora de água de Boqueirão, um apelo seu ao mandatário do país. Doou o terreno para a construção do Palácio do Bispo, ajudando-o a erigi-lo, hoje sede da prefeitura.

O lado dramático desta crônica: os herdeiros do patriarca necessitam vender a bela residência do pai, ciosos da sua importância. Alguns anos atrás, elaboraram um projeto para o setor competente do governo; como

resposta: um silêncio, configurando um injustificável ato contra a nossa memória, um golpe mortal em nosso patrimônio histórico.

JK EM CAMPINA GRANDE

Os mais antigos da Rainha da Borborema guardam com carinho e saudade a lembrança do grande Presidente que esteve a visitá-la; uma delas, por ocasião do encontro dos bispos nordestinos, reunidos na cidade para debater os graves e seculares problemas da região: estiagens repetidas, a seca inclemente gerando miséria e sofrimento nas populações.

O solene simpósio teve lugar no cine Babilônia e Juscelino elegante, carismático, foi recebido em aclamação pelo povo. A rua Irineu Joffily regurgitava de gente, a multidão aplaudindo, vibrando, ante a presença do notável homem de estado, carregado nos braços.

Àquela altura, já tinha a consagração nacional; o mineiro predestinado, perspicaz, operoso, determinado,

após formar-se em medicina, sem recursos e superando todos os óbices, ingressa na política, pronto e decidido a eliminar o subdesenvolvimento nacional.

O Cine Babilônia estava literalmente lotado. Ao tempo estudante, tive a ventura de juntar-me àquele denso agrupamento humano para emocionar-me ante o evento cívico, ouvir o discurso do estadista e aguerrido administrador da nação, a exibir carisma e anunciar os bojudos benefícios para a nossa cidade, assinando a ordem da liberação da verba destinada à construção da adutora, possibilitando que o precioso líquido chegasse às torneiras de nossas casas e solucionando o grave problema que martirizava a população campinense, a escassez d'água.

A partir daí, estava estabelecido o grandioso elo entre o presidente Juscelino e a cidade. O renomado estadista, granjeando o coração de nossa gente, de logo surgiria a ideia de erigir-se uma estátua em tamanho natural do presidente no centro da cidade, para perpetuar a nossa gratidão.

O povo se mobilizava numa campanha para receber doações, contribuindo, todos, potentados e pequenos, para tal *desideratum*.

Várias urnas foram colocadas, em pontos espalhados pela urbe, uma delas em Santo Antônio, na casa do genitor de José Peixoto Costa, sendo aquele um grande amigo de Alvino Pimentel que, pessoalmente, veio deixar o recipiente para receber as contribuições.

Alvino Pimentel privava da amizade do Presidente, e o hospedava em sua mansão na Rua Getúlio Vargas; um monumento histórico a demolir-se num atentado violento à nossa memória.

A PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA E O ANTIGO COMÉRCIO

Todo registro histórico é válido. Conhecer mais nossas raízes reforça nossa estima e amor verdadeiro pela cidade, e é bom confrontar o passado com presente.

Este relato interessante obtive do amigo Nivaldo Ferreira, que mora na rua José Lins do Rego, de ancestrais campinenses, e exhibe uma paixão pela nossa memória.

Menino, andou muito pela feira e comércio da Praça da Independência, conhecida também por Gameleiras, pelas frondosas árvores existentes na Maciel Pinheiro: eram as primeiras décadas do século XX.

Na esquina com a Cardoso Vieira se situava a loja Paulista, no ramo de tecidos; em seguida, o Castelo de bronze, vendia bacalhau, azeite, queijo do reino; em seguida o Campina Hotel, de Trajano de Melo.

Casa Gloria e a Sempre Viva, com miudeza e logo depois, a farmácia São José, de Júlio Honório.

As gerações mais novas conheceram as casas José Araújo. Muito antes, a partir dos anos 20, a famosa casa Guerra, filial do Recife, se instalara neste local.

Outra farmácia conceituada na época, a Confiança, de Luiz Lauritzen, que possuía um Chevrolet 34, com rodas de madeira e cobertas de lona.

O seu pai contava que os carnavais eram bem festejados e dignos de registro. O velho líder Cristiano Lauritzen prestigiava o evento, movido a serpentinas e confetes e, na frente do seu palacete, próximo à Livraria Pedrosa, a festa era bastante comemorada. Da sacada voavam nuvens de serpentinas, formando uma pirâmide no pátio. Conta-se que um folião mais afoito tentou, agarrado às serpentinas, subir até chegar à sacada do gringo tão estimado na cidade.

Seu pai avistou, muitas vezes, na feira, o cego João Vermelho dentro de um carro de madeira, braços e pernas entrevadas, a pedir esmola, ao lado da sua esposa e filhos, este que foi vítima de um dos maiores erros judiciários do Brasil.

CINE BABILÔNIA

O Cinema, fabuloso palácio da sétima arte, foi inaugurado no início da década de 40. O cantor Vicente Celestino se apresentou na noite histórica, quando o colosso do lazer campinense abriu suas portas ao público.

À época, a cidade, no topo da Borborema, clima ameno e abençoada posição no mapa geográfico do Nordeste, janelas para todos os quadrantes, estava no auge comercial, uma praça de imenso vigor e prestígio, ficando conhecida como a Liverpool nordestina.

Antes deste moderno cine, na cidade, havia duas casas exibidoras, o Apolo e Fox, ambos na Maciel Pinheiro, algumas décadas em atividade, exibindo os filmes de faroeste e seriados.

Dois ilustres e estimados campinenses, Antônio Pereira de Moraes, este doublé de comerciante e poeta, e Luiz Pontes, antigo funcionário do Correio, deixaram

alguns relatos, páginas evocativas e saudosas, daquelas relíquias do passado, levando lazer e cultura, alegria e sonhos propiciados pela magia do cinema.

O prédio exuberante, atendia ao conforto do público, linhas modernas, o seu interior tomado de confortáveis poltronas, um frontal belíssimo, fazendo gosto de apreciá-lo, e lógico, produzindo aquela nostalgia naqueles de seu tempo.

Constitui um símbolo de uma época da Rainha da Borborema, seus faustos, a riqueza do ouro branco, sua magia e noites dadivosas.

Um público numeroso acorria à bilheteria, formando fila imensa, nos finais de semana; havia duas sessões à noite, como também matinês; a sétima arte, com suas cores e tela panorâmica empolgava: tudo eletrizante, mágico, sonhador e supremo divertimento.

Dramas emocionantes, comédias impagáveis, estas asseguradas pelos nossos mestres do humor: Mazzaropi, Oscarito, o nosso gênio da comédia, tanto que, Bob Hope, o astro americano, quando esteve no Brasil, encantou-se com o mesmo, e queria levá-lo para os Estados Unidos. Oscarito recusou polidamente o convite, com pena de deixar o país.

Do exterior pontificavam Cantinflas e o genial Carlitos, fazendo locupletar o cinema; a plateia sorria e se emocionava com o astro de chapéu de coco e bengala.

Palco também de atos cívicos memoráveis, como a presença do Presidente Juscelino, a entrar no cinema, carregado nos ombros do povo, a multidão a delirar. Um homem humilde, num momento sublime, descalço, um balaio à cabeça na passagem do estadista carismático, põe no solo o acessório de trabalho, e começa a aplaudir o presidente.

FAMÍLIA CAROLINO

Este sobrenome possui suas origens na Península Ibérica, na região basca. O sobrenome é raro. O certo é que, seus descendentes se espelharam por toda a Europa deixando seu sangue também na Austrália e África do Sul. No Brasil, espalhou-se pelo sudeste e resto do país.

Em Campina Grande, o tronco origina-se do patriarca Félix Carolino Barbosa, que nasceu no engenho Aldeia Velha, em Alagoa Nova, no tradicional imóvel pertencente ao seu genitor, descendente dos índios que habitavam aquele município.

O antigo patriarca nasceu em 20 de outubro de 1853 e faleceu na Rainha da Borborema em 1938. Após viver em sua propriedade Piabas, chega a nossa cidade na

segunda metade do século dezenove, alguns anos antes da Proclamação da República. Aqui fora próspero comerciante, no ramo de estivas, deixando extensa prole, cerca de 15 filhos.

Um de seus filhos, João Carolino, denomina uma das avenidas do distrito dos mecânicos, e tem participação ativa na sociedade campinense, como sócio fundador do Clube dos Caçadores e Aeroclube da cidade. Grandioso amigo de Severino Cabral, que cedeu um caminhão para transporte das tropas na revolução de 30.

Um de seus filhos, José Ednaldo, advogado tributarista, e Maria Salete Carolino, minha diletta amiga, professora universitária. Um dos netos mais velhos do Patriarca Félix Carolino, Paizinho, quase centenário, reside no Alto Branco, e Eraldo Carolino, figura marcante de nossa sociedade, abrilhantou nossos avoengos carnavais, e trabalhou muito tempo na prefeitura campinense e também no INSS.

O FORRÓ DE ALCATRÃO

O badalado forró funcionava na rua do Fogo, próximo à estação ferroviária.

A cidade vivia, à época, o apogeu do algodão. Sobrava emprego, as grandes empresas beneficiadoras do ouro branco funcionavam 24 horas. Campina exportando a riqueza para Liverpool e Hanover, o trem aí ao lado garantia o escoamento, peça fundamental nesta cadeia do progresso.

Nos finais de semana, a população masculina buscava a pândega, o prazer embriagador sem o temor da violência que grassa hoje, de modo assustador.

Alcatrão, procedente de São José do Egito, foi um dos mentores destas noitadas campinenses. Parece que o estou vendo, a tez morena, entroncado, muito corpulento,

simpático, exibindo uma bravura, esta heroica e incubada, a força controlada pela mente, tão discreta quanto ágil.

Pronta para atuar quando necessário, agindo para colocar ordem, respeito no seu famoso salão de dança.

Figura estimada na cidade, animou nossos carnavais avoengos, comandando a Escola de Samba Noel Rosa, e enveredou também pela política, postulando uma vaga de vereador. Para garantir a sobrevivência, exercia a profissão de protético. Em Alcantil, em suas andanças no exercício da profissão, conheceu a jovem mais tarde sua esposa, e ainda hoje vive no mesmo endereço na Rua do Fogo, onde a visitei e colhi depoimentos para o livro que pretendo lançar sobre Campina. O homem tinha uma moral danada, sozinho patrulhava tudo, não permitia arruaças. Impunha ao local muita ordem e respeito e a regra básica: era vedada a presença de moças. Os homens pagavam uma taxa para dançar e o relabucho raiava o dia.

Às vezes surgia uma patrulha e logo se retirava, o resto o gordo resolvia, pois valentão ali não tinha vez.

Uma noite ele avistou uma jovem no seu interior. Conhecendo a clientela, pressentiu que era gente estranha e de pronto se aproxima da recém-chegada, já dançando e indaga:

- A senhorita é moça?

A jovem responde num tom já de mal-estar:

- Claro, sou virgem.

Alcatrão em cima da bucha:

- Minha filha pode se retirar, aqui não admito cabaço.

Outra ocasião, a convite do Clube Ypiranga, reuniu a família num domingo e lá esteve; queria pagar o ingresso e a diretoria recusou, eles eram convidados e o pessoal do tradicional sodalício popular o fez ciente que, no outro domingo, estaria no seu famoso forró na Rua do Fogo.

E assim aconteceu, mas Alcatrão se assustou com a multidão que vinha chegando: todo o bloco do Ypiranga e aquele povão iria adentrar sem desembolsar um vintém... é claro. O simpático Alcatrão, com a calma característica, disse então para a diretoria: “crube é crube” e “broco é broco”. Assim, todo este pessoal tem que pagar. Escapou, assim, do prejuízo.



Alcatrão
Fonte do autor

CAMPINA GRANDE E RECIFE, UM INTENSO INTERCÂMBIO

É um fato incontestável que a nossa cidade, pela sua privilegiada posição geográfica tornou-se, ao longo do tempo, um robusto entreposto comercial, um centro atrativo para negócios, figurando, de logo, como um Eldorado nordestino.

Recife, uma das capitais mais importantes do país, cuidou logo em estabelecer relações comerciais com a Rainha da Borborema. Grandes empórios e escritórios da Mauricéia aqui se instalaram. Ao folhearmos as páginas do livro *Anuário de Campina*, editado em 1924, nos deparamos com uma explosão de propagandas destas empresas do Recife; esta invasão começou já no século XIX, com a vinda do jovem Alexandrino Cavalcante que, imbuído de arrojo e tirocínio comercial, levantou em Campina uma fortuna e, às suas expensas, construiu um

novo Mercado Público defronte onde funcionou a Livraria Pedrosa, foi chefe do partido conservador e sogro de Cristiano Lauritzen, mais tarde seu sucessor na política e um dos maiores benfeitores da cidade, a quem devemos a vinda do trem, o vetor primordial do crescimento vertiginoso da Rainha da Borborema.

O trem facilitou, em muito, o intercâmbio entre estes dois polos. Relata a crônica da época que o maior sonho de um campinense era conhecer a bela metrópole de Nassau.

Foi muito positivo para Campina este intenso fluxo de negócios; os filhos dos empresários pernambucanos aqui radicados eram enviados para estudarem e conquistarem seus canudos de doutor.

Registre-se o entrelaçamento de famílias destes polos mercantis através dos matrimônios, como o comerciante e ilustre poeta Antônio Telha, pernambucano, que aqui conheceu a jovem Natália, com quem casou e teve vários filhos. Hoje, a ilustre matriarca, com 100 anos, lúcida, conta belas histórias da nossa Rainha da Borborema.

É mais do que hora da cidade retomar este proveitoso intercâmbio com a Veneza Brasileira, suspenso

durante décadas. O momento é propício com os novos ventos que sopram.

O SALÃO GATO PRETO DE LULA

O Famoso estabelecimento se localizava na Praça da Bandeira, com a vista para o Correio. Lula, o dono, foi uma das criaturas mais simpáticas de Campina Grande. O ponto, bastante frequentado entre as décadas de 40 e 60, tinha na entrada, a lanchonete, e no fundo as sinucas.

Conheci o salão famoso, quando ainda estudante, e impressionei-me, com aquele homem, amável, educado, acolhendo, sempre com um sorriso estampado no rosto, os seus clientes.

Lula era um gentleman, tão simples e cativante, contrastando, com muita gente, que na cidade alavancou fortunas e exibia uma estudada empáfia.

Logo na entrada, chamava atenção um enorme retrato de Ademar de Barros na parede e uma evocativa

fotografia familiar com a legenda: Meu neto, dê cá teu neto.

Pedro Pixaco era muito amigo do proprietário. De certa feita lá aparece, e vai direto ao assunto: pede-lhe 100 cruzeiros emprestado, desejando, com este valor, se envolver numa trama, e pegar “um besta”. Afirmava que, logo cedo no dia seguinte, devolveria a importância. Pedro é prontamente atendido.

O contumaz trapaceiro não cumpre a sua parte, e só dois meses depois é que aparece pelo salão.

Lula, se surpreende com a visita, e vai logo indagando:

- Mas, Pedro, e o meu dinheiro? Por que faltou com a palavra?

Pedro, na maior tranquilidade, exclama:

- Não era para pegar um besta? Estou falando com ele: é você!

Lula possuía um papagaio bem-falante, lá mesmo, na sinuca. Uma ocasião, Pedro se achava no salão, e um português fica encantado com a ave, manifestando o desejo de adquirir um exemplar tão representativo de nossa fauna.

O malandro genial se aproxima do lusitano e promete lhe arranjar um belíssimo papagaio. O preço é logo acertado. Pedro cai em campo e só conseguiu uma coruja; entrega e recebe o preço estipulado, e o comprador se retira feliz do recinto.

Dias após, aparece no Gato Preto, um pouco decepcionado, lamentando que o seu papagaio não falasse ainda. Se dirigia à ave, ela apenas ouvia, prestava muita atenção, com os olhos bem arregalados.

Pedro, sabedor, manda um recado consolador: Tenha paciência, a qualquer hora, o bicho fala.

O TREZE EM 1950 E MÁRIO, O MAIOR ARTILHEIRO DO NORDESTE

Naquela década doirada, a Rainha da Borborema se orgulhava de seu progresso. O povo trabalhava e se divertia, tinha suas paixões, sendo uma delas o futebol, melhor dizendo: o Galo da Serra estava no coração da torcida.

O Estádio em São José lotado para aplaudir e se emocionar com o esquadrão de craques, em exímias exibições, suplantando adversários vindos de todo Nordeste e também aqueles do Sudeste.

Na equipe, despontava o craque maior, Mário Buchudo, merecendo um destaque justo, um resgate histórico esta legenda futebolística.

O saudoso jogador nasceu nesta cidade em 17 de novembro de 1927 e, no decorrer da existência, mostrava ser uma personalidade singular, profunda inteligência,

retraída, e a natureza para o futebol-arte e de resultados, realizando a proeza de 400 gols.

Iniciou sua brilhante carreira esportiva em 1949, atuando no seu querido e famoso time por 11 anos, se convertendo em seu maior artilheiro e em um dos maiores craques da região. Era um atacante completo, perfeito domínio da pelota, grandiosa visão de gol, estivesse a bola no chão ou em certa altura. O inspirado e genial Mário deixava os defensores para trás, com dribles estonteantes, reflexos rápidos e de seus pés, como um aríete, arremetia a esférica para os fundos da rede. O estádio delirava, e seus companheiros a abraçá-lo: Marinho, Uray, Félix, Ruivo, Arrupiado, o irmão Araújo, Hercílio...

No início de 1990, mesmo um pouco arredio, resolve dar um depoimento a Humberto de Campos, nosso prestigiado, jornalista. Constituindo uma valiosa peça histórica, o filho do famoso craque trezeano, Manoel, presenteou-me com uma cópia. Nela, Mário relata momentos emocionantes e seu gol mais inesquecível: um arremesso tão forte, que a esférica se enrolou toda lá no fundo da rede.

Porém existe uma foto emblemática, em mãos de historiadores da Serra e arquivos, onde o craque

consumado exibe todo seu talento, magia, o gênio futebolístico suspenso no ar, a perseguir o gol, se livrando do adversário que o segurava pela camisa, e o tiro certo atinge o alvo, a bola estufa a rede. Mário, combinava o estilo de Romário e Vavá, o Leão da copa de 58.

Como criatura humana, confessou sua mágoa: o Náutico, em turnê pela Europa, o pede emprestado à diretoria do treze, que recusa a proposta, impedindo ao jogador a excelente oportunidade para se projetar no cenário nacional.

Tomires, o truculento zagueiro do esporte da Mauricéia, que inutilizou Ademir do Vasco, jogando no estádio Getúlio Vargas, ameaçara: “Mário, que se acha um grande atacante, na minha frente se apagará”. O famoso trezeano leva-o ao ridículo em sua genialidade, passando a bola entre as suas pernas e fulminando o goleiro adversário. Recebe o prêmio Belford Duarte, do Recife: nos seus 10 anos de futebol nunca foi expulso e nunca recebeu cartão amarelo.

O saudoso craque exibia outros pendores, fabricava móveis e era exímio alfaiate. Guardava, também, uma mágoa. Equipes de São Paulo desejavam seu passe e houve manobras para impedir.

Faleceu a 28 de agosto de 1994. Se vivo estivesse, estaria orgulhoso de suas duas netas engenheiras.

Figura 1 - Rosendo e Mário, grande ídolo



Figura 2- Mário e O treze



O TREZE E CAMPINENSE, NO PASSADO, E SUAS TORCIDAS

O Galo, durante anos, se consagrou como esquadrão de envergadura, jogando de igual com equipes do Norte e Sudeste.

Na década de 50, exibia um plantel de ouro, reunindo craques famosos; ainda hoje, lembrados; Harry Carey, um goleiro elástico e de muita garra, fora do campo um bom sanfoneiro, este inesquecível pernambucano de Arcoverde.

Mario, um craque consumado, jogava no ataque, delirava a torcida com seus dribles artísticos e chutes violentos, certos, faziam furor, ajudou o clube querido a colecionar muitas conquistas, junto com aqueles companheiros inesquecíveis, o mano Mário Araújo, Josias, Uray, Ruivo, Zé Pequeno, Marinho, Hercílio, Zé Luiz e tantos outros; jogando com muito amor ao clube.

Tempos depois, surge o Campinense, convertendo-se logo em uma forte equipe na serra, cada qual contando com

ruidosa, provocativa, imensa e organizada torcida. Havia, por conta disso, muitos excessos, no calor, exaltação por parte, de elementos, destas torcidas, e em alguns momentos, partiam para enfrentamentos físicos, diante do descontrole emocional.

Uma ocasião, dois aficionados da Raposa, corpulentos, de porte atlético avantajado, e com ajuda de outros amigos partiram para cima de um grupo de trezeanos e na vantagem física, bateram, machucaram bastante o pessoal do Galo, que, inconformados, prometeram vindita.

E exatamente, à noite, no Clube Ipiranga, ao tempo, funcionando na Jovino do Ó, lá estavam os representantes das duas torcidas, a beber, se divertir. Os rapazes do Galo levavam porretes, bem disfarçados e esperavam a hora para o revide.

Aguardavam apenas uma provocação dos valentões adversários, sobrevivendo aquela, partiram para o confronto e o cacete comeu, o salão se converteu numa praça de guerra, mesas quebradas, estilhaços de garrafas. Em pânico, a diretoria, aciona a polícia, que logo chega a patrulha, comandada pelo intemorato Cabo vaqueiro, um torcedor apaixonado do Treze, e assim, o lado trezeano,

busca tirar partido, apressando em dizer ao militar que tudo aquilo fora obra do pessoal raposeiro. E não deu outra, os valentões da galera campinense foram parar no xilindró. Tudo evoluiu, e hoje, no setor esportivo, no que as toca, as torcidas da Serra, são comportadas, civilizadas, se xingam, se respeitam, oferecendo assim, um exemplo para o resto do País.

TORCEDORES, APAIXONADOS DO TREZE E CAMPINENSE

O Treze durante muitos anos reinava só, no futebol da terra, esse consagrou, como uma das grandes equipes do Norte, o colosso do São José, levava a multidão presente ao estádio a um delírio; na década de 1950, exibia um plantel de ouro, eram famosos seus craques, que ainda hoje, são lembrados com saudade.

Harry Carrey, um goleiro elástico, e, fora do campo, um bom sanfoneiro, este inesquecível pernambucano de Arcoverde, Mário Araújo, Josias, Ura, Ruivo, Zé Pequeno, Marinho, Arrupiado, e tantos outros, craques consumados que jogavam com amor ou clube.

Depois, surge o Campinense, tornando-se logo uma força futebolística, cada qual contando com uma ruidosa, imensa e provocante torcida, e bem organizada.

Era também o auge do futebol, na Serra; nos dias dos prélios, havia um espetáculo vistoso, os aficionados vestiam as camisas dos respectivos clubes, o comércio faturava bem, principalmente o setor de bebidas.

Havia muitos excessos, por parte de elementos das duas torcidas. Numa ocasião, 2 aficionados campinenses, Getúlio e Guaracy, ambos, eram atléticos, de porte físico avantajado, e com ajuda de outros amigos, partiram para cima de um grupo de trezeanos, também exaltados e na vantagem física, bateram, machucaram bastante o pessoal do Galo, que, inconformados prometeram vingança.

E, exatamente, à noite no Clube Ipiranga, muito popular na época, e ao tempo funcionava na rua Jovino do Ó, os representantes das duas torcidas lá estavam; numa mesa, bebendo se encontravam Geneton e Guaracy.

Os trezeanos levaram porretes bem disfarçados e esperavam a hora para o revide, que não tardou. Aguardavam apenas uma provocação daqueles valentões, sobrevivendo esta, partiram para o confronto, e o cacete comeu; o clube converteu-se numa praça de guerra, mesas quebradas, estilhaços de garrafas etc.

Em pânico, a diretoria aciona a polícia, que logo chega, e para felicidade dos já afoitos trezeanos, o cabo que

comandava a patrulha era um torcedor apaixonado do nosso Galo, e logo, os aficionados trezeanos apressaram em fazer ciente ao militar, que tudo aquilo fora obra daqueles rapazes do Clube raposeiro.

Não deu outra, os valentões da galera campinense foram parar no xilindró; o nome do cabo da patrulha era “Vaqueiro”.

Fiódor Dostoiévski, o gigante da literatura afirmava existir no mundo, aquela pequena e pródiga parcela de criaturas, os extraordinários, sua missão, empenhar-se em transformar para melhor o mundo e disseminando idéias, e convicto estou que doutor Antônio Vital do Rego foi um destes iluminados.

Recordo um encontro com doutor Vital, na missa de 7º dia do sogro Pedro Moreno Gondim, na Igreja, na João Moura, convidou-me a sentar-se ao seu lado. No final da celebração, deixou-me a comovente mensagem que escreveu numa sentida homenagem póstuma ao seu sogro ilustre, que aliás dias depois, o diário da Borborema trazia uma crônica minha sobre o saudoso Pedro Gondim que governou nosso estado.

Peço vênica, para publicar, o pequeno trecho da luminosa peça que o tribuno redigiu num momento

inspirado e saudoso, a homenagear o sogro famoso: indiferente ao apogeu do poder que não diminuiu a humildade, e acima das injustiças que arrastou com impávida e serena dignidade, não conheceu o ódio, só o amor e, tu, Vital, o genro conspícuo do memorável Pedro, estas palavras também te calham bem e juntos ajudaram a fazer grande nossa pequena Paraíba.

PRAÇA DA BANDEIRA, ANOS 1950

Em lugar do moderno logradouro, de hoje, existia, um imenso espaço, de terra, ladeado pelas avenidas, em paralelepípedos. O local servia para retumbantes eventos, como a Festa da Mocidade, e comícios memoráveis, a lembrar o de José Américo, na campanha de 1950 onde uma gigantesca multidão se comprimia para ouvir o iluminado político paraibano, já um nome nacional; retornava ao estado, para governá-lo, numa administração brilhante e fecunda.

A cidade, vivia, à época, o apogeu do ouro branco, as usinas de algodão, funcionavam a todo vapor, e a noite fervilhava.

A Praça da Bandeira, num trecho, até hoje, lembrado pelos antigos, apresentava um comércio, de acentuado lazer e serviços. Vizinho ao edifício ESIAL, funcionava 1060, o salão de sinuca, não fechava as portas,

o seu gerente, Biuzinho, alto, esguio, de muita moral, e amigo de todos, tinha uma paixão, o Flamengo; figura excepcional, marcou época, tempos depois, tornou-se funcionário do IPASE.

Ao longo do tempo, granjeei-lhe a amizade, e quando comecei, minhas pesquisas sobre a história campinense, procurei-o para conversas, se emocionara, e estivera a prometer-me um almoço; infelizmente, o grande Biuzinho, campinense da gema, neste interregno, sucumbiu, deixando tristeza e saudades.

No salão famoso, se exibiam os campeões de sinuca, Paulo Arruda, e o jovem Ary, dando um show à parte.

Outro salão famoso, o de Bióca, este introduziu a pelota em nossa cidade, e dedicou toda a sua longa existência ao clube trezeano, sendo um de seus maiores benfeitores.

Havia ainda o bar e salão Gato Preto, de Lula, um cavalheiro, na acepção da palavra, muito educado, bem-humorado, recebia a clientela com um cortês sorriso, um campinense do mais alto quilate, nos anos dourados da Borborema. Ao lado do 1060, funcionou a luxuosa barbearia de Luiz Rodrigues, Chá preto, integrava a seleta

equipe da tesoura, muito conhecido por sua verve e chistes. Luís Rodrigues nascera em Santa Luzia, em 1930, ano da revolução, comprou 4 cadeiras em São Paulo, iniciando de fato, a longa e competente profissão. Na rainha da Borborema, contou-me envaidecido, Argemiro de Figueiredo era um de seus clientes. Na esquina, onde hoje existe uma farmácia, funcionava o famoso bar de Wilson Raposo, com seu caldo de cana e sonhos. Na sexta-feira santa, exibia um Judas, no alto do frontal, um público considerável prestigiava a brincadeira, aguardando a malhação do Judas.

É gratificante resgatar estes conterrâneos que ajudaram a moldar seu berço, compor sua alma.

RUA MONSENHOR SALES

Era conhecida, na antiguidade como Beco de Zé Bernadinho e beco do atoleiro. Já exibia um intenso comércio desde tempos imemoráveis, constituindo uma extensão da grande feira, existente na rua da Independência, hoje a artéria Maciel Pinheiro. Aliás, numa exposição de fotos históricas de nossa cidade, na entrada da FACISA, existe uma belíssima foto desta feira no início do século XX.

Para este pequeno segmento urbano ocorria numerosa gente, comboios e tropeiros de todos os quadrantes, buscando este destino para suas trocas e negócios, nos dias de feira, a rua regurgitava de pessoas e

nela havia quiosques, bodegas, casa de arreios e redes artesanais.

Quando chovia, transformava-se num atoleiro, e viam-se amiúde, criaturas miseráveis, prostitutas, doidos, chagosos, aleijados, o contingente de sempre a quem o destino deu-lhe as costas. Segundo este pensamento de Joaquim Nabuco.

No início do século XX já funcionava o hotel de Zé Bernardino, famoso pela verve do proprietário e a sujeira que ostentava; a cozinha dava para cocheiras, onde os cavalos enfiavam as cabeças pelas janelas para apreciar o seu interior, as pessoas a comer.

Por trás destas rústicas estrebarias havia um terreno baldio coberto de carrapateiras, exatamente, onde hoje está instalado o edifício de Newton Rique; neste local os feirantes atendiam suas necessidades, depois de se empanturrar com macaxeiras, cozidos, picados, tapiocas de tamanho exagerado, tudo na base de muita graxa.

E bem ao lado, viam-se em toscas barracas, solícitos ferreiros, atender aquela prosaica gente, fazendo estribos, ferraduras e outros acessórios para selas.

Lá pelos idos de 1940, circulava por este trecho a rainha Joana dormindo sob as primeiras marquises, a vagar também pela extensa Rua João Pessoa.

O grandioso memorialista campinense Cristiano Pimentel, resgatou de forma brilhante, o nosso passado, doublé das letras e atividade comercial, hoje, um pouco esquecido, o telúrico que não cansava de exaltar sua cidade; fundara já década de 1920, nesta artéria famosa, a Fruteira, onde era mais, um recanto a reunir os poetas e os bons *vivants*, uma espécie de casa da cultura, dos intelectuais do burgo empreendedor, que sonhava grande e caminhava a passos longos rumo ao progresso inelutável.

SÃO JOÃO DO PASSADO, A CULTURA POPULAR

Há quase um século, a noite do santo, de tantas tradições, as ruas de nossa cidade, eram uma festa só, e também de muito fervor. As fogueiras crepitavam e os balões ardiam alumando o espaço.

Na Rua Independência, primitivo nome da Maciel Pinheiro, as famílias ali residentes caprichavam nas fogueiras e comidas típicas à base do milho. O nosso ilustre campinense, Hortêncio Ribeiro, o advogado com alma humanista, pintou, através dos olhos da criança que fora, a festa assim tão comemorada, plena de luzes e superstições.

No início do século passado, o menino Hortêncio Ribeiro, residia, na esquina da Independência com a hoje

Cardoso Vieira, denominada, ao tempo de beco de João Ribeiro, em homenagem ao seu genitor e onde se situava a famosa casa comercial de secos e molhados e servindo de residência para sua família.

Ele relembra, quando menino, o carro de boi trazendo pesada carga de toras de madeiras, das matas próximas, na Prata e Bodocongó, e descarregando em frente da casa; dava-se, logo, início à montagem da imensa fogueira e o patriarca João Ribeiro comandava toda essa operação ritualística.

No espírito desta figura campinense, tão marcante na cidade, se plantara a superstição que lhe inculcava a negra Chica, de que o diabo vinha dançar no terreiro das casas onde não haviam fogueiras, em homenagem ao santo festeiro.

Na fazenda do meu avô, em Guarabira, lembro-me bem, ao amanhecer, antes da ordenha, munido de um tição da fogueira, cuidava em desenhar uma cruz enorme nas portas de fora para trazer sorte e espantar os energúmenos.

E as moçoilas, aguardavam a chegada da noite luminosa por um motivo especial: botar fé no santo e recorrer às simpatias, acreditando no milagre, conhecer o seu futuro marido que indubitavelmente surgiria do ritual

já bastante tradicional: às pressas, nervosa e esperançosa, a jovem munida de uma faca, lá pelo quintal ou no campo, cuidava em enfiá-la na bananeira, e aguardar que o líquido a escorrer, escrevesse o nome de seu príncipe encantado que a tempos embalava seus sonhos.

Outra simpatia infalível, sobre a mesa, uma bacia com água e duas agulhas à sobrenadar na superfície; as jovens na maior expectativa aguardavam que as mesmas se unissem e o milagre acontecendo, isto é, podia pintar um casório no pedaço, as salvando do caritó.

ANTIGOS MESTRES

Constituíam, nos idos de 1950, uma plêiade de professores, que se caracterizava pelo domínio completo da matéria, ensinava por amor e possuía a vocação nata para o magistério. Eram, em suma, homens, que gozavam de grande respeito na sociedade campinense, honravam a profissão e prepararam com decência e vasto cabedal, inúmeras gerações abrindo-lhes o caminho promissor do futuro.

Aluno do Pio XI e Colégio Estadual da Prata, tive o privilégio, a honra, de contar em salas de aula, com estes valorosos e abnegados mestres.

Professor Almeida, parece que o estou vendo, alto, elegante, sempre de terno branco, gravata borboleta, tinha a seu cargo a disciplina de ciências, chegava lépido na sala,

mal sentava, atrás do birô, dava início à chamada e em seguida, com seu vozeirão e gestos teatrais, dava início à aula; nos ensinou anatomia humana, com se distribuíam os órgãos e suas nobres funções. Gostava da disciplina e a discorria, com eficiência e entusiasmo.

De resto, participava da vida social, de nossa cidade, e ficou famoso como um dançarino da valsa.

Paralelamente às suas atividades magisteriais, era funcionário do antigo grupo Cariri, repartição, ligada a projetos da terra, funcionando naquele tempo, onde hoje está o Museu, e que no século XIX sediou a cadeia pública, onde a história registrou a presença do ilustre Frei Caneca, por alguns dias, e trazido do Ceará pelas forças do governo imperial.

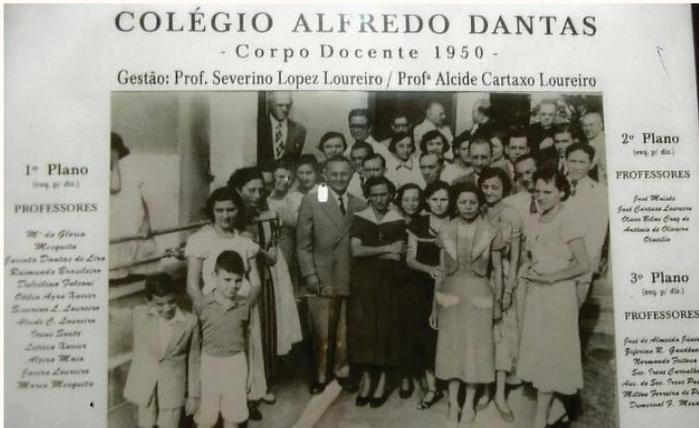
A cadeira da história estava a cargo de Normando, profundo conhecedor desta disciplina e da geografia. Míope, usava óculos de lentes grossas. Iniciava o assunto, como que inspirado, numa dicção impecável, o mundo antigo, clássico, para ele não tinha segredo. Com este notável mestre, travamos conhecimento do mundo grego e a fabulosa Roma, as façanhas do grande César, *Alea jacta est* e de Belo Gálico. Lembro-me, quando no capítulo dos bárbaros, nos chamou atenção para os celtas que

salpicaram o seu sangue na península ibérica e chegaram até nós através dos lusitanos, que plantaram, neste continente, a civilização tropical, de altos e baixos.

Nessa viagem, no tempo, dá-nos saudades, as suas elucubrações magistrais. Ensinou-nos que a história é a mestra da vida, e coitado dos pósteros que a ignorarem.

Criatura de muito talento, densa cultura, formou-se em Direito, e ingressa mais tarde no Ministério Público, o promotor a realçar ainda mais sua biografia.

É justo lembrar também o antigo mestre Dr. Josemir, formado em Química, que lecionou esta disciplina no Colégio Elpídio de Almeida – PRATA. De fala mansa, muito educado, personalidade invulgar, um caráter nobre.



Mestres antigos de Campina Grande

O VALENTÃO SEVERINO MARTINS, TEMIDO NA REGIÃO

Era filho de Juarez Távora, possuía um caminhão, trazia daquela cidade, para Campina Grande, muito algodão e transportou bastante açúcar de Artur Freire.

Conta-se, que, ao chegar à Estação Velha, carregado com o ouro branco, já havia uma fila enorme de caminhões, ele não respeitava, e quando, em frente do chefe que recebia a mercadoria, sacava de uma peixeira, cortava as cordas, e arriava todos os fardos, e falava, para o homem: já pesei tudo, antes de viajar, está aqui o total, depois, eu passo para receber o dinheiro, se quiser, pode conferir o peso. Silêncio total, ninguém reclamava, todos conheciam a fera.

Para encher os seus caminhões de açúcar, a fila enorme tomava a rua Padre Azevedo e contornava a João Pessoa aguardava-se com paciência sua vez, o Valentão ignorava este procedimento, e estacionava a máquina, na porta do armazém. Artur Freire já o conhecia. Uma ocasião, um caminhoneiro, reclamou não perdeu a vida pela pronta intervenção do proprietário.

Foi protagonista de muitas outras façanhas, esta temida criatura, morena, e de baixa estatura.

Viajava muito, na boleia de sua máquina, trafegando pelo Sul, como também as estradas poeirentas e desconfortáveis do sertão e outras regiões do estado.

Relatou-me, um amigo, funcionário do DNOCS, este caso, onde só, desafiou uma multidão.

Viajava, na boleia de um caminhão desta estatal com o motorista.

Na carroceria se encontrava um comboio de candangos alegres e inconvenientes, xingando as pessoas dos automóveis que ocasionalmente os cruzavam.

Era uma estrada do sertão, e eis que um caminhão mais veloz ultrapassa o veículo da repartição.

Um candango mais afoito grita: filho da puta.

Mais na frente um caminhão atravessando forçou a parada de veículo da patuleia assanhada.

E, advinha, quem desceu da máquina, e já com um revólver à mão?

Pois e, nada menos que Severino Martins.

Aproxima-se do motorista e exclama:

- Não tenho nada contra vocês; meu negócio é com estes safados aí de cima.

E, de pronto, grita para os mesmos:

- Qual foi o safado que gritou o palavrão comigo?

O ambiente era de silêncio e medo.

Esbravejou!

- Alguém de você, pode me dizer quem foi?

Ante o silêncio do grupo o acuado, arrematou!

- Vocês todos são uns safados e filhas da puta, todos.

Se dirigiu, mais uma vez aos homens da frente, pediu desculpas e foi embora.

Era assim este jaguar humano, na época, um dos homens mais bravos da região.

Morreu em Juarez Távora, num tiroteio com a polícia, era um domingo, dia da feira, se convertendo, num verdadeiro campo de batalha.

Comenta-se que dezenas de feirantes se esconderam em caçoás, e o chão ficara como um tapete branco provocado pelos sacos de farinha, furados a bala, na luta renhida travada entre os defensores da lei e este homem cuja lei era sua bravura.

RONALDO CUNHA LIMA, O POLÍTICO E A POESIA

Um líder político de afortunado carisma, sabia conduzir a massa que o aclamava e recebendo os aplausos e confiança de sua gente.

Ronaldo tornou-se assim, um fenômeno político, vocação nata, e a natureza que lhe foi pródiga, lhe dotou do estro poético, onde foi mestre e sobrava emoções.

A sua história, desde pequeno, constitui um exemplo de dedicação e vontade, utilizando magistrais ferramentas como o trabalho e audácia, a superar todos os óbices.

Razão tinham os latinos quando afirmavam: *Au daces fortuna juvat*. A sorte ajuda os audazes.

Atento aos estudos, foi aluno do saudoso colégio Pio XI, inteligência privilegiada, talento oratório, o adolescente desinibido e inspirado já discursava, em

alguma solenidade, se transfere depois para o Colégio do Estadual da Prata. Fui seu contemporâneo e aluno em ambos educandários.

Inicia a vida pública em 1969, se elegendo vereador e deputado estadual em 1962, cassado pelo golpe, com a redemocratização retorna triunfal à Rainha da Borborema, se elegendo prefeito da cidade, a sua Rainha da Borborema e em seguida governador, se instalando no Palácio da Redenção e ainda, pela vontade do povo, é eleito Senador da República.

Criatura talhada, a capricho, para o elevado labor da mente a poesia está em seus versos improvisados, que estão reunidos em um livro e seu nome reconhecido pelo país.

Quando estive em Brasília divulgando meu livro sobre Guarabira, um resgate histórico, fui recebido na Academia de Letras da capital do país, onde havia uma solenidade, os membros da Augusta Casa da Cultura se referiam de modo elogioso ao poeta Ronaldo, o consagrado político e inspirado vate faleceu a 7 de julho de 2012.

ALFAIATE HENRIQUE

Um dos primeiros alfaiates da Borborema, nascendo em 5 de junho de 1924 em nossa cidade. O genitor Manoel Henrique de França residia no bairro São José, o antigo e histórico bairro, havendo ali, dezenas de ferreiros, tendo o seu antepassado exercido esta profissão. Na retaguarda deste primitivo setor urbano se achava o Açude Novo. Os tropeiros vindos dos sertões e outras longínquas paragens encontravam neste reservatório o refrigério necessário para si e seus animais, e a vegetação abundante garantia a ração da animália.

A mãe de Henrique, Josefa Bastos Henrique procedia do Maracajá, para os lados de Galante. Seus ancestrais eram detentores de terras. O avô materno José, desbravador, deixa por um tempo seu Maracajá, e adquire, com outra pessoa, uma terra no Serrotão, e juntos, passam

a fornecer dormentes, para a estrada de ferro que em breve traria o trem à Rainha da Borborema, ainda na primeira década do século XX. Após breve prosperidade, concluído o caminho férreo, seu antepassado vende sua parte ao sócio e regressa ao torrão primitivo.

O menino Henrique criou-se no São José, estudando as primeiras letras, numa escola, na Praça do Trabalho com o professor Luiz Correia. Já em 1936, estava no colégio Alfredo Dantas; foram ali seus colegas, Antônio Lucena e Álvaro Câmara, este filho de Cristiano Pimentel, que abraçou a carreira militar, seguindo para as Agulhas Negras.

A mãe, para ocupá-lo à tarde, encorajou-o a aprender a arte de alfaiate com José Inácio. Tinha só 12 anos: inteligente, precoce, logo, domina o ofício da elegância masculina, passando pela alfaiataria Universal, e em 1940, era oficial de alfaiate.

Trabalhou 2 anos no Recife, em duas casas famosas, a Paris e Londres. Em 1960 monta sua alfaiataria, na rua Monsenhor Sales, a 30 de maio, e nesta mesma data, em 2004, encerra suas atividades.

Relatou-me curiosidades do ofício, a casimira, tropical e o brim eram os tecidos da época dourada, o

blazer, anteriormente era de uso restrito da aristocracia, mormente, a inglesa, presente no *jockey*, no esporte hípico, a vestimenta elegante com seus botões dourados, espécie de jaquetão aberto atrás. Foram seus clientes, vultos importantes da cidade, como Argemiro de Figueiredo e Elpídio de Almeida. O alfaiate Henrique, ilustra nossa história, o filho da Rainha da Borborema, conheceu e viveu com amor o seu torrão, inteligente, culto, apreciando uma boa leitura.

CLÓVIS DE MELO, UMA NOBREZA DE CARÁTER

Campina Grande, ainda traumatizada, pranteia a grande ausência, o desaparecimento abrupto do jornalista estimado e esmagado no asfalto pela máquina da morte em que de repente se converte o automóvel.

Era uma personalidade rica e versátil e mercê de uma fulgurosa inteligência e dedicação incansável ao trabalho construiu com dignidade um patrimônio suficiente para manter a família; era um homem muito voltado para as coisas do espírito e cultor do humanismo acreditando sempre e apesar de tudo nos valores maiores do homem.

Deixou uma lacuna enorme na radiofonia, onde dedicou a maior parte de sua vida. Possuía uma

personalidade cativante e era uma pessoa agradável para uma conversação ao mesmo tempo rica e amena. Conheci-o há alguns anos através de um amigo comum e encantou-me a presença daquele homem, cujas qualidades me fascinaram de pronto: inteligência, humildade, simpatia e uma soberba educação. Que beleza de alma, uma vida ornada de tão excelsos sentimentos, só fê-lo crescer diante da sociedade campinense que o respeitava e o admirava.

Mantivemos longos papos, os cumprimentos já não bastavam, e ao nos cruzarmos por estas avenidas da vida e do destino, era preciso uma breve parada, e lá se ia um dedo de prosa, e os temas se debulhavam e vários, religião, política, a filosofia do dia a dia, as piadas e outras amenidades.

Era um prazer imenso conversar com este jornalista e poeta, um poeta cético, mas sua brilhante verve o fazia encarar ainda com esperança e sábia tolerância as injustiças e incongruências do mundo atual.

Não tinha o rei na barriga como amiúde acontece, porém era um príncipe todo no trato com seus colegas.

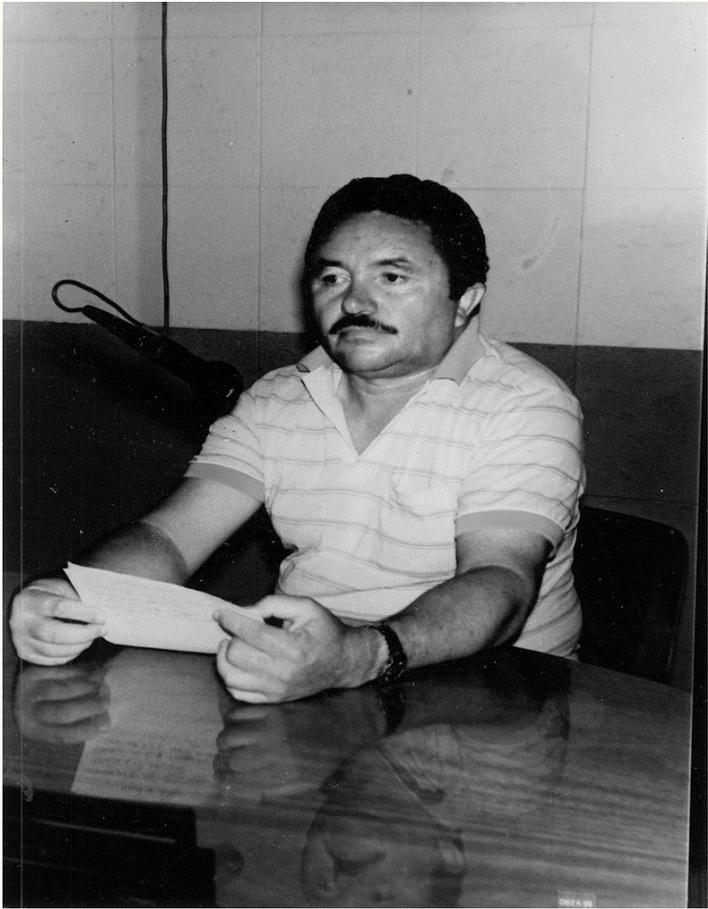
Diógenes, desesperado, procurava, à luz do dia, com uma lanterna à mão nas ruas de Atenas, um homem;

em nossa cidade com certeza ser-lhe-ia apresentado Clóvis de Melo.

Que surpresa e mistério rondam a vida; o destino é esta mão invisível que nos manipula para o bem ou para o mal.

Na 4ª Feira de Cinzas tivemos o nosso último encontro, e o cenário foi a Praça da Bandeira.

Uma alma grandiosa e justa, cuja vida foi arrancada do nosso convívio, mas será sempre lembrada com respeito e carinho pelos familiares e a sua legião de amigos.



Clóvis de Melo

DOUTOR JÚLIO, MUITO TALENTO E REVERÊNCIA

Funcionário aposentado do Bando do Nordeste, mercê de muito esforço e inteligência, pode saborear o merecido triunfo.

Loquaz, simpático, ganhou o respeito e a admiração da sociedade campinense.

Campinense autêntico, em seus tempos juvenis, jogou pelo consagrado time amadorista, o Internacional, atuando ao lado do meu irmão Edvaldo, naqueles bons tempos, cujo plantel estava sob a direção do saudoso médico e professor doutor Videres.

Ainda como funcionário, Júlio se forma em Direito, e passa a dar o seu concurso jurídico no Ministério do Trabalho, no setor campinense. É o coroamento de

toda uma carreira, do estimado conterrâneo, residente no Bairro de Santo Antônio.

Solícito e entusiasmado, a ele devemos algumas saborosas estórias acontecidas em nossa cidade, de seus tipos e figuras inesquecíveis.

Num dado momento, vê-se, envolvido num torvelinho de amargura e aborrecimento; o novo gerente da agência bancária, Antônio Ernane Cacique de New York, homem de cor, vindo do Maranhão, lhe move sagaz e gratuita perseguição, nascida do despeito.

O homem resolve lhe transferir para a Bahia. Júlio não se conforma e, com altivez e dignidade, permanece na cidade e não comparece à agência para trabalhar. Entra com uma ação, alegando seu direito de continuar em sua cidade. A remoção, sem dúvida, constituiria um desastre para a sua vida profissional.

Um belo dia se dirige ao Banco, disposto a uma conversa com o gerente. Ao avistá-lo, o superior é tomado de surpresa, e Júlio vai logo desfiando este patético diálogo: Olha; eu vim até aqui para lhe agradecer. Depois de pensar muito, achei acertada sua medida, em me transferir para o estado da Bahia. Até o senhor podia

pensar em trabalhar lá também, pois a Bahia é a terra dos crioulos e dá muito certo para nós dois.

O certo é que Júlio desabafou. A mágoa era grande diante da injustiça, pois tudo era produto da inveja do chefe.

Continuou em Campina Grande e ganhou a questão.

Um dia, um cliente chega ao Banco e se dirige à Júlio, nestes termos:

- Moreno, como posso fazer um empréstimo?

Ele dispara a resposta:

- Pode me chamar de negro, pois eu não sou gerente e nem dono do banco.

De outra feita, um cliente folgado, lhe fala assim:
Procure aí um título meu.

Júlio não deixou por menos:

- Meu de que? Diga o resto do nome.

GUSMÃO, SAUDADES DO SERESTEIRO

A nossa cidade perdeu um de seus mais estimados conterrâneos, o seresteiro Antonio Ramos Guarita que a cidade carinhosamente conhecia por Gusmão. Filho da Borborema que amou tanto a cidade e nos seus anos doirados, encantou-a com suas serestas, granjeando milhares de admiradores. É nosso dever preservarmos sua memória, o poeta da canção romântica, aquela criatura de rico perfil humanístico, talento excepcional, e tão simples quanto educadíssimo. Em vida teve a emoção e o gaudium do reconhecimento, recebendo uma homenagem em 1992 pelo bloco da saudade, no carnaval campinense sob a supervisão da professora Eneida Agra.

Para garantir a sobrevivência esteve durante anos trabalhando no comércio, mais precisamente na casa Elite,

de Geraldo Borborema, sapataria conceituada na época, onde estive como sócio; atendia a clientela campinense com toda lhanza e prestimosidade, era um gentleman nato.

Gusmão, personalidade singular, possuía a nobreza de caráter, irradiando imensa simpatia, construindo inúmeros amigos em todas as camadas sociais.

Culto, versátil, mantinha o segredo de olhar com os olhos da bondade e uma aura de poeta, os melhores ângulos da vida, o lado simples e virtuoso, seguindo a risca aquele pensamento de Pablo Neruda: as pequenas coisas é que fazem grande a vida.

Conhecia-o de perto, e durante os seus últimos anos consolidamos uma robusta e fraterna amizade, e aprendi muito com o poeta da música e mestre apaixonado da vida.

Recordava sempre com emoção e incontido prazer seu encontro com o seresteiro Silvio Caldas em 1970, em Patos, cantando em dueto com o renomado artista da canção brasileira.

Deixa a viúva Maria da Guia Almeida; logo após o infortúnio estivemos conversando, estava inconsolável,

saudades infindas e doces lembranças do adorável companheiro.

Esta pérola de criatura que, como disse a jornalista Adelma Irineu, sua amiga, plantou o amor, teve o carinho da família, e semeou bons frutos, um cidadão que nos orgulha.



Antonio Gusmão

HORTÊNCIO RIBEIRO

Uns dos filhos mais ilustres de Campina Grande, apaixonado pela terra, aqui nasceu em 31 de dezembro de 1885; seu genitor um avultado comerciante estabelecido; na antiga rua da gameleira e início da hoje Cardoso Viera.

Formado em direito no Rio de Janeiro em 1918, de posse do diploma, permanece algum tempo na capital da república, e não resistindo ao apelo telúrico, logo retorna ao seu torrão querido, iniciando uma fecunda, brilhante carreira, como advogado, jornalista, no magistério, e um pendor exuberante para as letras, constituindo uma criatura, talhada a capricho para o elevado laboratório da mente.

Foi um homem, assim de múltiplas facetas, cumprindo ressaltar, que Hortêncio Ribeiro converteu-se em nosso meio, em um dos maiores cultores do positivismo, conhecendo profundamente a obra de Augusto Conte e Teixeira Mendes.

Quando da inauguração do Colosso da Prata, o ilustre campinense, integrou o seletto grupo de mestres, ao lado de outros memoráveis. Dentre tantos, Dr. Videris, professor Almeida, Normando Gioia, Josemir, João Viana, professor Oliveira, Dumerval Trigeiro, monstros sagrados do magistério paraibano.

Fui seu aluno naquela década áurea de 1950, ministrava história, a discorria com profunda competência e imenso prazer, muito tolerante, exibindo uma aura paternal, suas admiráveis crônicas, é um rico acervo jornalístico, elaborado ao longo dos anos, estão reunidas no livro Vultos e Fatos; estou sempre a reler aquela leitura prazerosa e que emociona.

No livro, aquele coração telúrico, pintou, em traços reluzentes, o passado da terra, recompõe o nosso grandioso passado, as figuras ilustres, tipos populares, o mundo do trem e os carnavais das serpentinas.

A sua crônica Galliene, de muita inspiração, na pena magistral do ínclito campinense num estilo elegante e riqueza vocabular, revelando uma alma doce e sensível, abordando, de maneira comovente, o imprevisível e ignoto destino dos homens que tanto atormentava os gregos.

No livro que lancei recentemente, 'Guarabira, um olhar sobre o passado, cito trechos do ilustre escritor, quando aborda o episódio da prisão do frei Caneca, permanecendo detido por alguns dias na cadeia de Campina Grande, onde hoje funciona o museu.

Foi um dos fundares da Academia Paraibana de Letras, e criando em 1938, em nossa cidade o Centro Campinense de Cultura.

Tive a honra de assistir na academia campinense de letras à homenagem, a este grande vulto, onde sua renomada filha Rosália Maria fez um discurso emocionado, à memória do pai.



Dr. Hortêncio de Souza Ribeiro

JOSÉ PRAEIRO

Conhecido como Zequinha, nasceu em Araruna em 13 de agosto de 1915, esta criatura de origem campesina de mãos calejadas.

Na sua fazenda naquele município, plantava sisal, o produto era vendido a Beija Maranhão, seu grande amigo.

Em 1943 chega à Campina Grande em plena segunda guerra, onde já tinha um primo Francisco Confessor, que negociava com carne.

Aqui, com o apoio do parente, instala um açougue, a cidade em pleno crescimento, o negócio prosperava, a após um ano, traz a família, prole numerosa, primeiro endereço, a rua Quebra Quilos, se mudando depois para Santo Antonio.

Comprava o gado a Giló, e amizade consolidada, viajava com o mesmo para Patos, toda quarta feira, adquirindo um rebanho de 100 a 150 rezes a doutor Clóvis

Sátiro; durante a engorda o gado vinha tocado por 4 tangerinos, levava alguns dias para chegar a nossa cidade.

Chegou a possuir 10 boxes no mercado central, abatendo 40 bois por semana, prosperou no ramo que abraçou, construiu grandes amizades, e humanista, generoso, ajudou muita gente, parentes e amigos. Em 1951 compra, o primeiro carro Ford a Afonso Agra.

Privou da amizade de Doutor Elpídio de Almeida, se engajando em sua campanha para prefeito em 1947 e em 1950 estava com José Américo, participando de comícios e passeatas.

Na administração de Elpídio de Almeida e Plínio Lemos fornecia carne verde para a maternidade.

Na campanha de 1963, eleito Newton Rique, voltou a fornecer carne à Maternidade e Pronto Socorro e nomeado diretor do Matadouro Público.

Em 1952, chega à Campina o alemão Willy Steinmuller, se aproxima de Zequinha que lhe consegue um ponto no mercado, logo o apresenta a Newton Rique, conseguindo, de logo, um empréstimo para instalar o seu famoso Chopp, na rua Barão do Abiaí.

Personalidade admirável, este empresário, de visão socialista, era um brizolista assumido.

Em 1962, com os amigos Figueiredo Agra, Oliveiros Oliveira, esteve no comício das ligas camponesas em Sapé, onde se achava presente o Presidente João Goulart.

Vindo o golpe militar, o presidente deposto, Newton Rique, cassado em 1964, Zequinha e dois filhos são presos pela polícia militar no matadouro público em Bodocongó, ficando 5 dias no quartel do exército e depois, o da polícia, em seguida liberados. O comandante era o Coronel Otávio Ferreira de Queiroz.

Em 1958 é inaugurada a primeira adutora, o presidente Juscelino libera os recursos para a concretização deste anseio reclamado pela população; a estátua foi um presente de nosso povo, através de doações, à frente o estimado campinense Alvinho Pimentel, o amigo Zequinha o ajudou nesta honrosa empreitada. Após a inauguração, o presidente Juscelino acompanhado de uma multidão, caminha, em direção a rua João Suassuna, para inaugurar as instalações de Noujaim Habib, o filho Zequinha Peixoto, acompanha o genitor nesta caravana cívica.

Faleceu o estimado campinense a 15 de outubro de 1996, aos 89 anos.



José Praieiro

JOÃO VERMELHO, TRAGÉDIA EM CAMPINA E UM DOS MAIORES ERROS JUDICIÁRIO DO PAÍS

No dia 6 de junho de 1915, num sábado à noite, foi assassinado o poeta e jornalista José Alves Sobrinho. Trabalhava para o jornal Correio de Campina, funcionando na Rua Monsenhor Sales, fundado pelo prefeito, o dinamarquês Cristiano Lauritzen.

O jovem desditoso campinense fora abatido selvagemmente por vários facínoras, usando cacetes e punhais. A vítima recebeu 37 punhaladas.

O jornalista vinha da casa do seleiro João Pereira da Silva, de alcunha João Vermelho, que morava na Rua Esfola Bode, atual coronel José André. Nos finais de semana a casa era ponto de encontro de amigos que costumavam se reunir para suas tertúlias, a espairer, sob

o clarão de luar e ao som do violão, a entoar canções e ensaiar alguma cantoria.

A rua Esfola Bode, a desembocar onde hoje está o teatro, apresentava, ao tempo, intenso movimento, acolhendo inúmeros tropeiros; próxima ao Açude Novo, oferecia água abundante para os animais e a área verde muito extensa garantia a comida.

Num lugar ermo, exatamente por detrás do paredão do Cemitério Velho, hoje funcionando o estacionamento do Bradesco, os algozes frios aguardavam o poeta para a empreitada sinistra.

Os desalmados criminosos estavam a cumprir ordens de seus mandantes, que desejavam calar a vítima, que tecia críticas corajosas no jornal pelos desmandos cometidos por aqueles em suas funções públicas.

Por desdita, o principal suspeito do crime foi tido como o anfitrião da noitada, que foi preso de imediato.

Segundo relatos de nossos historiadores, como o eminente campinense Hortêncio Ribeiro - aliás contemporâneo do execrável homicídio e que acompanhou a tragédia e o sofrimento de João Vermelho - atestam que os autores intelectuais foram Pedro Luna e Cícero Siqueira, o senhor do lixo.

Comentando o entristecedor caso, o historiador Hortêncio Ribeiro, numa crônica no jornal A Imprensa, em 11-01-35, e no Diário de Pernambuco, destacou que «A Paraíba estremeceu diante do erro judiciário que aniquilou para sempre a vida moral do seleiro de Campina Grande, conhecido por João Vermelho, jogando-o ao fundo duma prisão, onde dias a fio, torturado a açoites e alimentado a bacalhau sem água, sob a imputação de um crime que não cometeu». Perpetrado o crime, os verdadeiros culpados, ancorados talvez na impunidade, cuidaram logo em espalhar o boato de um crime passional, um possível romance do poeta com a esposa de João Vermelho.

Num ambiente de franco acumpliciamento, onde até o médico lhes favoreceu com um laudo falseado, estava montada a horrenda farsa e assim se dava início ao calvário do pobre seleiro.

Após o famigerado interrogatório, o infeliz e inocente João Vermelho é levado para o suplício, a cadeia pública erguida na hoje Praça Clementino Procópio onde sofreria covarde e monstruosa sessão de tortura, a comer bacalhau sem tomar água, o que iria fatalmente levá-lo à cegueira.

Quando arrastado de sua choupana naquela rua no centro da cidade, a esposa e filhos ao choro, ele apenas exclamava: Será tudo que Deus quiser.

Às vésperas do seu julgamento, ainda segundo Hortêncio Ribeiro, a Providência Divina se manifesta pela boca incontaminada de uma criança. Um menino, sobrinho de um dos mandantes, no quarto onde dormia, numa casa na Rua Afonso Campos, ouviu os algozes comentarem a respeito do nefando crime do jovem poeta, a zombar do miserável seleiro, a ser condenado inocente, parecendo a eles um crime perfeito.

A criança, mais que depressa, numa atitude corajosa deixa a casa, às carreiras, à procura do juiz e relata tudo. De pronto, a reviravolta do processo, a ignomínia será punida, os verdadeiros criminosos são denunciados.

Já cego, o desgarrado do destino nascido em Bananeiras em 1875, o competente seleiro, tão estimado pela povoação campinense, deixa a cadeia e vai esmagar outra Via Crucis. Sem os olhos estará impedido de contemplar a face de sua companheira, que era bonita, e com ajuda desta e as filhas passa a esmolar pelas ruas, no comércio da cidade, granjeando da população enorme estima e carinho.

Muitos campinenses antigos, como o genitor do sucateiro e que mexe com máquinas, meu grande amigo Nivaldo, relatou-me que seu pai o conheceu e contava chorando para os filhos a triste história de João Vermelho, como o faziam, repito, muitos outros que viveram na época.

Ainda nas minhas pesquisas sobre João Vermelho cheguei a contatar na cidade com alguns parentes, como Caixão, roupeiro do Treze, que era seu neto. Combinamos um encontro para uma conversa mais aprofundada em sua casa. Infelizmente, logo faleceu, vítima de um infarto.

Estive depois com o seu filho, que continua com o trabalho do pai, no clube. Um jovem alto, muito simpático, à época fazendo o curso de computação. Muito educado contou-me que as tias falavam do caso de seu bisavô, mas de uma maneira muito vaga.

A impressão que colhi é que a própria família, no decorrer das gerações, optou pelo esquecimento para não se traumatizar.

Há milênios, o filósofo Terêncio já exclamava: Tudo que vem do homem não surpreende. Porém, diante de toda esta tragédia acima narrada, a natureza humana extrapolou uma maldade sem limites.

O doutor Luiz de Lacerda, advogado, antigo enfermeiro que trabalhou com o médico, doutor Bonald Filho, relatou-me que seu genitor, Francisco Januário de Lacerda, procedente de Esperança, possuía uma olaria onde hoje é o supermercado Ideal. Lacerda, ainda menino, conheceu a viúva de João Vermelho. Ela e os filhos trabalhavam na olaria e brincou muito com o seu neto Bolinha, que acompanhava a família. Adiantou-me que a viúva era uma mulher alva, ainda bonita, apesar dos anos e todo o sofrimento.

Ao tempo do crime, Doutor José Américo de Almeida era Procurador do Estado e solicitou a liberação do desditoso João Vermelho.

MIGUESÃO, O NOSSO ESTIMADO TIPO POPULAR

Os seus contemporâneos o conhecem bastante, esta figura folclórica, o bom piadista, espirituoso e criador de muitos causos.

Ainda hoje, o vemos circulando pelas ruas, lépido, gozando de boa saúde, o setentão amável e extrovertido; nosso grande amigo, e se torna até gratificante para nós, traçarmos algumas pinceladas deste craque da vida, uma criatura notável de nosso universo folclórico.

Filho de Camarú, em 1940, ainda garoto chega a nossa cidade e aqui plantou-se definitivamente, tornando-se ao longo dos anos, um fanático torcedor do Treze e um eleitor assumido de Argemiro Figueiredo.

Conheci-o na década de 1950, mais precisamente no salão 1060, com sinucas, famoso na época, com duas portas, frontal baixo, onde hoje se localiza o edifício dos

vendedores ambulantes. O gerente era Biuzinho, uma figura marcante, tinha muita autoridade para dirigir a casa, sendo um apaixonado pelo Flamengo e hoje aposentado pelo Ipase.

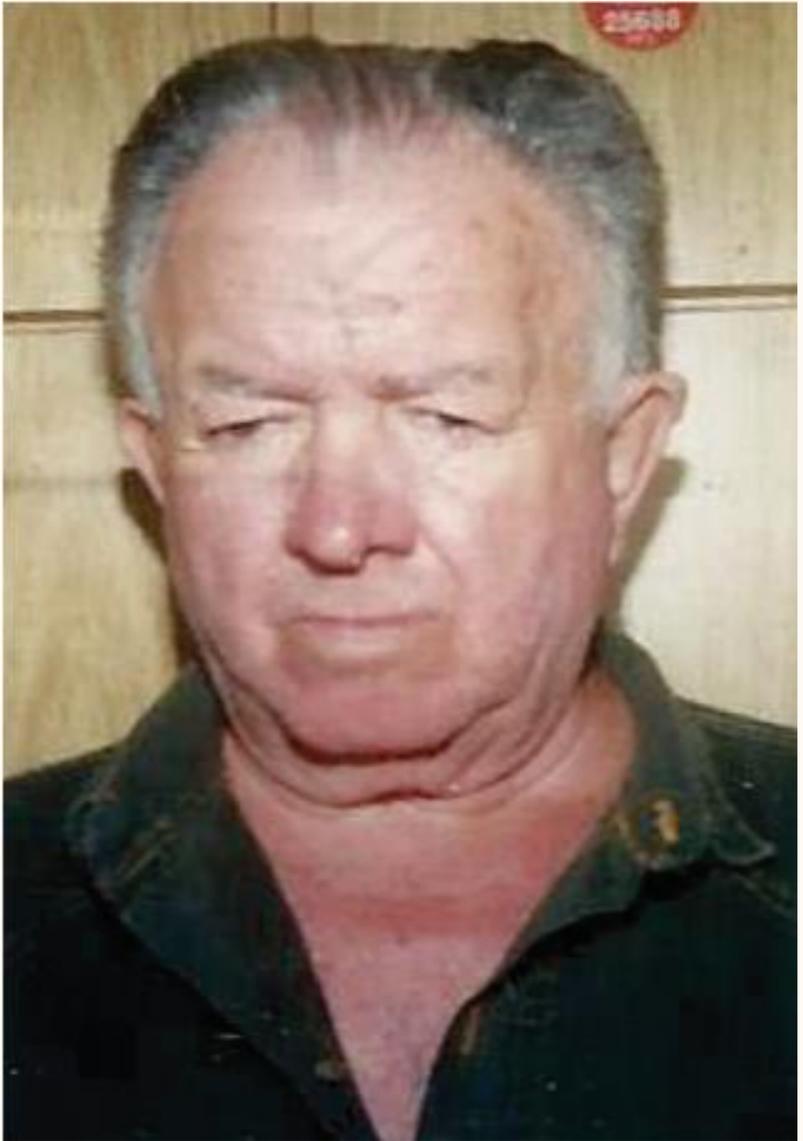
Ali, se reunia, quase todos os dias o Q.G. do nosso enfocado, os famosos craques do bordel de Miguêsão, cujo gramado funcionava às margens do Açude Velho, nas imediações do Clube dos 200.

O estimado Miguêsão, ao lado do saudoso Fubá, lideravam os assanhados jogadores; dali, ainda se dirigiam para a calçada do cine Capitólio, onde o grupo ruidoso, recebia as últimas instruções, se conferia tudo, e ali mesmo, tinham início os bate-bocas e as insinuações malévolas e ameaças veladas e explícitas na base do; hoje eu te pego, não tem moleza não; os treinos eram imperdíveis e contavam com uma boa torcida, que se dirigia sempre do centro da cidade para o bordel de Miguêsão, todas as tardes, para assistir a este espetáculo futebolístico e pornográfico, pois a vitória final almejada com ardor e sem condescendência era perseguida na base do palavrão e discussões inflamadas, onde até as mães era lembradas, recebendo muitas injúrias.

Miguesão e Fubá, eram rivais, o prélio se transformava mais num campo de batalha, xingamentos recíprocos pipocavam, a torcida ria e se divertia, e algumas vezes a polícia era chamada, e a debandada era geral.

É indiscutível que o futebol amador comandado por estes atletas do passado, forneceu muitos craques para o futebol profissional da Rainha da Borborema, prestando este simpático e impagável campinense um bom serviço à terra.

O bonachão conterrâneo soube levar uma vida, com alegria, irreverente e de bem com a mesma, pois tinha que ser assim e ninguém é de ferro, deixava transparecer em seu semblante este filósofo existencialista.



Miguesão

NECO FRANÇA, VINGANÇA E TRAGÉDIAS

Neco França, homem valente, envolvido num crime em Queimadas e participação incisiva na célebre revolta que a história registra como Quebra-Quilos e teve seu epicentro na Serra de Bodopitá e repercussão violenta na Rainha da Borborema.

A mudança de pesos e medidas adotada pelo governo Imperial causou profunda revolta entre os feirantes e constituiu o estopim do movimento sedicioso, muito marcante no Nordeste; outras causas somaram-se para a indignação popular, criação de novos impostos, alistamento militar, novo sistema métrico decimal e o fanatismo religioso. A sedição como característica não tinha uma liderança definida, havendo muita destruição e insano vandalismo, cabendo aqui aquela expressão de

Voltaire que dizia: o povo é um animal feroz, deve-se acorrentá-lo ou fugir dele.

A revolta tem lugar em 1875 e na cidade da Borborema, os vândalos foram ousados, chegando a incendiar os cartórios da cidade, sendo o seu líder, Carga D'água; que a história pouco conhece de sua vida pregressa.

O seu braço direito era Neco França, sua saga, a vida trágica, o crime que cometeu e a razão maior a participar de modo intenso na sedição apavorante, está aqui relatado numa versão que me chegou pelo depoimento de um seu descendente, um neto ilustre advogado, o qual em nossa cidade, confiou-me pungente depoimento.

O genitor do Neco França, no século XIX, possuía um imóvel rural em Baixa Verde, homem dedicado ao trabalho e muito estimado na região; no local mantinha uma casa de farinha e permitia que a vizinhança a utilizasse para fazer a sua farinhada, sem cobrar nada por isto, contanto que trouxesse a lenha e terminada a tarefa, deixasse tudo limpo.

Acontece que um dos descendentes de Teodósio de Oliveira Ledo, era um forte fazendeiro naquelas

cercanias e não gostou, pois, o mesmo, mantinha um fabrico do produto da mandioca e cobrava a congá.

E, de logo, acreditando no peso, na influência de seu prestígio, vai reclamar junto a Manoel França e termina por esbofeteá-lo.

O homem assim, envergonhado e transtornado se isola de todos, deixando de ir à feira de Queimadas.

Alguém conta o ocorrido para o filho Neco e a partir deste momento se aninha em seu âmago o desejo de vingança, não perdoa aquela desonra sofrida pelo genitor.

Numa ocasião, em frente à velha igreja de Queimadas, Neco França avista o agressor que montava um cavalo e portava um cacete de jucá. Neco se aproxima e quando o fazendeiro o ameaçou com o cacete de Jucá, é abatido com um certo golpe de facão Rabo de Galo pelo filho de Manoel.

A reação não tarda, os familiares da vítima acionam autoridades e por não terem encontrado o criminoso, conduzem preso o pobre de seu genitor, para Campina Grande, ficando no velho presídio, onde hoje funciona o museu; ali também esteve trancafiado Frei Caneca.

E a história se desencadeia em lances dramáticos e comovedores; pouco tempo depois, ocorre na região

aquela sedição, conhecida como a revolta do Quebra Quilos, o epicentro é a Serra de Bodopitá, a arder a pólvora, e o rastilho se alastra, a população, na sede de vingança, não aceitando as medidas impopulares baixadas pelo governo central, invade as feiras de Fagundes e Queimadas e haja destruição e pânico.

Campina Grande é o próximo alvo, um risco maior e as autoridades estão alertas e apreensivas.

Aqui se destaca como líder, o famoso. Carga D'água, intemorato e atrevido, Neco França que estava foragido se aproxima daquele agitador, sendo convencido pelo mesmo a participar da desordem social, de pronto se engaja na empreitada sinistra, pois antevê a oportunidade de libertar seu pai, é montada a estratégia para enfrentar as autoridades e espalhar o terror.

Tropas dos exércitos são acionadas, A estas se junta a pequena força policial no intuito de defender a cidade.

A plateia desvairada e disposta a tudo, logo espalha o boato que irá invadir a feira e mulheres são acionadas para disseminar o pânico. O grupo de Carga D'água se dirige para os cartórios e os incendeiam destruindo preciosa documentação; os soldados da armada não

chegam a tempo para evitar a tragédia, a força policial se desloca para a feira, o alvo preferencial dos insurretos exaltados, insatisfeitos com a mudança dos pesos e medidas que os feirantes consideram lesivos aos seus interesses.

A cadeia pública, ficando desguarnecida, é atacada por Neco França, acompanhado de seus homens, facilmente a invadem libertando seu genitor. Alguns presos condenados a galés por participação na Confederação do Equador, fogem também levando as armas.

Este homem, valente e justiceiro, morou e viveu o resto de sua vida em Campina Grande, onde criou a família. Um de seus filhos, era muito conhecido em nossa cidade, homenzarrão de pele morena, chamava-se Inácio França funcionário da prefeitura prestando seu trabalho nos serviços elétricos, dita repartição funcionou durante muito tempo na Maciel Pinheiro.

Inácio França era dedicado à leitura e mantinha em nossa cidade um grande círculo de amigos e chegou a trabalhar no escritório de advocacia do prestigioso político doutor Argemiro Figueiredo.

WILLIAMS TEJO, OS GRANDES MESTRES DE CAMPINA GRANDE

Foi meu primeiro professor de desenho no Colégio Pio XI, baixa estatura, movimentos rápidos, olhos ágeis, dominava a ciência de Euclides.

Mantinha uma grande autoridade em classe, o desenho e a disciplina nele se completavam e, a bem da verdade, o mestre, ressurgia em classe, em toda a sua plenitude. Pelas suas mãos travamos conhecimentos com a geometria elementar.

Brilhou na década de 50, no magistério na Rainha da Borborema onde os mestres eram conhecidos e bastante respeitados.

Um homem de muitas facetas, colocou toda sua inteligência e versatilidade a serviço de Campina Grande. Inteligente, fecundo e trabalhador enveredou por outros

ramos da cultura, tornando-se um brilhante jornalista e um prestigiado historiador.

Um pesquisador indômito e dedicado de nossa memória.

Encarnando, como poucos, o espírito campinense arregaça as mangas, na sua coluna de jornal, clamando pela terra, defendendo os melhores ideais, como um moderno Marat, na sua trincheira de luta: a pena e a coragem.

PROFESSOR OLIVEIRA, MESTRE INSIGNE E VALOROSO HOMEM

Nasceu em Bananeiras a 16 de setembro em 1886, seu nome completo Antonio Oliveira Bezerra Cavalcante. Predestinado, o honrado professor Oliveira, possuía a vocação nata para o mister magisterial, iniciando a longa e coruscante carreira no Instituto Bananeirense.

Em 1934, chega a Borborema para lecionar no Ginásio Diocesano Pio XI. Recebeu-o o Padre Odilon Pedrosa, que num artigo para o jornal A União em 1956, numa homenagem ao saudoso mestre relata, num admirável depoimento: e ele me pleiteava alguma coisa para lecionar naquele gesto simples que escondia um gênio.

Indaguei-lhe de sua capacidade, apenas respondeu: vamos experimentar. Logo estaria no secundário,

lecionando português, matemática, inglês, francês, física e ciências naturais.

Em pouco tempo se consagraria como o grande mestre que honraria qualquer cátedra do ensino médio.

No mundo grego, se vivesse onde se idolatravam tanto as ideias e os valores morais, um pedestal ser-lhe-ia erguido.

Vivemos numa sociedade marcada pelo materialismo, o egoísmo cego tornando os indivíduos insensíveis e os méritos e valores já não contam, a mediocridade campeia, não há lugar nem memória para as criaturas extraordinárias.

Félix Araújo teceu estas palavras acerca do saudoso mestre: um dos maiores perfeitos seres humanos que viveu nessa cidade, o símbolo do esforço humano incompreendido, da inteligência injustiçada, da bondade humana esquecida, a cabeça onde se abrigou a sabedoria humana.

Fui seu aluno no início da década de 50, no Colégio Diocesano Pio XI, já provector, sempre de paletó, baixa estatura, passos miúdos, era todo dedicação e domínio completo da disciplina, a ciência exata que constituía seu

mundo, impondo muito respeito, e nunca foi injusto. O genial e honrado mestre faleceu a 4 de agosto de 1971.



Professor Oliveira

VITAL, O ILUMINADO

Possuía a nobreza da simplicidade a criatura generosa a serviço da causa humana. Caráter ilibado, a extravasar ricas e salutares emoções, lealdade aos amigos e dispensando sempre e de modo intenso a sombra protetora, cálida, permanente e vigorosa.

Tenho plena convicção que se o notável jurista tivesse vivido em Roma, naquele império de heróis e tribunos, Vital teria sido um deles e um busto seu se juntaria a tantos outros dos grandes de Roma. Vulto singular, criatura admirável, tribuno consagrado, político de prestígio, saber profundo, homem simples, que deu valor à vida e valorizou os outros, humildes e grandes.

Com o passar do tempo, passei a nutrir uma profunda admiração pelo filho glorioso da terra, acompanhado e aplaudindo sua retumbante trajetória

política e jurídica, a conhecer os momentos difíceis que viveu, retemperando o caráter na luta sem enrijecer a alma que continuava doce e maravilhosa.

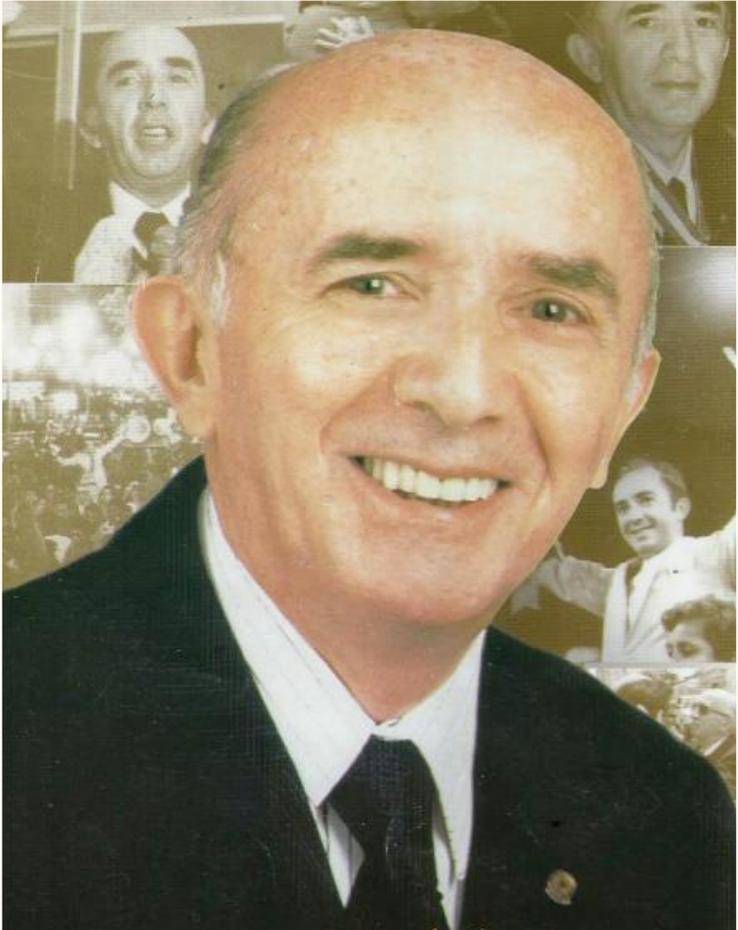
Uma perda irreparável para os familiares, a chorar, em lágrimas abundantes o tronco ilustre, restando a saudade eterna, lembrança constante, e sim, a fortalecer-se na fé cristã, nos exemplos fecundos, as pegadas coruscantes deixadas pelo bravo e eminente genitor que porfiou na vida com as mais sublimes armas, a independência de caráter, inteligência, e elegante em tudo, que ajudou a escrever páginas brilhantes de nossa história.

Vital, era carismático, a sua presença impressionava de logo, tão educado, diplomático, deixando transparecer um magnetismo peculiar, o prestigioso jurista, à nossa aproximação nos recebia com um afetuoso abraço, nos estreitando ao peito, o mestre consumado da cortesia e sociabilidade humana.

Fiódor Dostoievski, o gigante da literatura afirmava existir no mundo, aquela pequena e pródiga parcela de criaturas, os extraordinários, sua missão, empenhar-se em transformar para melhor o mundo e disseminando ideias, e convicto estou que doutor Antônio Vital do Rego foi um destes iluminados.

Recordo um encontro com doutor Vital, na missa de 7º dia do sogro Pedro Moreno Gondim, na Igreja, na João Moura, convidou-me a sentar-se ao seu lado. No final da celebração, deixou-me a comovente mensagem que escreveu numa sentida homenagem póstuma ao seu sogro ilustre, que aliás dias depois, o diário da Borborema trazia uma crônica minha sobre o saudoso Pedro Gondim que governou nosso estado.

Peço vênias, para publicar, o pequeno trecho da luminosa peça que o tribuno redigiu num momento inspirado e saudoso, a homenagear o sogro famoso: indiferente ao apogeu do poder que não diminuiu a humildade, e acima das injustiças que arrastou com impávida e serena dignidade, não conheceu o ódio, só o amor e, tu, Vital, o genro conspícuo do memorável Pedro, estas palavras também te calham bem e juntos ajudaram a fazer grande nossa pequena Paraíba.



António Vital do Rêgo

PROFESSOR SEBASTIÃO LIMA, UM HUMANISTA

Perde Campina Grande o professor Sebastião, cujo passamento ocorreu na semana passada, deixando pranteadas saudades junto aos seus filhos e centenas de amigos que conquistou com sua inteligência e finura, depois de uma provecta e valorosa existência de 91 anos.

Muito culto e criativo, tinha uma personalidade cativante e uma alma carregada de sonhos e ideais. Percorreu este século, como um moderno cruzado, pugnando com galhardia e destemor pelas grandes causas.

Na revolução de 1930, combateu, muito jovem ao lado das forças de João Pessoa e Getúlio Vargas, lutando bravamente pela causa da renovação dos costumes políticos, acreditando sempre, num país justo e digno para todos.

Fez amizade com o estadista Getúlio Vargas, de quem era um ferrenho defensor, e, em decorrência desta fidelidade ao presidente Vargas, teve a grata honra de manter correspondência, até pouco tempo, com o irmão caçula do político gaúcho.

Em nossa cidade, dedicou-se, de corpo e alma ao magistério, educando e preparando para a vida várias gerações.

Tive o orgulho de privar de sua amizade, e nele pressentia um homem culto, humilde, firme e ao mesmo tempo, digno e altivo. Tinha uma personalidade forte e um traço marcante de seu caráter era a autenticidade a não concordância com os desmandos e injustiças cometidos contra o povo, mormente os mais humildes.

Mantivemos longas palestras e sentia prazer em ouvir o amigo a exercitar com maestria e genialidade o nobre ofício da cultura e loquacidade. Conhecia a história universal, a vida dos grandes homens, fazia citações em latim, verdadeiras pérolas que emanavam da alma e do cérebro deste varão singular.

Daquele corpo franzino, aflorava um gigante de saber e do humanismo. Citava a Revolução Francesa como um dos momentos mais belos da história, o despertar da

consciência cívica do povo gaulês, cujos ideais se irradiaram por todo o mundo. Foi justo, dedicado e generoso com seus alunos. Contou-me um episódio emocionante de sua vida magisterial.

Um dia, em lágrimas, uma jovem carente adentra a sua sala de diretor do Colégio Oficial, lastimando que impediram sua matrícula, porque não dispunha de dinheiro para pagar a taxa cobrada, Sebastião, num gesto bem ao seu feitio, saca do bolso o dinheiro, lhe entrega, e sorridente e feliz a moça faz a matrícula; e livros lhe são outorgados. A aluna aplicada e encorajada prossegue seus estudos, num futuro torna-se uma vitoriosa profissional liberal.

Presto aqui esta homenagem ao ilustre campinense que educou tantas gerações e estimulou inúmeras vocações. Faço um apelo às autoridades para que sua memória seja preservada por uma questão de justiça e gratidão.

AFONSO CAMPOS, O JURISTA INSIGNE

O ilustre campinense nasceu na Fazenda Muribeca, no dia 18 de dezembro de 1881. Detentor de um talento assombroso para a ciência jurídica, formou-se na Faculdade de Direito de Recife em 1902, aos 21 anos; aluno brilhante. Logo cedo se destaca, participando da criação da Revista Jurídica, onde publica vários estudos, como Evolução do Direito das Obrigações e Ação Penal, que lograram repercussão entre os mestres e estudantes.

Foi promotor em nossa cidade, em 1903 a 1907, tendo uma atuação competente e correta. Tinha fôlego e acentuada competência para triunfar em qualquer metrópole do Sul, mas deixou-se ficar no meio provinciano, a pedido dos amigos e familiares, ingressando na política e passa a confiar o partido da oposição; colheu dissabores e sofreu mesquinhas nestas nova atividade,

prejudicando lhe a carreira jurídica, cortando as asas da águia, que renunciava auspiciosa e fadada a reluzir no cenário nacional.

Saúde abalada sucumbiu tão cedo, mal saiu do casulo, vindo a falecer aos 34 anos, no dia 05 de abril de 1916, quando exercia o mandato de deputado estadual.

Pugnou sempre pelos grandes ideais, na resistência aos abusos, na luta pelo direito, um paladino intemorato da justiça.



DR. AFFONSO CAMPOS

FERNANDO SILVEIRA, FIGURA EXTRAORDINÁRIA

No final, da década de 40 é inaugurada a Rádio Borborema, e em função de sua política e seleto elenco, logo passa a granjear a admiração e enorme audiência.

Em breve, chega do Ceará, Fernando Silveira, passando a integrar o seu quadro e, aqui na Borborema, dedica todo o seu talento e brilhantismo.

Era um homem de muitas facetas: jornalista e consagrado dramaturgo, escrevendo várias novelas, que a Rádio Borborema exibia, com bastante audiência; basta dizer que uma delas, “Maria Laô”, chegou a estar no ar numa emissora do Rio de Janeiro.

O estimado e respeitável Fernando Silveira, parece que estou vendo-o, sempre de terno, gravata, cabelo escorrido, descendo a escadaria da emissora e andando,

mansamente pela calçada, educado, simples, sem afetação. Nos recebia sempre com um sorriso e cordialidade.

Apresentava um semblante tranquilo, uma criatura sem maldade e de bem com a vida.

Deixou livros, de feição novelesca e temas religiosos. Foi nosso professor de espanhol no Colégio Estadual da Prata, onde fez muitas amizades com os seus pupilos.

Pelo talento, conquistou a cidade chegando a se eleger deputado estadual; logo deixou a política, decepcionado.

Faleceu na capital paraibana, humilde e esquecido, deixando uma lacuna. É dever de nossa história reverenciá-lo.

OS 100 ANOS DE SEVERINO CATÃO

Terminada a eleição, já assistia ao escrutínio, quando um carro estaciona à porta da casa, para me levar à presença do centenário Catão, desejava me conhecer e relatar fatos da história campinense.

Este primoroso e inesquecível encontro ocorreu na residência da filha, na esquina da Rua Quebra Quilos, antiga Rua dos Mulungus, onde nas primeiras décadas do século XX, possuía uma mercearia.

Lúcido, tranquilo, foi desfiando os eventos memoráveis do nosso passado, presenteou-me com seu livro de memórias, a saga da família Catão e seus desafios.

Seus ancestrais vieram da Itália, da mesma região dos meus avós paternos, e seus bisavós moravam no Recife, quando da eclosão da guerra dos mascates.

O núcleo familiar ficou em Massaranduba dedicando-se à agricultura e pastoreio, negociando com venda e compra de café e outros cereais.

No século XIX, Campina já exercia forte atração pelo clima ameno e estratégica posição geográfica.

Não demorou muito, seu pai plantou-se na cidade, seu último destino.

Severino Catão negociou muito tempo com concorrida mercearia na Rua Quebra Quilos e contou-me que João Vermelho, já cego, ali passava para pedir esmola, ao lado da atraente esposa e suas bonitas filhas, este grande seleiro, morador da Rua Esfolá Bode, e que foi vítima de um dos maiores erros judiciários do Brasil.

O crime ocorreu em 1916, cegou na cadeia, comendo bacalhau sem tomar água e foi obrigado a confessar um crime que não cometeu e cujos verdadeiros autores foram delegado da cidade e um secretário da prefeitura.

A vítima, um jovem jornalista e poeta que tecia acusações pela imprensa a estas autoridades.

Na diabólica trama, chegou-se a difundir um suposto romance da vítima com a esposa do renomado seleiro; tudo mentira.

A nossa história é omissa quanto a este execrável caso, continua submersa a tragédia de João Vermelho.

EDVALDO DO Ó, A PAIXÃO PELO SEU BERÇO

O filho ilustre da Borborema, oriundo de troncos pujantes como Jovino do Ó, seu avô, proprietário da famosa casa Vesúvio no ramo de ferragens; o antepassado e ilustre militou na política campinense, militando ao lado do amigo Cristiano Lauritzen.

Edvaldo do Ó, trazia assim, no sangue esse amor, desde a tenra idade pela Rainha da Borborema; nascido e criado na rua Miguel Couto, confessava sempre: Gosto de percorrer o caminho que vai desta artéria, passando pela Severino do Ó, até alcançar o centro do bugre estimado. Talento para as ciências econômicas, inspirado planejador, após concluir o curso secundário, segue para o Recife, a meta: o curso superior, se formando como bacharel em Ciências Econômicas na Universidade Católica de Pernambuco, em 1956.

Vocacionado pela ciência econômica realiza vários cursos de especialização, angariando notável curriculum,

muitos no exterior, como movimentação dos materiais nas empresas industriais, em Lisboa e de preparação dos quadros na aplicação da gestão orçamentária na Associação Industrial Portuguesa em Lisboa e no país outros tantos; regressando à sua terra querida, portando sonhos e projetos, e ao lado de abnegados e talentosos amigos, os converte em obras de alto alcance social e cultural e bases fundamentais para garantir, o futuro da Borborema e encurtando o caminho rumo ao progresso anelado.

Esteve à frente da criação de grandiosas obras em nossa cidade, como a FURNE, a Companhia de Eletricidade da Borborema, antiga CELB, hoje ENERGISA, a SANESA, empresa pioneira de saneamento. Presidente da FURNE que ajudou a fundar, mentor da instalação da Bolsa de Mercadorias da Paraíba e nessa área diga-se, chegou a Presidente da Associação Brasileira de Bolsas de Mercadorias e Cereais em 1985.

Esta criatura exuberante era uma fábrica de sonhos e um gênio para convertê-los em prodigiosas realizações, em prol de sua *urbs* apaixonada. Desejando fazer odontologia, e, Edvaldo do Ó estando empenhado neste novo projeto; avistando-o na Maciel Pinheiro, dirigi-me ao

ilustre campinense e fui direto ao assunto; amável, muito educado, respondeu-me: em breve estará funcionando este curso superior em nossa cidade.



Edvaldo de Souza do Ó

O CONSTRUTOR CELSO CIRNE

Chega muito jovem, à nossa cidade, procedente do estado potiguar, Currais Novos em 1913.

No novo destino, a Rainha da Borborema vivia o apogeu do ciclo algodoeiro; grandes empresas se instalavam voltadas para o beneficiamento da fibra que possibilitou a prosperidade rápida deste colosso da Borborema.

A cidade já conhecida no exterior, exportando o algodão para Liverpool e Hannover, precisava se modernizar, a exigir outro padrão arquitetônico. O doutor Vergniaud Wanderley, filho ilustre de Campina Grande, assume a prefeitura, em duas gestões e, audacioso, determinado, realizou a reforma urbanista, os velhos pardieiros desaparecem, rasgam-se novas avenidas e surge uma nova cidade.

Neste cenário, neste imperativo de mudança; um nome desponta, à frente desta tarefa maior de reformador urbanístico, o construtor Heronides Costa Cirne. Mais que um talento, um gênio, pois o mesmo foi o responsável pela construção da Maciel Pinheiro e centro da capital do algodão. O conjunto arquitetônico da nossa principal artéria, todo o frontal exibe um refinamento no seu esboço e suscita admiração. O frontal do armazém Narciso é uma obra de arte, o conjunto é todo em estilo Art Decó, como em muitas avenidas do centro.

Trabalhou com muitos engenheiros na cidade que o admiravam e respeitavam. Em 1962, doutor Max Hans, o convida para mestre de obra para construir a Faculdade de Engenharia, nesta oportunidade, o doutor Gioia Filho, o interpela dizendo: Heronides, por que você não estuda aqui Engenharia? Ele responde: eu não aprendi nem as primeiras letras.

Mestre renomado, uma ocasião recebe um convite para construir um edifício na capital gaúcha, recusa de maneira polida, pois é muito longe.

Quando jovem jogou futebol pelo Paulistano sendo um de seus fundadores, e no treze jogou algumas partidas. A história o recolhe com orgulho esta figura

extraordinária, o incluindo na galeria dos maiores benfeitores da cidade.



Celso Cirne

LUIZ SOARES, UM LORDE DOS TRÓPICOS, UM PRÍNCIPE NO TRATO

Campina Grande, a nossa Rainha da Borborema, nos seus anos dourados, exportando o algodão para o mundo, o comércio em plena ascensão, a construir páginas nobres de sua história; neste cenário fulgurante se destacava uma figura que marcou e muito a cidade, tão excepcional, quanto singular.

Um dos responsáveis pela pujança da Rainha da Borborema, privando da amizade de prestigiosos políticos, possuindo ricas e raras virtudes: culto, um autodidata, personalidade que impressionava, possuindo apenas o curso primário, no sítio onde nascera, em Boa Vista. Homem de negócios, exibia exuberantes facetas, amava a cultura e a arte, aprendeu o Francês e Inglês contando para este novo desafio com mestres oriundos de países destes

idiomas para facilitar o rápido aprendizado. Era assinante da revista americana *The National Geographic Magazine*. Personalidade rara, inteligência privilegiada, sendo também um bom orador, e um mestre na arte de fazer amizades.

Humanista extrovertido, circulava com desenvoltura e destaque no mundo social na sua querida urbs e era capaz de estacionar a sua famosa baratinha conversível, à porta de uma pessoa humilde para cumprimentar e dizer uma saudação.

Esta extraordinário figura que enriquece nossa história, nascido em 27 de novembro em 1893, no Sítio Alto em Boa Vista era descendente da 8ª geração do fundador de Campina Grande, Theodósio de Oliveira Ledo.

Vitorioso nos negócios no ramo algodoeiro, teve assim um destaque profundo na sociedade serrana, um incentivador de nossa cultura e arte, já em 1915, ainda muito jovem, funda o Jornal Renascença, ao lado de Mauro Luna e Fábio Barreto, dois outros ilustres filhos da terra e apaixonados pelas letras, tudo nele impressionava, lembro muito bem, eu recém chegado à cidade, vindo de Guarabira para estudar no colégio Pio XI, avistei, na

Marquês do Herval, o legendário campinense, circulando no seu carro conversível, terno branco e irrepreensível, gravata borboleta, aquele porte ariano, sorridente, a saudar as pessoas, fiquei curioso e indaguei depois quem era aquele cidadão.

Depois soube que em 1945, na memorável campanha eleitoral, seu nome fora lembrado para prefeito, recusou e lembrou o nome do doutor Elpídio de Almeida, faleceu em 12 de abril de 1960.



Luiz Soares

DOUTOR VIDÉRIS, UM MÉDICO E MESTRE

Faleceu, neste final de julho de 2006, numa idade bem provecta, meu antigo mestre em Biologia, no Pio XI e colégio Estadual da Prata.

Doutor José Roberto de Siqueira Vidéris; esse médico pediatra e antigo Professor de Biologia, preparando durante décadas varias gerações de jovens que enfrentariam os concorridos exames vestibulares das ciências médicas no recife.

Os antigos pupilos evocam com saudade aquela personalidade tão discreta, quanto respeitada pela sociedade do seu tempo.

Exercia o magistério por vocação e prazer. De maneira assídua comparecia às aulas. Compleição magra, muito elegante, portando um terno azul escuro, educado. Muito cioso da disciplina, palavra fácil, bom expositor, dominava bem a matéria. Pelas suas mãos, aprendemos as

primeiras noções de genética, este médico talentoso que, em casa, realizava cruzamentos com plantas.

Ao seu tempo, era Juscelino, Presidente da República, a quem Vidéris fazia referências elogiosas. Desportista, incentivou o nosso futebol amador, fundando o Internacional que granjeou prestígio na década de 50, a defender suas cores estavam Guilherme, Oscar Fonseca, Zeca Bairão e Edvaldo; meu mano.

Médico muito conceituado na sociedade serrana. Lecionou por muitos lustros. Soube conciliar com competência, às duas profissões, onde se sentia perfeitamente realizado. Chamava atenção, muito elegante, sempre de terno azul escuro, bem talhado, óculos, de lentes esverdeadas, se esmerava, no vestir. Alto e magro, um cavalheiro no trato com os alunos, mas ansioso da disciplina, exigindo silêncio para a exposição da matéria. Lecionou também no Estadual da Prata. Tudo nele era empolgação e deixava transparecer uma certa vaidade, nós alunos, o admirávamos, aquele homem que aparentava estar de bem com a vida, onde o sucesso e a sapiência estavam conjugados.

Soube pela imprensa do infausto acontecimento abateu-me aquela tristeza, eu, que tentara debalde, notícias suas, tempos atrás, um endereço para o visitar.

Resta-me esta crônica para prestar-lhe a justa homenagem a quem nesta vida deixou belos exemplos.



Doutor Videres

DOUTOR BANDEIRA

O prestigioso dentista, de largo conceito em nossa cidade, é natural de região do brejo, no município de Solânea, ao tempo, pertencendo a Bananeiras. O genitor com fazenda na região e prospero comerciante. O filho adolescente, logo é enviado a cidade de Natal para cursar o nível ginásial e científico na tradicional escola Ateneu Norte Rio Grandense. O rebento deixa assim o recesso familiar, um grande desafio e preparar seu futuro. A viagem é feita no trem. Cabe aqui aquela frase de Raul Pompéia, logo no início de seu romance o Ateneu “vais conhecer o mundo, prepare-te para a luta” palavras dita pelo pai, dirigidas ao filho. Terminando o curso de nível médio, um novo desafio. O destino agora é Salvador, para cursar odontologia

O percurso é longo, cansativo, feito por trem atravessando vários estados, o destino final, a Faculdade

de Medicina, na capital baiana onde se insere o curso de odontologia.

Talentoso e muito dedicado, se submete ao rigoroso exame do vestibular, logrando os primeiros lugares; com o diploma na mão, em 1949, chega à Campina Grande, passando a exercer de logo a profissão. Conceito firmado na sociedade serrana, já em 1950, é um dos fundadores da Sociedade Odontológica de Campina Grande. Dedicado à brilhante carreira que abraçou, foi um dos fundadores da sociedade mantenedora da faculdade de Odontologia de Campina Grande, e após, árduo esforço; finalmente foi criada a faculdade de odontologia. Doutor Bandeira assume logo a cadeira de cirurgião buco-maxilo-facial até o ano de 2000, quando se aposenta.

Dedicado à carreira que abraçou, realiza o mestrado em cirurgia buco-maxilo pela Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul sendo de sua autoria um livro sobre assunto, intitulado: roteiros cirúrgicos. Prestou relevantes serviços a cidade que o acolheu como secretário de saúde de Campina Grande e coordenador do serviço de odontologia do IPEP. Formado em direito. Sendo um dos fundadores da associação dos advogados de Campina Grande. Afeito ao

trabalho um padrão de dignidade esta criatura da ciência estimada pela sociedade chegou a receber a medalha de honra ao mérito pela câmara de vereadores de nossa cidade.



Doutor Bandeira

JOSEF SCHAEFFER

Nasceu em 25 de dezembro de 1893, na cidade de Colônia, Alemanha.

No início do século XX, a Europa mergulhará em desvairado conflito, em jogo de interesses econômicos e manutenção de seus impérios, estoura a Primeira Guerra Mundial. Os jovens do continente convocados para o sacrifício, o solo europeu tinto de sangue.

Josef Schaeffer participa deste gigantesco conflito como primeiro tenente do exército alemão, chegando a ser condecorado com a medalha, Cruz de Ferro pelo Marechal Hindemburgo. Aliás, sabe-se também que Frei Damião participou como soldado italiano deste pavoroso conflito, se estendendo o mesmo de 1914 até 1918, ceifando milhões de pessoas. Ao término do horrendo e sanguinário

conflito, o seu destino é o Brasil, desembarcando em Recife, no navio madeira, em 5 de fevereiro de 1924.

Na Mauricéia, trabalhou para alguns usineiros, prestando relevantes serviços de mecânica em motores. Conta-se que um destes usineiros desejava casar a filha com o alemão. Polidamente, agradeceu nestes termos e na maior sinceridade: - Conheço meu lugar e já tenho uma noiva no Recife e me casarei em breve.

Anos depois aporta na Borborema, fazendo a montagem dos motores *alto-deutz*, de fabricação alemã. Da usina de luz de nossa cidade. Pertencente ao empresário pernambucano Armando de Brito.

Ainda muito jovem se devotava ao trabalho industrial, ajudou em muito a desenvolver o mercado local, sendo o primeiro a introduzir a tecnologia em Campina Grande.

Fundou com outro patricio, Josef Thomas, uma pequena indústria na rua Getúlio Vargas voltada para os trabalhos de fundidores e mecânicos, fabricando máquinas para desfibrar sisal, algodão e motores industriais, chegando a eletrificar 25 cidades paraibanas. Foi membro da loja maçônica e em 1968 torna-se cidadão campinense.

Após uma longa e operosa existência, falece em 1969.



Josef Schaeffer

ALONSO, O SAUDOSO, O CAMPEÃO DO BILHAR

Campinense da gema, nasceu no Sítio Guabiraba, próximo à cidade, a 16 de setembro de 1915: Em menino, naquele sítio, já jogava com um bilhar com bolas de madeira.

O genitor, em pouco tempo, viera para a cidade, onde comprou um salão de bilhar, se estabelecendo na Cardoso Vieira, o dito imóvel do lazer se denominava, a Mauricéia. Foi neste salão, onde esta figura estimada exercitara a arte do bilhar, quando retornava da escola, e pernoitava.

Jogava por puro prazer, Alonso Fialho, o nome completo deste campeão mundial do bilhar. Poderia neste métier, ter ganho muito dinheiro, porém nunca enveredou pelo profissionalismo, e, como afirmou um jornalista:

“Consciente de sua superioridade, jamais quis explorar ninguém, o que teria sido muito fácil”.

Não apostava no jogo, os “perús”, a plateia cativa, se o quisesse, podia fazê-lo.

Uma ocasião, o famoso Ari Barroso, se apresentando na Rainha da Borborema, manifestou o desejo de jogar no salão Gato Preto, de Lula. Alonso, inicia a partida, o artista é deslumbrante, logo o cantor famoso desiste da disputa e se conforma, só em assistir a fascinante apresentação do campinense.

Tinha notoriedade internacional, sendo que em 1960, o campeão mundial Eduardo Bogano, esteve duas vezes em nossa cidade para conhecer Alonso e ver o mesmo jogar, a primeira apresentação no salão Monte Carlo, de propriedade do saudoso Bioca e a outra no Clube Campinense, na praça João Pessoa, muita gente, a prestigiar o histórico evento, lembro, eu ainda estudante, me encontrava naquele afamado sodalício, todos a admirar e aplaudir. Curioso e ponto final, o argentino temeroso de perder o título não quis jogar, apenas observar a estupenda performance do campinense, o qual de uma só vez, chegou a fazer 2.400 pontos o homem presenteou o campinense

com um estojo de bolas e um taco, esta relíquia se encontra guardada por um nosso político.

Apurou a técnica, no bilhar e criou jogadas excepcionais, sendo famosa aquela, em que a bola voava sobre a mesa para pousar na outra extremidade.

Trezeano apaixonado, ajudou o nosso futebol, naqueles anos doirados, brincalhão, piadista e um exímio profissional do couro, oficina montada, no centro, olhando para a feira de frutas, a trabalhar com alguns operários, sendo a clientela numerosa.



Alonso

NAZINHA¹

Nazinha sempre passava pelo bairro do São José, e na rua Lino Gomes da Silva não deixava de entrar na casa de dona Xandú, onde era recebida alegremente e passava horas em animada conversa e risos. Não sei para que lados ela morava, se para os lados do Cruzeiro, Três Irmãos ou Casa de Pedra. Ela era bonita, com sua pele alva, cabelos pretos e rosto bem feito.

Assim passou-se algum tempo, até que ela deixou de aparecer pelo São José.

Um dia, passando eu pelo Alto da Bela Vista, com destino ao Açude de Bodocongó, quando ali só existiam matos e caminhos estreitos de onde se avistavam os quintais das casas da rua Arrojado Lisboa e em um deles,

¹ Este relato me foi cedido pelo pesquisador Luís, estimado amigo aposentado dos Correios e dedicado à pesquisa de nossa história.

avistei Nazinha num estado deplorável: Pés descalços, maltrapilha e cabelos desalinhados. Não sei o que fez Nazinha chegar àquela situação ou em que drama ela estava mergulhada.

Uns três anos depois voltei a vê-la passeando pelo Centro da Cidade acompanhada por colegas do meretrício, no qual havia caído. E agora era que estava bonita e elegante em seus trajes requintados. Diziam que ela dominava com a sua beleza os salões de madame Alice, Zefa Tributino e do Eldorado. Era cortejada pelos ricos e admirada por muitos. Não sei qual foi o motivo que levou Nazinha a ser uma profissional do amor livre. Ao amor livre? Não. À profissional do sexo, como se diz, hoje. Pois o amor livre não existe, como disse um poeta pensador:

*“Amor livre uma expressão
Que vive a se contrapor;
Amor em si não é livre,
Se é livre não é amor”*

Mas tudo indica que a pobreza foi o principal motivo que levou Nazinha à vida mundana, embora não

fosse essa a sua vocação como ficou demonstrado com o seu próprio fim. Ela viveu em uma época em que havia poucas opções para uma moça pobre e sem instrução viver condignamente fora do matrimônio. Tudo indica que o seu sonho era o de toda mulher: um Lar e a maternidade.

Apesar de seu aparente esplendor, aquela vida de cortesã não lhe agradava, era até insuportável. A cada dia que se passava mais aumentava a sua insatisfação e as dificuldades para uma mudança em sua vida. Até que só lhe restou uma saída: a morte. Pois um dia Nazinha foi encontrada sem vida em seu quarto. Tomara uma forte dose de entorpecente.

No dia seguinte a este acontecimento, num dia do ano de 1940, eu ia pela praça da Bandeira quando vinha um enterro com acompanhantes a pé, a maioria feminina. A um dos acompanhantes perguntei quem era o morto, ele respondeu-me:

- Nazinha...

MANÉ GAGO

Procedente dos canaviais da zona da Mata Pernambucana, chegou a Campina Grande, ainda jovem; o trem o trouxera para este novo destino. Testemunhara o sofrimento do genitor trabalhando no eito da cana e acalentando o sonho de fugir, escapar daquela situação adversa, impiedosa.

Nascera gago, este defeito físico, não o fez apoquentar-se, criatura nascida para o combate e desafios, apreciava longas conversas, desinibido e vivaz, fora na vida um fascinante causeur.

Genial e surpreendente, nele mineiramente conviviam causas e ideais díspares, admirava Marx, abominava as injustiças, porém tinha no sangue a ambição e a pujança empresarial.

Foi um vitorioso, por este último ângulo.

Mulato, um tipo atlético, quase analfabeto, alguma coisa aprendeu consigo mesmo, e o mundo lhe ensinou tudo, foi seu grande mestre. A seu favor, uma criatura de imensa simpatia e estupendo talento.

Lá pelos idos de 1950, quando o conheci, já era um pequeno empresário; como estudante, surpreendeu-me a sua gagueira; porém, por outro lado, passei, de logo a admirar aquela figura fascinante e prodigiosa. Sabia falar, e, elegante no vestir, portando terno diagonal, gravata e antenado nos assuntos de política e economia.

Tinha residência em Monte Castelo, na rua principal, viajando semanalmente à Guarabira, onde instalara uma indústria de fogos.

Na política, acompanhava Severino Bezerra Cabral, e no bairro onde morava, mantinha certa liderança disputando uma vaga de vereador, e bastante entusiasmado, chamava atenção no palanque, um orador que despertava curiosidade e admiração, um fenômeno, apesar da gagueira.

Construiu amizades grandiosas, viajando ao Rio de Janeiro, relatou-me vaidoso, era recebido pelo ministro

José Américo de Almeida para falar sobre a política do nosso estado.

Tornou-se correligionário e amigo de Antonio Mariz, e sendo eu um ferrenho admirador deste grande paraibano, ele sempre se oferecia para levar-me a sua presença.

Ao longo dos anos nos tornamos amigos e ao transferir-se para a capital, visitei-o muitas vezes, e lá cresceu mais como empresário, tinha uma loja de sapatos, próximo a lagoa e instalara uma indústria de saltos em Alhandra, e me relatava feliz ter formado um médico radicado na cidade maravilhosa.

LÚCIO MAMEDES

Serviu como cabo no 40 BC em Campina Grande, um dos comandantes era o Coronel Rolim; de repente é convocado para o teatro de guerra na Itália; eram 40 graduados entre cabos e sargentos; esteve menos de um ano no país peninsular.

Participou das missões mais arriscadas, como patrulha de reconhecimento, um grupo secreto de 12 homens, vasculhando o campo minado e cercado de inimigos, aproximação de qualquer vulto suspeito, de imediato se utilizava a senha, Osório, o outro teria como resposta, Caxias, caso contrário, tinha ordem para atirar. Esteve em combate, nas duas áreas mais críticas, a cargo de exercito brasileiro, Monte Castelo e Montese.

Ferido em combate, na perna e braço, recebendo tratamento no hospital de Livorno; ali, o heroico pracinha,

recebe a visita do comandante da Força Expedicionária, o Marechal João Mascarenhas, pelo sotaque sabe que é nordestino e indaga o estado, Lucio responde: a Paraíba.

O Marechal ainda deseja inteirar-se acerca das circunstâncias dos ferimentos, Lúcio, então explica: tentei salvar a vida de um companheiro e consegui, já me visitou no hospital, por sinal trabalhando aqui na burocracia, abraçou-me emocionado, e confiou-me uma missão, Lúcio levar uma carta para seu pai, no Rio de Janeiro e que desejava o conhecer pessoalmente, a criatura destemida que salvou a vida do filho.

Mascarenhas o cumprimentou pela bravura e sangue frio e como estava ansioso para regressar ao Brasil e encontrar os familiares, prometera que a viagem de retorno à pátria seria realizada em avião, um prêmio ao herói, sem antes, recomendar à direção do hospital um cuidado redobrado ao valoroso paraibano para sua pronta recuperação.

E assim, tudo correu a contento, já finalizada a guerra pavorosa, afastado o perigo nazista ameaçando extinguir a humanidade, Lúcio pisa o solo sagrado, primeira parada, Natal, recebendo as ovações merecidas e finalmente Cajazeiras, seu berço, bastante aclamado, o

povo e as autoridades o acolhem calorosamente, recebe o abraço carinhoso do ilustre cajazeirense o médico e político doutor, Otacílio Jurema. É hoje presidente da Associação dos ex-comandantes, de Campina Grande e região, conhecido na cidade e estando no nosso quartel do exército, recebendo ali inúmeras homenagens desfilando sempre, portando ao peito as suas inúmeras e merecidas medalhas, tocantes homenagens.

Um general vindo da região Sudeste, ao pisar em solo campinense deseja conhecer este herói ainda vivo da segunda guerra, o pracinha famoso. O comandante da guarnição local levou-o á residência de Lúcio Conceição, o militar ilustre abraçou-o emocionado dizendo: um herói nacional e internacional, um orgulho para o país ajudando a salva o mundo das garras sinistras de Hitler.



Lúcio Mamedes

PADRE EMÍDIO

Conheci-o como diretor do colégio Pio XI, no início da década 50 e depois professor de latim no Estadual da Prata. Naquele tempo usava batina, físico avantajado, muito corado.

As mãos enfiadas nos bolsos laterais da veste secular, um olhar intimidador, aferrado à disciplina, sua presença inspirava respeito.

Mas no fundo sua alma se revelava meiga e aberto a confissões como mais tarde veremos.

Brilhante orador, compunha ao tempo a nata do clero.

Campinense ao lado de monsenhor Mariano, depois bispo em Pesqueira.

Naquele tempo, a farda do Pio XI era calça e paletó, à moda militar, a vestimenta atraente.

Na direção do famoso educandário contava com a ajuda valiosa da família, onde pontificava seu pai, figura simpática, cabelos brancos bem-humorado sempre com um riso nos lábios.

Seus irmãos, João e Manoel Viana que anos depois se tornaram meus grandes amigos, eram talentos de sobra, rígidos na disciplina, mestres na didática um domínio abrangente do português discorrendo com elegância e fluidez sobre sintaxe, literatura, proficientes no ensino do francês e cultores renomados da filosofia.

Já fiz alusão acima acerca da rigorosa disciplina imposta pelo saudoso diretor.

Mas sempre tem aquele aluno mais afoito.

Elsinho Soares muito inteligente e bem danado.

Uma ocasião comete uma transgressão e é chamado à presença do diretor e logo, se estabelece um diálogo patético e hilariante.

Padre Emídio do alto de sua autoridade brada:

- Você está suspenso.

- Estou não! Retruca Elsinho

O diretor furioso:

- Saiba que você está suspenso.

- Como estou suspenso, se estou com os pés no chão?

O mundo quase vem abaixo, mas tudo voltou ao normal, ele soube compreender a irreverência do aluno traquinas e muito estimado.

Elsinho tornou-se médico atuando em Salvador, foi um ótimo jogador de futebol, sendo filho de Hermínio Soares um grande comerciante no ramo de peças e bastante estimado na sociedade campinense.

Anos mais tarde, já homem feito, fiz uma visita ao Padre Emídio naquele casarão de Getúlio Vargas, gostou da conversa e pediu-me para demorar mais e me fez esta confissão que nunca esqueci: naquele prédio, à noite tinha pavor à solidão.

É emocionante dedicar-lhe este perfil, rica personalidade a merecer este registro em nossa história como um preito de gratidão e justiça.

PABLO LÁZARO

Húngaro, naturalizado espanhol, lecionou em 1951 no Colégio Estadual da Prata, neurótico da Segunda Guerra Mundial, careca, usava um óleo na cabeça para espantar as moscas que lhe causavam repugnância; a sua disciplina era o inglês, com péssima didática, os alunos tumultuaram muito suas aulas, Agnelo Amorim, era um aluno sempre barrado, não podia assistir às suas aulas e recebeu, do exótico mestre, dezenas de zeros.

Hélio Soares muito rebelde, que o perturbava bastante, do mestre chegou a receber esta recomendação: - Ponha um *band aid* na boca para se calar. Não perdeu tempo, saca do bolso em que trazia, o pregou nos lábios, provocando enormes gargalhadas nos colegas.

Este estrangeiro era muito esquisito, sentava-se num banco em frente ao correio, chupando um picolé que

deixava sobre o banco, e a intervalos, o apanhava e metia na boca, ao mesmo tempo que se distrai com um jornal.

Não se adequando ao nosso meio, este estrangeiro a portar agudo trauma da Segunda Guerra deixou os nossos pagos, após uma breve estada e assim poucos da época lembram esta figura patética e estourada.

JOSÉ AMÉRICO, O DISCURSO DE AREIA

O pleito de 1950 foi o mais acirrado da nossa história. José Américo, o paraibano insigne, já granjeara projeção nacional, exercera o mandato de senador e ministro do governo Vargas. Retorna ao estado como candidato a governador, vence o pleito, realizando uma das mais fecundas administrações. Numa campanha muito violenta, arrasta multidões. O mito é carregado nos ombros do povo, seus discursos retumbantes fizeram história e foram guardados por poucos como cobiçadas relíquias.

Em sua terra, Areia, inicia o discurso numa evocação sentimental, afirmando: Aqui abri os olhos para o mundo; minha primeira visão foi este cenário. O espírito que se impregnou desses eflúvios agarra-se ao tempo que

foge. Tudo se desfaz, menos os elos nativos que prendem o homem à terra. O homem será sempre prisioneiro de suas origens.

Na memorável campanha, o filho ilustre da Paraíba varou o estado por caminhos poeirentos. Numa ocasião, o deputado José Joffily viajava ao seu lado, ambos calados. E, para romper o silêncio, evoca esse pensamento do também consagrado romancista: o amor é uma gradação dos sentidos e começa pela necessidade de ver. O ministro, de logo se reanima ante a inspirada e pulcra citação do seu livro *A Bagaceira*.

O insigne político, opulento tribuno, frases de efeito e soberba retórica, escrevia, falava, expondo ideias e verdade num estilo elegante, a fascinar e despertando emoções.

Homem simples, de muita sabedoria, aguda compreensão do mundo e pessoas, personalidade amável e afeito ao diálogo, mas, se provocado, partia para o combate. Este paraibano com estofamento de estadista, um iluminado... Homens raros no dizer de Napoleão.

No discurso, dirigido a seu povo, exalta a verdadeira democracia, emitindo estes edificantes conceitos: a mesma deve se inspirar na própria vida,

devendo estar a serviço do povo para ser progressista e humano.

Detinha um pendor excepcional para esboçar perfis. Nesta seara, deixou um livro e reportagens, espaços brilhantes de personalidades nacionais com quem conviveu. Em poucas palavras tecia o caráter da criatura, como exemplo, a referir-se a Osmar de Aquino, o refulgente tribuno e político de Guarabira. Ele disse: um talento que não foi bem aproveitado....

José Américo, grato e obsessivo na causa do bem comum, reconhecia os imensos benefícios que o monsenhor Vieira trouxera para Areia. O sacerdote de ação e culto a quem tenho a honra e responsabilidade de sucedê-lo na Academia de Letras de Campina Grande.

Findou a peça oratória em sua adorável Areia e, já prelibando a vitória, a multidão vibrando e o filho ilustre a exclamar: ouço aqui as mesmas alvoradas despertando todos os quadrantes. Não são os clarins de guerra, são os clarins da vitória.



JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

DOUTOR AMAURY, UM NOBRE NO TRATO

Perde a Paraíba, mormente Campina Grande esta figura fulgurante do cenário jurídico, que por muitos lustros teve uma atuação fecunda na sociedade campinense, como de resto, no estado inteiro.

Filho pródigo, trouxe do berço tão excelsas primorosas virtudes, Amaury foi e será lembrado como uma criatura extraordinária.

O advogado ilustre nasceu ungido para o elevado labor da mente, e assim são seus escritos, sua pujante obra literária, as falas inspiradas do tribuno, os saberes jurídicos, o exercício fecundante da cátedra, os alunos guardando para sempre as lições do mestre bonachão, lírico sapiente e amigo.

Coroamento de fúlgida trajetória intelectual, o sonho tão acariciado finalmente se concretiza, funda a

academia de letras de Campina Grande em 9 de abril de 1981, o nosso Parnaso da Borborema, o recanto luminoso das atividades culminantes do espírito.

À frente do LIONS em nossa cidade, em consonância com seu caráter, esteve ao lado da esposa e parcela substancial da sociedade empenhado na campanha louvável de combate ao câncer.

Com os amigos falava com o coração, a alma a expandir-se envolvendo a todos.

Era gratificante conversar com esta radiante criatura humana, culta e expansiva, chamava logo a atenção, os seus gestos cavalheirescos e atitudes do nobre, a lhaneza que impressionava, a demonstrar um homem de bem com a vida, um mestre refinado na arte de receber.

A nossa família mantinha estreitos laços de amizade com o valoroso causídico, reforçados até por razões telúricas e parentesco.

Lembro bem, eu ainda estudante, meu tio José Felix conduzindo a família à Guarabira, conosco viajava o ilustre e jovem advogado doutor Amaury, a transportar seus sonhos e radiante simpatia. No pavilhão da tradicional Festa da Luz, centralizava as atenções, recebendo cumprimentos dos numerosos amigos e parentes.

Em nome da gratidão, guardarei para sempre este preito, e neste espaço, aproveito para um desabafo emocional: doutor Amaury concedeu-me um apoio fundamental, um estímulo imprescindível para o meu livro lançado recentemente, retratando a história de Guarabira.

Viverá para sempre, na memória de seus familiares e amigos, a imagem dessa doce e profunda alma humana, de um caráter sem jaça e aquele sobranceiro otimismo diante da vida.

Bete, a esposa querida, e as filhas saberão conviver por toda a vida com o esposo afetuoso e pai extremado através de suas doces lembranças e exemplos edificantes.



Amary Vasconcelos

ACONTECEU EM CAMPINA, ÁLVARO LEÃO

Veza por outra, passeio a vista pela estante em busca do livro do talentoso escritor campinense Álvaro Leão, uma vida dedicada às letras, de vasto labor intelectual. Que prazer o encontrar e reler seu livro “Aconteceu em Campina”, editado em março de 1966, trazendo um precioso prefácio de Orlando Tejo.

Obra evocativa e poética, recheada de estórias com as nossas figuras populares, outras de maior prestígio, constituindo sua leitura um passeio descontraído pelo romantismo e irreverente passado da nossa cidade.

Se não bastasse, a completá-lo, outro componente ilustrativo; a abundância de diálogos sustentados naquele linguajar do nosso povo, corriqueiro, errático, aqueles dramas e comédias que emocionam e divertem. Fruto de uma paciente pesquisa, nele está estampado um pouco da

alma campinense e constitui, hoje, no gênero uma relíquia da historiografia da Rainha da Borborema.

Infelizmente, os setores competentes, a quem cabem a preservação da nossa memória, têm sido omissos, ao esquecer tão ilustre e talentoso filho e sua produção literária.

Quem foi Álvaro Leão? Era um campinense autêntico, sendo o caçula da família Leão, irmão de Anésio, este, uma espécie de «monstro» sagrado da intelectualidade campinense, um dos maiores estudiosos, da língua vernácula, escrevendo uma gramática onde esgotou o assunto, e é hoje uma relíquia, o meu exemplar foi um presente do meu grande amigo, o poeta e empresário, João Mendes.

Viveu Álvaro no auge dos anos dourados da Borborema, quando a cidade, orgulhosa e arrojada, ostentava um exuberante progresso, a exportar o ouro branco para os portos de Liverpool e Hamburgo, enquanto o estimado professor, poeta, folclorista, dramaturgo, cuidava do seu enriquecimento cultural, a irrigando com carinho e profunda dedicação, de maneira apaixonante, inspirada, aquela personalidade simples e educada, mas que podíamos compará-lo à águia que com suas asas,

buscava o céu, tocando os astros, no dizer do Olavo Bilac, sobrava-lhe talento, inspiração, sendo um pesquisador tenaz e *indormido* de nossa história, imortalizou em seu livro figuras populares, recriando aquele universo vivido pela Rainha da Borborema, quando o trem circulava com todo seu romantismo, as indústrias algodoeiras, plantavam o nosso estupendo progresso, o açude velho, maior e menos poluído fornecia água para acionar as máquinas, e o querido e apaixonado escritor Hortêncio Ribeiro apreciava tanto aguardar na estação a chegada do trem.

JOÃO PESSOA, UM POLÍTICO ADMIRÁVEL

Dizem que os gênios e os grandes estadistas surgem num determinado período para iluminar o século em que viveram. São raros, únicos e tornam-se universais, e pela sua grandeza moral, pela retidão de caráter pelo desprendimento, pelo amor à causa da humanidade, nos conforta saber que eles existiram e que sorvamos seus exemplos para não perdermos a crença, a esperança de justiça social e vida digna para todos.

Nós, paraibanos, tivemos este herói; temos o seu exemplo maior, lutou e morreu pelo nosso estado, por uma Paraíba mais ativa, e respeitada.

Relatou-me Feitosa, farmacêutico, estabelecido com farmácia em Campina Grande, e remanescente de 1930, que o grande estadista voltando do sertão, fez uma parada em Ingá, já noite. Estava cansado e com fome, sentado no banco traseiro do carro e pede a seu motorista,

para pegar, numa casa em frente, um bule de café e um pouco de bolacha. O grande presidente foi logo identificado, e as pessoas acorrem para olhar e admirar o seu grande líder; foi instado a sair do veículo e jantar na casa que providenciara a frugal comida, e repousar um pouco da longa e poeirenta viagem.

Desculpou-se, tinha pressa em chegar à capital, cuidar dos negócios públicos, defender o seu povo, a Paraíba, os inimigos eram ferozes e não davam trégua e não escondiam o intento de eliminar o insigne político.

Arrumou as bolachas no colo, e ali mesmo sorveu o seu café e a multidão em torno, reverenciando o líder incontestado da Paraíba, num de seus momentos mais cruciantes.

O poeta Coelho, de Esperança, com quem conversei muito, culto e loquaz, pude saborear os seus conhecimentos e testemunhar a sua admiração pelo mártir de 1930, e onde teve a honra de trabalhar no palácio, ao tempo de seu fecundo e augusto governo. Contou-me episódios emocionantes do grande estadista. Passeava o presidente pela rua Duque de Caxias, como sempre fazia, logo fez uma parada para conversar com uma senhora que trazia nos braços uma criança, João Pessoa de modo

carinhoso, pega o pimpolho e o afaga contra o peito, o inocente faz xixi na roupa do grande político, a mãe constrangida, pede desculpas e faz menção para retirar o filho de seus braços. João Pessoa, dispara, então a frase magistral e tocante: «Pode deixar, prefiro a urina das crianças, aos aplausos dos adultos».

Anos depois, conversava eu, na capital com o ilustre e educado médico doutor Londres, acerca deste episódio, e ele, me disse que a senhora era sua mãe e o filho era aquele cavalheiro com quem eu tinha a honra de prosar, sentados nós, no interior de uma agência bancária.



JOÃO PESSOA

PROFESSOR SEBASTIÃO, A LEALDADE A GETÚLIO VARGAS

Tinha o saudoso campinense uma inteligência ágil e uma personalidade forte. Idealista, de vasta cultura e a alma carregada de sonhos.

Na revolução de 1930, combateu, muito jovem ao lado das forças de João Pessoa e Getúlio Vargas. Engajado pela causa da renovação dos costumes políticos do país.

Fez amizade com o presidente Vargas, mantendo uma fidelidade profunda ao mesmo e tinha uma correspondência regular com o irmão caçula do político gaúcho.

Em nossa cidade, dedicou-se de corpo e alma ao magistério, educando e preparando para a vida várias gerações.

Quando Getúlio esteve em Campina Grande, em 1950, disputando a presidência pela Segunda vez, o grande amigo estava ao seu lado, desfilando em carro aberto, pelas

nossas avenidas, juntamente com Epitacinho, senador e filho do mártir de 30, João Pessoa, e Gregório, o anjo negro do político gaúcho.

A «eminência parda», chegou a confessar ao ilustre campinense: - Olha, Sebastião, tudo devo a Getúlio, aliás devo-lhe um grande favor e, se for possível, darei a vida por ele.

Anos mais tarde, se consumaria a tragédia, com o atentado a Carlos Lacerda, a morte do major Vaz, na rua Toneleiros, a mesma onde Tiradentes foi preso.

O jornalista afamado era um opositor ferrenho do presidente, sendo a trama sinistra perpetrada e comandada por Gregório.

No presídio cumprindo a sentença pelo crime, recebe a visita do Lutero Vargas, o filho do grande político brasileiro, que se matou com um tiro no coração, no Palácio do Catete, encerrando a era Vargas. Lutero, curioso, indagou-lhe: - Quem foi o mentor, o mandante do crime? O fiel escudeiro respondeu: = Ah, Lutero, foi coisa da minha cabeça, fui eu que planejei tudo.

UM MORADOR DA RUA JOÃO DA SILVA PIMENTEL

Outro morador desta rua, por sinal nascido nela, José da Guia Nóbrega, na esquina com a rua João Suassuna, no prédio que leva o nome de Santos Dumont, pois seu pai foi o primeiro aviador de nossa cidade. Seu genitor que se chamava José Manoel Imperiano de Cristo foi o fundador do Aeroclube de Campina Grande em 07 de outubro de 1940 com o sócio Antônio Barreto.

Seu pai também construiu um campo de pouso para aterrissar com seu teco-teco em Soledade.

Ainda hoje, numa idade provecta, porém esbanjado saúde, sempre o encontramos em sua casa comercial, no ramo de tintas. Eu e o mano Edvaldo o visitamos algumas vezes para uma conversa descontraída e bastante cordial.

“CHÁ PRETO”

Era assim conhecido o barbeiro que trabalhava no Salão Elite, funcionando ao lado da padaria das Neves.

Uma bela manhã, quando atendia, o conceituado médico Doutor Adalberto César, como de costume, todas as manhãs, quando, de repente, passa em frente, Bacurau, antigo motorista da praça de táxi, que funcionava no Marquês de Herval.

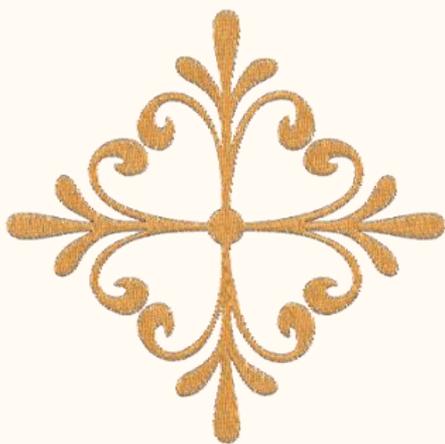
Brincalhão e zombeteiro como ele só, grita para Chá Preto:

- Que estas fazendo aí, crioulo safado?

A resposta veio furiosa e fulminante, num desabafo, quase irracional e bastante constrangedor para o ilustre cliente;

- Raspando a b.... de tua mãe.

O médico se retira do salão indignado.



Parte 2

Crônicas Esparsas

CHAPLIN, O GÊNIO E FILÓSOFO

Afirma-se amiúde que o estilo é o homem, e em assim sendo, dá-se para acreditar que toda a produção fílmica do admirável artista é a história de sua vida.

Desde os tenros anos, amargou agruras e carências, a genitora, a ex-atriz do teatro de variedades, termina na extrema pobreza, morando em quartos e sótãos londrinos, vivendo de costura e outros bicos, breve estará doente e louca, o genitor ébrio, artista frustrado, num meio concorrido e mesquinho, vive com outra mulher.

O pequeno Chaplin, nascido genial, talento precoce, aprende, já na quadra infantil e dolorosa, superar adversidade. Sabendo extrair das situações mais angustiantes pitadas de humor.

Conheceu a miséria da periferia londrina, o fausto e as extravagâncias da nobreza do império da rainha Vitória, dois extremos chocantes da sociedade poderosa, um império que dominava a economia mundial, ricas

colônias na África e mundo asiático e muita desigualdade social, mostrou suas mazelas no país que o gênio do cinema num painel dramático mostrou pelo fino e apurado humor. Personalidade exuberante, afirmando sempre que o otimismo foi sua principal característica, uma espécie de rochedo a suportar todas as tormentas.

A genitora, enquanto lúcida, inteligente e culta transmitia ao pequeno e ao irmão Sidney só pelo lado materno sábias lições, o realismo da vida, as entranhas da natureza humana, paciência e amor cristão, desculpar-se sempre, porém, agachar-se nunca.

Para Carlitos, se o realismo da vida suscita sobressalto, o aceitamos também com humor e aquela aura de poesia e assim cresceu e agigantou-se aquele adorável vagabundo, chapéu de coco e bengala fazendo plateias do mundo sorrir e emocionar-se.

Aquele menino pobre e desamparado, dividido entre a escola, de maneira precária e fazendo bicos para ajuda a mãe, curioso e sagaz, pelas ruas, observava tudo, através das vitrines, chamava-lhe atenção o luxo e abundancia dos restaurantes, encantavam-lhe, a música do violino que entretia a rica clientela, sublimando assim seu

infortúnio, chegando mais tarde a tocar este divino instrumento.

Apreciava a leitura, escrevia bem e dizia sempre que se quisesse teria sido um renomado escrito. Tinha plena consciência da amarga realidade, e alma sensível e poética era no fundo um humanista.

Superdotado, inteligência prodigiosa, sozinho batalhou e venceu, abraçando a carreira artística, convertendo-se no maior astro da sétima arte, conheceu a glória e tornou-se um patrimônio da humanidade.

CORETO DE GUARABIRA

Construído em 1932 pelo prefeito Ferreira de Melo, ardoroso revolucionário de 1930 e muito próximo ao Presidente João Pessoa; bastante operoso levantou, também o prédio do Correio e o imponente edifício da Prefeitura.

Só lhe resta o frontal, uma relíquia, ao abandono; a velha ponte no final da rua da Barra foi construída, também, em sua gestão.

O Coreto era mágico, situado, no centro de aprazível logradouro, a exhibir canteiros e acolhedores bancos, de madeira e ferro; palco de muitos romances e tretas; a vida a fluir descontraída e sossegada, porém, cenário de tragédias, e a enlutar famílias.

Havia, no seu interior, uma pequena construção do cimento para guardar um rádio, cujo tamanho, chamava atenção.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o zeloso funcionário Medeiros, toda noite abria a caixa e o retirava lá dentro, pondo-o, a funcionar. Um público atento, ouvia as últimas notícias do cruel conflito mundial, que o nosso maior cronista - Rubem Braga, estando na Itália, denominou-o guerra imbecil, que envergonhou a humanidade. Guarabira, chegou a enviar alguns “pracinhas” para o solo europeu, como o valoroso cabo Beija Fonseca, um herói, ajudando a tomar Monte Castelo, em mãos dos nazistas.

Aos domingos havia animadas retretas, sob a batuta do maestro Jovelino e daquela relíquia, Osmar de Aquino fazia seus retumbantes discursos, galvanizando o imenso público presente. Num dos lados, ao redor da florida praça, denominada João Pessoa, chamava atenção, um antigo vendedor de roletes, cor de ébano, chamava-se Zé Boidê; impressionava sua figura, pobre, porém, exibindo muita dignidade; bastante asseado, trajando sempre, calça e paletó brancos, contrastando com sua pele escura, sentado atrás de sua banca de roletes, de onde

tirava sua sobrevivência. Um pouco sóbrio e bastante atencioso, atendia sua clientela, meninos e jovens, apreciadores daquela irresistível sacarose.

Aquela criatura, a quem o destino deu-lhe as costas, no dizer de Joaquim Nabuco, constitui uma das mais fortes lembranças da minha infância; ouvia dizer que em tempos idos, quando jovem, fora escravo do genitor de um general, num engenho em Piloezinhos, e costumava levar a matriarca à missa, na cadeirinha, todos os domingos. As moçoilas do tempo eram presenças constantes, todas as noites, na praça do coreto; sonhavam ali encontrar seu príncipe encantado, garantir um casório, seu maior anelo. Um rapaz recém-chegado era disputado na marra e cupido ficava assanhado. O coreto desaparecido da paisagem urbana, guarda, assim, histórias e causos.

JK, MEMÓRIA E EMOÇÕES

No período junino deste ano, viajei a Brasília, a convite do pessoal que cuida do departamento de cultura; o governo do Distrito Federal criou um ousado programa de incentivo à leitura, montando a mala do livro nas estações de metrô; a sua diretora, é a paraibana Lúcia de Alagoa Grande, culta e viajada, me solicitou exemplares do meu livro, “Guarabira, um olhar sobre o passado”, onde resgato muito da nossa cultura e folclore, trazendo farto material de cordel; fui homenageado na Academia de Letras de Taquatinga, onde estão alguns paraibanos, radicados na capital federal, motivo de enorme confraternização e emoções; deixei bastante exemplares em livrarias e no famoso sebo de Ivan na concorrida

galeria em frente à estação central do metrô, no coração de Brasília.

A próxima meta, e muita expectativa, era visitar o memorial JK, e assim durante quase duas horas, percorri, todos os salões, a apreciar, com os olhos da alma, o fabuloso acervo, mobiliário, as fotos que emocionam e ilustram, depoimentos, a biblioteca do presidente Juscelino, medalhas e homenagens de reis e estadistas do mundo inteiro.

Ali se escreve, toda a trajetória do homem que sacudiu o país inteiro, o gigante a levantar-se e construir seu futuro despertando o orgulho do povo brasileiro; fez o Brasil crescer 50 anos em 5, tamanho o arrojo, dinamismo daquele menino pobre e genial de Diamantina, onde o genitor, numa premonição espantosa ao ver o filho abrindo os olhos, exclamou: Está nascendo o futuro presidente do Brasil.

Na biblioteca monumental pertencente ao estadista demorei-me algum tempo a conversar com o jovem goiano, muito elegante a receber os visitantes, disse-lhe de onde vim, Campina Grande; que recebera enormes benefícios de Juscelino e gentilmente, me incentivou a

trazer as fotos do presidente quando de suas visitas a nossa cidade e me levaria à presença da diretoria do memorial.

Lá fora, a estatua monumental do saudoso estadista, no topo da gigantesca coluna, mão levantada, a saudar a cidade que sonhou e construiu e apontando os caminhos e esperança que incutiu no coração e mente de todos os brasileiros.

E pus-me a refletir como estes poucos grandiosos homens são raros e nos fazem falta, e não esqueçamos de lembrar: Juscelino iluminou o século em que viveu.

JOSUÉ DE CASTRO, SUAS RAIZES PARAIBANAS

O renomado cientista brasileiro, médico, político e primoroso escritor, nasceu no Recife em 5 de setembro de 1908, e sua maior paixão foi a luta pela causa da humanidade. Seus avós eram de Cabaceiras, na década de 50 esteve em Campina Grande e daqui acompanhado do doutor Luiz Rocha Sobrinho, genro de João Mota, se dirigiu até à fazenda daquele município para conhecer o torrão de seus antepassados que em 1877, no grande flagelo climático, fugiram para o Recife.

Filho único, de pais separados, o menino amparou a mãe, enfrentou as dificuldades, testemunhou a miséria nos mangues recifenses, as populações subnutridas. Seu grande cabedal foi a inteligência. Formou-se em Medicina,

e, no Rio de Janeiro, foi médico de Getúlio Vargas, granjeando sua amizade e admiração.

Retorna pouco depois ao Recife para construir uma carreira gloriosa de saber e política, elegante, alto, sedutor, o jovem médico logo conquista a sociedade na década de trinta e se casa com a miss Pernambuco; sua aluna na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais de Pernambuco.

Em 1958, reeleito deputado federal com a maior votação do Nordeste e, 1962, nomeado pelo presidente Goulart, embaixador do Brasil junto à ONU. Mas, é na ciência que o gênio resplandece. Em 1946 publica “Geografia da Fome” e depois “Geopolítica da Fome” editados ambos em mais de 25 idiomas.

A obra corajosa recebe o reconhecimento mundial. No país, assusta a sociedade burguesa, pois pela primeira vez, rasga-se o véu da hipocrisia e mostra a cruel realidade.

Seus estudos inspiram o salário-mínimo, restaurantes populares e ele mostrou, em tintas vivas, ser impossível o progresso ao lado da miséria.

A ditadura militar não o perdoou. Expulsou-o do país, a Europa o recebeu de braços abertos, fixou-se em

Paris, aureolado, admirado e eleito o primeiro cidadão do mundo.

Falece na cidade luz, deprimido, com saudades da pátria, do seu Recife querido, em 24 de setembro de 1973.

Infelizmente o país não sabe cultivar os seus grandes gênios e benfeitores, como o grandioso Josué de Castro, duas vezes lembrado para o prêmio Nobel.

O FOLCLORE E A CRIANÇA

Na sexta-feira passada, 22 de agosto, dia internacional do folclore, pouco assinalado, escassas atividades à notável efeméride; parece que a pressa do mundo moderno, a globalização a engoliu, perde a cultura popular tão ligada às raízes e a gênese de um povo, que contribui sobremodo para melhor definir e compreender o perfil de um povo. Afirmava o grande Joaquim Nabuco que tão importante quanto o desenvolvimento de uma nação é a cultura e os bens dela advindos, constituem a alma de um povo, dando-lhe feição própria, moldando sua personalidade.

A nossa cultura popular, rica, fascinante, e como tal, merece ser resgatada e melhor divulgada. No passado, a criançada preenchia o seu lazer com tantos e variados brinquedos, hoje quase desconhecidos. À noite, meninos

e garotas se entretinham com o coelho passa, não passa, o teatro era a rua, fazia-se um círculo, uniam-se as mãos no centro, o menino coelho a tentar romper o círculo. As meninas jogavam academia, esboçava-se o desenho a carvão, na calçada; a façanha consistia em percorrer os quadros, pulando com um pé só.

A petizada adorava o pião e o ioiô, os meninos mirins faziam exhibições vaidosas, uns a pegar o pião na palma da mão, outros a executar incríveis piruetas com ioiôs de madeira, coloridos.

Havia a peia, mais violento, próprio dos meninos; escondia-se um cipó ou um cinto, quem o achasse, saia a vergastar a cambada brincalhona inocente e descontraída era a brincadeira do anel, participava, ambos os sexos, um contingente mais crescido. Todos sentados, cada um com as mãos postas, em posição de prece; alguém com o anel, podia ser um pedaço de papel enrolado, guardando em suas mãos, saia a deslizar estas por entre os dedos dos colegas, na intenção de deixar cair, em um dos participantes o papel mágico; havendo preferências, o menino optava por tal garota, nestes vagos impulsos, irrompiam os primeiros suspiros do coração, este

laboratório das emoções a experimentar as primeiras flechadas do cupido.

O NOBEL E OS BRASILEIROS INJUSTIÇADOS

Num país, infelizmente sem tradição na pesquisa, peca pela pobreza da cultura, desconhece quem foi César Lattes, este brasileiro, tido até hoje como um dos maiores físicos do mundo, sendo o pioneiro no estudo e descoberta da quarta subpartícula do átomo, o meson, revolucionando todo o estudo do universo atômico, ajudando a construir a física quântica de nossos dias.

O renomado físico nasceu em Curitiba em 11 de julho de 1924, filho de banqueiros italianos, porém a criança precoce possuía a inclinação nata, a paixão pela ciência e a natureza, o segredo de suas entranhas e a importância para a humanidade.

Ainda adolescente, se forma na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade de São Paulo e aos 19 anos, é professor-assistente da USP.

Era um físico, segundo um depoimento de seu professor, possuindo, a rara e notável intenção para os fenômenos físicos e sua habilidade como experimentador.

Após brilhante carreira no país, sem ajuda oficial, contando com uma bolsa de uma companhia de cigarros Wills, segue para a Universidade de Bristol na Inglaterra, para se unir ao grupo do cientista Cecil Powell.

Há 10 anos, o grupo tentava em vão, explicar, demonstrar as partículas subatômicas, massa, propriedades; a entrada de Lattes foi fundamental, sua genialidade, experimentos das radiações cósmicas, numa estação Andina, na Bolívia, chegando a descoberta, desta subpartícula do átomo. Este fenomenal pesquisador de campo, revolucionou a ciência, o verdadeiro descobridor da subpartícula, denominando-a “meson pi”. E a 25 de maio de 1947 na revista *Nature* comunica a descoberta. Logo, em seguida, viria a decepção e injustiça. O cientista Cecil Powel de Bristol, redigiu o texto para a Real Academia Sueca, por dominar o inglês, omitindo o nome

do brasileiro, tamanha injustiça o Nobel cometeu e o silêncio das autoridades brasileiras.

Mas, conformado, sempre afirmava, pior fizeram com o nosso genial médico brasileiro Carlos Chagas, este merecia vários Nobéis, o grande cientista médico a descobrir a doença do barbeiro, relatou a enfermidade, sua etiologia, vetores e propor modelos experimentais; indicado para o Nobel em 1921, a Real Academia sueca suspende a premiação, e médicos do Rio de Janeiro, pasmem, levados pela inveja, fazem campanha contra o colega, por sê-lo do interior de Minas Gerais.

CORONÉIS E CANGACEIROS

O País, já no século XVIII, inaugurava a civilização do couro, uma região gigantesca abrangendo da Bahia ao Ceará, surgindo os incomensuráveis currais de gado, a exploração pecuária extensiva; nestes sertões a perder de vista, dando lugar ao surgimento de uma bem tipificada região, onde a lei era do mais poderoso, o coronel afamado, respeitado, senhor do cutelo e barão, e onde o sentimento de honra só podia ser lavado com sangue.

Desta figura patriarcal inspiradora de tantos causos e histórias, o abalizado historiador Antônio Amaury, este paulista que estudou a fundo e paixão a saga espantosa do cangaço, teceu este perfil do chefe supremo nas terras tropicais! “o coronel era o latifundiário todo poderoso, a quem a lei não se aplicava. O restante da população, condenada nesta terra, estava sujeita ao coronel, gostasse

ou não, e por suas decisões nada imparciais estes chefes feudais viviam a criar inimigos manipulando indivíduos e famílias uns contra ou outros a visar somente seus interesses”. Sedentos por terras, viviam a ampliar seus latifúndios, a comandar tudo de suas amplas moradas, verdadeiras fortalezas, cercado de jagunço e armas, espalhando temor e respeito, a invadir propriedades e a esmagar os pequenos.

Quem tivesse personalidade mais forte e paciência menor acabava se revoltando contra esse estado de coisas e pegando em armas. Nascia assim a figura do cangaceiro. Os mais destacados coronéis do Nordeste: Andreilino Pereira da Silva, o Barão do Pajeú, tio avô do cangaceiro Sinhô Pereira que teve influente papel na formação de Lampião, seu sucessor e de quem o rei do cangaço recebeu rasgados elogios. Também em Pernambuco, coronel Zezé Abílio, na Paraíba, Zé Pereira, em Alagoas a família Malta, tinha fortes vínculos com Virgolino Ferreira, no Ceará, destaque para o padre Cícero, líder religioso e político e latifundiário de imensas posses.

Antes do surgimento de Lampião, houve nos sertões nordestinos cangaceiros, que deixaram um rastro de violências crimes hediondos, dentre tantos, o Cabeleira,

junto com o genitor de péssima índole, já no século XVIII espalharam o terror pela província de Pernambuco, sendo ambos condenados à morte por enforcamento e executados em 1776, no Largo das Cinco Pontas no Recife. Outra figura sinistra, Lucas, era de Feira de Santana, Bahia onde nasceu em 1807, escravo fugido exibindo imensa ferocidade e atos aterradores. Governo ausente, população abandonada, neste cenário de desmando e injustiça, o coronel exercia o poder, este poder embriagador que há séculos fascina os homens os levando a engalfinhar-se em banhos de sangue.

O JUÍZ MAONEL FONSECA, GLÓRIA PARAIBANA

O emérito magistrado, nasceu em Guarabira no século XIX, mais precisamente a 6 de junho de 1833, no tradicional engenho Lameiro, uma relíquia do passado, encravado em terras de Piloezinhos, época uma vila da Rainha do Brejo, ainda estão de pé, a casa colonial e a veneranda capela, Nossa Senhora do Rosário, em estilo barroco. Era filho do coronel Francisco Xavier de Andrade.

Formou-se em Direito em 1857, pela Academia de Olinda e em 1859, quando juiz na cidade de Souza, casase com a filha do Coronel da Guarda Nacional, José Gomes de Sá. Um de seus filhos, médico João Batista de Sá Andrade integrou a primeira Constituinte Republicana, sendo chefe do Partido Conservador; e uma filha, Alice de Sá Andrade era casada com o médico José Teixeira de Vasconcelos, neto do Barão de Maraú.

O emérito magistrado teve o privilégio de integrar o ciclo da elite intelectual e política de nossa província, ocupando por merecimento altos cargos, inclusive de primeiro vice-presidente no advento da República. Um de seus filhos, o ilustre Médico João Batista Sá Andrade, integrou a primeira constituinte como deputado, emprestando o seu nome ao hospital de Sapé. O historiador Marcos Odilon, bisneto e um de seus biógrafos chegou a afirmar que Doutor Fonseca tinha palavra fácil.

O insigne paraibano teve, pelo visto, profunda projeção social e uma intensa atividade política, pois naquele tempo podia exercer função política. O governo imperial por decreto de 9 de janeiro, nomeou-o juiz da Comarca de Cajazeiras, passando por outras comarcas do sertão, sendo depois removido para sua Guarabira.

E no seu torrão, quando da chegada do trem, a 4 de junho de 1884, na Vila da Independência, o primitivo nome, lá se achava presente, o ínclito filho, ao lado do presidente da província, José Aires do Nascimento e outras pessoas gradas.

No império, militou no partido conservador e representou a terra natal na Assembleia Legislativa durante 5 biênios. O governo imperial condecorou-o com o título

de Cavaleiro da Ordem da Rosa, sendo o irmão Antônio Xavier de Andrade, desembargador da Corte de Justiça de D. Pedro II.

Homem de espírito nobre, visão humanista, engajou-se na luta abolicionista, emprestando sua inteligência e prestígio, ele próprio concedendo alforria a dezenas de escravos; a ação nobilitante valeu-lhe o título de sócio benemérito da Sociedade Abolicionista Ave Libertas de Pernambuco. Ao instalar-se a República, e o juiz Venâncio Neiva escolhido primeiro governador, o amigo Manoel Fonseca, sendo deputado estadual e presidente da Constituinte, é feito vice-governador do estado.

Instalado o Tribunal de Justiça da Paraíba é eleito primeiro presidente da casa e hoje uma foto da augusta figura, orna o salão do pleno do Tribunal. Quando faleceu, no início do século XX, o Jornal, o Comércio, a ele se referiu como um dos poucos homens, nesta terra, constituindo uma relíquia inestimável dos tempos em que Pátria Brasileira se revia com o orgulho no brio de seus filhos.

O DIA DA VITÓRIA

Há 63 anos, exatamente no dia 08 de maio de 1945 assinalava-se o final da Segunda Guerra Mundial, a mais horrenda e vergonhosa da história. A humanidade, respira aliviada, ela; a maior vítima do nazismo, segundo a expressão de um procurador em Nuremberg.

As tropas russas tomam Berlim, último bastião, à frente deste exército se encontra o famoso Marechal de ferro soviético George Zhukov, de quem Eisenhower se tornara amigo e seu admirador.

Hítler suicida-se no dia 29 de abril, no Bunker, ao lado de Eva Braun e seguidores fanáticos.

O mundo se livrara deste Átila moderno, nascido na Áustria. Em criança, mimado pela mãe e rejeitado pelo

pai, castigando-o para que o menino se dedicasse à matemática e ciências, e a criança problemática sonhava somente em ser pintor famoso.

Ainda adolescente, viaja a Viena para se matricular na Escola Real de Belas Artes, é reprovado nos exames e tratado com indiferença pelos mestres; dentre eles, um judeu.

Decepcionado, toma o destino da Alemanha, onde a política fervilha, grupos se digladiam entre as ideias socialistas e as conservadoras.

Germanófilo assumido, participa da 1ª Guerra Mundial, ficando muito abatido com a derrota de seu país no conflito. Funda pouco tempo depois o partido nazista e faz rápida carreira política. Orador afamado, com soberba dialética, gestos teatrais estudados, conquista o povo alemão, pregando vingança, revanchismo.

Em 1933, a Alemanha afundada abre o caminho para a ascensão do partido nazista, Hitler se torna o homem poderoso. Passa logo à execução de seus mirabolantes sonhos e planos; mobilizada a nação, espalhando esperanças e terror, não tarda muito, em 1939, senhor de portentosa máquina de guerra, declara guerra ao

mundo. É quando estremece a Europa, abrindo os olhos, ante o horror, ao atroz pesadelo.

Foram seis anos de conflito; o mais trágico e desalmado que a civilização assistiu.

Mas a vitória é nossa, o planeta está salvo, dança-se nas ruas de Paris, Londres, comemora-se. Os soldados a bailar com as jovens nas praças, aguardando a fala da Rainha da Inglaterra. Nova York vibra, Moscou também. Na Itália, a multidão ajoelhada reza na praça de São Pedro.

Eu tinha 8 anos, me lembro, em Guarabira, lá em casa, minha avó a rezar com o terço nas mãos e as minhas tias a arrastar-me para a passeata comemorativa.

“CAUSOS” E ESTÓRIAS, TIPOS POPULARES

Muitas cidades possuem veneradas figuras a relembrar fatos e acontecidos folclóricos de seu torrão.

Em Guarabira, o endereço certo é a mercearia de Zezinho Gouveia. Sempre o encontramos na tradicional mercearia, hoje um empório de maior relevo.

Cinquenta anos no batente, na Rua Almeida Barreto, quase centro, onde vivi minha infância, a receber clientela, de geração a geração e visitas ilustres como Silvio Porto e o general Bandeira, este último à cata de informes, de caráter afetivo sobre Joaquim menino, intimorato delegado e antigo comerciante, quase vizinho daquele

estimado conterrâneo, em cuja casa, as irmãs do general se hospedavam quando vinham da fazenda.

Zezinho Gouveia é um repositório de histórias fantásticas. Há dias, ao visitá-lo, numa conversa longa, contou-me esta: o tenente Caboclo, famoso delegado em nossa cidade, valente que só ele, e de cara fechada, transferido para Itabaiana, quando o antigo cabaré Carretel entrou em decadência e o enfezado militar resolve comprar uma casa, no local, a preço vantajoso e passa a morar com a esposa; ao sair, toda manhã, por cautela, fechava a porta, ficando lá dentro a mulher, para evitar surpresa.

Numa ocasião, esquece a providência, e um antigo frequentador, tomado um trago, adentra, e tenta abraçar a dona, que aos gritos pede socorro.

No exato momento, tenente caboclo entra, e se depara com este quadro dramático no interior da casa. A cena seguinte é patética, o afoito vagabundo se ajoelha aos pés do temível militar, implorando: só dê um tiro no meu ouvido, e morro satisfeito.

A resposta do delegado é inusitada e salvadora: se levante homem, vá embora, o culpado sou eu, que deixei a porta aberta.

Incontestavelmente, Zezinho Gouveia foi uma figura emblemática e muito estimada na cidade, a Rainha do Brejo, e no meu livro sobre Guarabira cheguei a imortalizá-lo, compondo o seu perfil.

Chôla, grande tipo popular, o conheci bem. Muito simpático, moreno, só vestia branco, inclusive o paletó, a portar um indefectível cachimbo muito querido na cidade, limpava cacimbões e solicitado pelas famílias para outros serviços. Numa ocasião, estava em uma festa em casa de Nevinha Bandeira, já meio alcoolizado, se despede da dona nestes termos: Dona Nevinha, vou-me embora, se me encontrarem morto por aí, diga ao doutor Osmar que morri dando viva a ele. Foi o maior criador de piadas e causos que a cidade conheceu. Faleceu afogado em um cacimbão.

FESTAS JUNINAS DO PASSADO

Uma das festas mais populares do Nordeste, aguardada com ânsia, expectativa, nas cidades e fazendas.

Cada família mobilizava seus membros e agregados, para cumprir todo o ritual preparatório, e a noite se alumiava de todo, a fogueira a crepitar, a criançada afoita e feliz a disparar os mijões e os beijos de moça. Um elemento indispensável era a lanterna, suspensa das janelas, no frontal das residências, tornava a festa mais colorida e mágica; na década de 50, quando já me encontrava na Rainha da Borborema, para estudar, extasiava-me a vista, o espetáculo destes invólucros de papéis coloridos que faziam a noite mais emocionante. Folgado tradicional, tão caro e apreciado pela nossa gente, era comemorado, no passado, em alto estilo; as crenças, adivinhações, tudo tinha um saber mítico,

fascinante; com o perpassar do tempo, foi perdendo força e prestígio, só restando as cinzas daquele tempo longínquo e lendário.

Só nos resta, então, registrar esta apreciável riqueza folclórica, pois, no dizer de Câmara Cascudo, o folclore é estudo desta mentalidade popular e a literatura oral sua expressão.

O nosso São João de outrora estava recheado de lendas, superstições, simpatias e promessas, toda uma aura a revestir de grandiosidade; a noite maior, buliçosa, festiva, os balões a abrilhantar a festa, subindo, levando na noite cálida e mágica, os nossos sonhos e desejos sob a forma de luzes.

As jovens, em busca de seu anelo maior, encontrar o seu príncipe encantado, casar para não ficar para tia, a noite de São João lhes fornecia um prato cheio, apelando para as simpatias emocionadas e nervosas, ficavam a espreitar o prato com água e duas agulhas e deslizar sobre o líquido, e assim aguardavam a rezar quase em murmúrio, que as agulhas se juntassem, reacendendo a esperança de um próximo casório, muitas, munidas de uma faca a enfiar no tronco da bananeira, e o líquido a escorrer gravasse o nome do futuro consorte.

Em Guarabira, nos clubes sociais, da elite, havia as quadrilhas em grande estilo, e ruas mais humildes, como o alto de Santa Teresinha, a dança do côco de roda rolava a noite toda.

Em Campina Grande, nas primeiras décadas do século XX, carros de boi eram acionados, indo buscar a madeira na mata existente onde hoje fica o Centro da Cidade, a área compreendida de denso matagal que começava pela Índios Cariris e se estendia pelo bairro do Bodocongó, essa área pertencendo a Irineu Joffilly.

Não se pode escrever a história de nosso São João, de antanho sem mencionar a festa junina de Dona Mulata, o seu barracão famoso, no final da rua dos “Paus Grandes”, marcou época como uma das atrações daquele tempo.

O grande sanfoneiro desta época foi “beicinho”; um artista famoso que chegou à Campina Grande muito jovem vindo de Pernambuco; um animador deste evento tão popular e de grande riqueza folclórica.

TOSCANINI, O GENIAL MAESTRO DA SEGUNDA GUERRA

O famoso artista italiano nasceu para a música e vivendo-a intensamente, asseverando ser a arte mais sublime, numa confissão filosófica, a razão do seu sofrimento.

E adorava a solidão, dizendo-a divina, e após a guerra recolhia-se a um bosque e lago, no centro de seu país, já no outono da vida, a viver os grandes momentos de reflexão e lembranças.

A respeito da esposa sempre declarava: em nosso casamento a grandeza de nossos sentimentos era maior que tudo.

De Beethovem deixou este depoimento: a criatura mais fascinante da música e também paradoxal, pois produziu as grandes composições quando surdo, e a última, maior delas, a oitava sinfonia, quando perdera totalmente a audição.

Nascido em meados do século XIX, pode testemunhar, ao seu final o acervo deslumbrante de descobertas, o avanço tecnológico, a industrialização avançada no continente, e ao mesmo tempo crises econômica e política, nações a guerrear-se, lutas intestinas, o comunismo nascente, assustando e ameaçando os governos conservadores.

Presidentes e monarcas europeus desejosos de assegurar, a todo custo sua política colonialista, e seus monopólios.

Toscanini já viu o século XX nascer com cheiro de pólvora, e devotado a sua pátria e profunda sensibilidade, era avesso à violência e aos comportamentos irracionais.

Com o término da Primeira Guerra Mundial a Europa emerge deste rescaldo, mais perturbada e perdida, enquanto o divino maestro encantava as plateias, regendo as maiores orquestras.

No início de 1920 chega a filiar-se ao partido fascista com as melhores intenções, pensando reunificar e recolocar nos trilhos sua pátria, Mussolini exulta com esta honrosa adesão, mas, de logo, o artista famoso se frustra, corrige o erro e passa a combatê-lo de maneira corajosa, e mais tarde, chega a declarar: Mussolini foi um impiedoso

assassino e mereceu a morte que teve, não poupou críticas acerbas a Wagner, o compositor alemão que se colocou ao lado de Hitler.

Sofrendo imensa perseguição fascista deixa a Itália, indo para os Estados Unidos, dirigindo ali grandes orquestras e ovacionando, pelo imenso público que apreciava a adorável arte.

No quarto do hotel, se atormentava, perdendo o sono, longe do país, o solo italiano a encharcar-se de sangue, os milhões de jovens, seus patrícios e de outras nações, sacrificando-se inutilmente num conflito insano, desproposital, guiados por desalmados líderes que envergonhariam a raça humana.

OSCAR NIEMAEYAER, O GÊNIO DA BONDADE

Coração boníssimo, solidário com o sofrimento humano e chegou uma ocasião a vestir um menino de rua com roupa nova comprada na loja e a fazer amizades com mendigos; sobre o dinheiro, confessa seu desinteresse pelo mesmo. Em Paris, possuía um apartamento e doou-o ao colega Luís Carlos Prestes, que, exilado, não tinha onde morar. O arquiteto famoso possui assim uma vontade imensa de ajudar as pessoas, ser-lhes útil.

E, na sua profissão, a arquitetura, o que lhe atrai, é a curva livre e sensual, existente nas montanhas, no curso sinuoso dos rios, nas ondas do mar e no corpo da mulher onde buscava inspiração.

A uma jornalista que lhe indagou por que casou aos 100 anos, retrucou: porque gosto das mulheres. No depoimento concedido, no sábado de seu centenário

aniversário, a TV Globo, recebendo grandiosas e justas homenagens, fez este comentário: Estou feliz ao lado da minha companheira, tranquilo e esperançoso, a aguardar o que tiver de vir pela frente.

Para o ilustre brasileiro, a vida é um eterno caminhar, viver todos os seus momentos, de maneira intensa e apaixonada, como se este tempo ilusório e surpreendente constituísse em bronze de eternidade. Criado pelo avô Augusto Ribeiro, ministro do Tribunal Federal, no casarão das Laranjeiras, está sempre a evocar com emoção o antepassado ilustre e honrado.

Um dos maiores arquitetos do mundo, sua arte tem reconhecimento universal, projetou Brasília, o Congresso Nacional e a admirável Catedral que consagraram seu autor.

Quando exilado em Paris, ajudado pelo amigo, o escritor André Malraux, obteve do Presidente De Gaulle, um decreto especial autorizando a trabalhar na França como Arquiteto, montando um escritório no Champs Elysées, no coração de Paris, construindo a sede do partido comunista e o espaço Oscar Niemeyer no Haure.

Adora o silêncio para melhor refletir sobre a vida, as pessoas o mistério e o mundo, afirmando que a maior virtude é servir e cultivar a bondade.

Na idade provecta e fecunda, continua no mesmo ritmo, trabalhando e sem largar a leitura prazenteira que lhe rejuvenesce e aprimora esta criatura, um esplendor de existência. Numa ocasião, o compositor Wagner afirmou: acredito em Deus, Mozart e Beethoven, e poderíamos acrescentar Niemeyer também.

GUARABIRA 1950, A FESTA DE ANO

Havia muita perspectiva com a chegada da grande festa do calendário que marcava o ano novo. Eu, pré-adolescente, corria à Praça Pedro II, no centro de Guarabira, onde uma imensa multidão regurgitava.

As barracas atraíam os adultos, onde tentavam a sorte, os olhares gulosos nos prêmios; muitos jogos de azar e bebidas; as crianças dispunham de muitas atrações que aguçavam seus apetites, carrosséis alumiados a lampião à base de carbureto, aqueles se movimentavam por força humana, o jujú e balanços, faziam sucesso.

À margem das calçadas que circundavam o histórico correto postavam-se toscas barracas, hoje quase inexistentes; os doces secos, broas apetitosas, cavaco chinês, os tabuleiros expondo roletes de cana espetados

em palitos de bambus, onde um de seus vendedores famosos era um pretinho velho, bem vestido, humilde e bondoso, chamava-se Chico Boideú, morava na Rua do Tambor, dizia-se que fora escravo, muito jovem, no engenho dos pais do general Bandeira, e todo domingo, levava à missa, na cadeirinha, a senhora do engenho.

Naqueles tempos em lugar do guaraná se bebia gasosa e capilé. Com algum dinheiro no bolso, tentei também a sorte, ansiando abocanhar os prêmios disponíveis nas barracas. Numa delas, havia uma senhora bonita, olhos verdes, muito simpática; foi ali que rompi o Ano Novo, onde afluíam as emoções; aquela senhora abraçou-me de maneira efusiva, e eu sem entender nada, nem o significado do gesto tradicional, só, depois, adulto, passaria a compreender tudo, as esperanças que nos reconfortam e os temores que nos acompanham que nos reconfortam e os temores que nos acompanham.

RAINHA JOANA

Muitas cidades, capitais e interior, possuem seus tipos populares, figuras folclóricas que marcaram época. Estas criaturas bonachonas e prosaicas constituíam o lado descontraído da vida.

Adoro estes tipos, da minha cidade, guarabirenses. Conheci alguns maravilhosos; ainda hoje lembrados pelos mais antigos.

Chôla foi um deles, fantástico, muito espirituoso; numa ocasião se achava numa festa em casa de Nevinha Bandeira, já meio alcoolizado, se despede da senhora nestes termos: “Dona Nevinha, bebi muito e vou-me embora, se me encontrarem morto por aí, diga a Doutor Osmar, que morri dando viva a ele”.

Na capital, dentre outros, destacou-se Mocidade, que se achava um consumado tribuno e privava da amizade de políticos e autoridades. Uma ocasião, foi recebido pelo Presidente Juscelino, no Hotel Tambaú.

Numa descontração geral, e num papo espontâneo e visível, ele afirmou para o grande estadista: “Eu sou o melhor biógrafo dos políticos da Paraíba”.

João Agripino quando governador, a irresistível figura frequentava a residência do nosso governador em Tambaú. Uma ocasião João Agripino interpelou-o, à guisa de uma confirmação: “Mocidade, você anda falando do meu governo?”.

- “É verdade, João. Governo é para sofrer mesmo”. O saudoso político terminou sorrindo.

A nossa Rainha da Borborema produziu também, em épocas transatas, estas criaturas exóticas e hilárias.

Pontificou, por aqui, nas décadas de 50 e 60 do século passado, Dr. Mário, baixinho, sempre de terno, tinha a mania da oratória. Na Maciel Pinheiro, em cima de um caixote, todo empolgado, largava o verbo; um público cativo, em torno, a aplaudir e incentivar e a risadeira era geral e o tipo todo feliz.

Tivemos a Rainha Joana, velha e louca, perambulando pelas ruas João Pessoa e Monsenhor Sales, dormindo sob as marquises, arrastando um resto de andrajosa existência.

Avistei-a, pela primeira vez, recém-chegado à cidade, no início de 50; um tipo exótico, vestido longo, de lã, feito uma beata, calçava luvas, um cacho de flores sobre a cabeça, cabelos loiros emoldurando-lhe o rosto, a cantarolar.

Nosso grande memorialista, Cristino Pimentel, dedicou-lhe um perfil em sua histórica obra sobre a cidade. Lá descreve sua beleza e o angustiante drama sofrido.

No início do século, uma beldade loira, atraindo os olhares dos rapazes. Não demorou muito sua desilusão amorosa. Apaixonou-se por um moço rico e de linhagem, que lhe afagava os sonhos. Este amor não foi correspondido, e isto lhe teria produzido o transtorno mental.

A rainha Joana despertava curiosidade e compaixão, seguia vagueando pelas calçadas, cantando modas de seu tempo de moça e marchas carnavalescas dos clubes antigos, como Regador, Cana verde, Caiadores e Beija-Flor. Uma foto sua se encontra no livro de Cristino Pimentel, o valoroso historiador campinense, apaixonado pela cidade e que anda tão esquecido.



Rainha Joana

SEMANA SANTA DO PASSADO

Recordo os sagrados rituais da Semana Santa, quando menino em Guarabira, a cidade pequena, a população fervorosamente católica reverenciando a Paixão do Senhor, plena de orações e penitências.

Hoje, os ritos solenes acontecem em Sabará e Goiás Velho, os templos mineiros exibindo o esmero do barroco, o requinte das imagens, feições impressionantes, revestidas de ouro, revelando a soberba arte do Aleijadinho.

Naqueles tempos, os costumes eram respeitados rigidamente; em casa de minha avó, impunha todo um ritual, cuidando encobrir os santos e rezas constantes. Estabelecia-se o jejum. Era a quarentena da fé, o banho estava proibido, como também pentear o cabelo e qualquer manifestação de alegria.

Recordo as matinas antes do nascer da alva, uma multidão a percorrer as ruas, nos despertando sob o barulho das matracas. Uma ocasião sob o forte apelo de Frei Damião, acompanhei essa passeata da fé, ainda sob o resto do crepúsculo e prenúncio dos iniciantes raios do Febo ardente.

Minha santa avó vivia como ninguém a Paixão, tristonha a nos relatar os padecimentos do filho de Deus, a sua Via Crucis, a caminho do Gólgota, seviciados pelos desalmados e sádicos soldados romanos, Jesus vergado sob o peso da gigantesca cruz que transportava sobre os ombros, depois crucificado, exposto quase nu e humilhado no madeiro.

Cumpria-se assim os desígnios, a vontade de Deus, enviando a terra o Filho Unigênito para o sacrifício supremo: Imolar-se, derramar o sangue para expiar os pecados e vícios da humanidade, as criaturas conscientes e evoluídas que teimam em fazer guerras e trocar maldades entre si.

O ponto alto das celebrações era a procissão do Senhor morto, arrastando a multidão, e muito me impressionava aquele desfile de estandartes, o cortejo de anjos e beatas, mulheres descalças a pagar incríveis

promessas, equilibrando enormes pedras sobre a cabeça, o Cristo inerte levado sob o pálio nos ombros de silenciosos homens.

Na procissão tradicional pontificava, no centro desta exibição de fé, o carismático e respeitado Monsenhor Emiliano de Cristo, alto, esguio, a comandar tudo como um ator impecável desta encenação santa.

SILVINO OLAVO, O FILHO ILUSTRE DE ESPERANÇA

Já tinha conhecimento do grandioso talento desta refulgente figura que brilhou nas letras, nos legando preciosos, inspirados livros de poesias, um intelectual de vastíssima cultura.

Silvino Olavo projetou a nossa Paraíba, teve dimensão nacional e, segundo Rau Ferreira, seu biógrafo, Silvino Olavo possuía uma inteligência multiforme, político, poeta, jornalista, advogado e uma incontável soma de outros atributos. Iniciou sua fluente carreira acadêmica e jurídica no Rio de Janeiro, e ali publicou o inspirado livro de poesias, os Cisnes, em 1924, na capital Federal, recebendo a obra rasgados elogios e o introduzindo, de logo, no circuito seleta da intelectualidade carioca e privando de grandes amizades.

Na sua exaustiva e brilhante biografia, a excelsa figura, exclama Raul Ferreira; enquanto isso, Pedro Calmon escrevia as “Memórias” do colega de faculdade a quem a maioria da turma incumbiu de proferir o discurso de formatura.

Este gigante do nosso pequeno estado, nasceu em 27 de julho de 1897 na fazenda Lagoa do Açude; o genitor, próspero proprietário com vários imóveis rurais.

Inteligência precoce, conclui o curso ginasial, no colégio Pio X, na capital com elogiável destaque. Cheio de sonhos, e determinado, em 1921, já está cursando a Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, conhece o paraibano João Pessoa, então Ministro do Tribunal Militar, selando uma profunda amizade com o mártir de 30; e quando assume o governo, o estadista da Paraíba, já o convida para a chefia do Gabinete Civil; registra-se ainda, que o inspirado intelectual, ainda na capital federal, chega a ocupar uma cadeira na Academia de Letras e Ciência integrada por nomes de peso, como Sergio Buarque de Holanda e Afonso Arinos.

O autor da fascinante biografia afirma que Silvino Olavo e Augusto dos Anjos constituem as estrelas maiores da poesia paraibana.

Em 1929, recebeu de maneira afetuosa Mário de Andrade na capital Tabajara, firmou-se uma amizade mantida por respeitosa correspondência.

E em 1986, torna-se patrono da cadeira 35 da Academia de Letras Campinense.

O Excelso escritor orgulho de nosso estado, deixou rica produção literária e imortalizá-lo é preciso.

OSMAR DE AQUINO E A GUARABIRA DO SEU TEMPO

O mais ilustre filho de Guarabira nasceu em 11 de dezembro de 1916. Inteligência privilegiada, tribuno invejável, galvanizando as massas com sua oratória.

Denso saber jurídico notabilizou-se como um dos maiores advogados da Paraíba. Fundou e dirigiu o departamento jurídico do Banco do Nordeste, e lembram os antigos funcionários de seus abalizados pareceres, que, dificilmente, a instituição perdia uma causa.

Brilhou em seu tempo e, pelo seu reconhecimento talento, inscreveu-se na galeria dos maiores homens públicos da Paraíba.

Deputado federal em duas legislaturas, constituinte de 47, um dos mais jovens do Parlamento; em 1968 teve o mandato cassado, no bojo da edição do famigerado AI-5,

em razão do seu inflamado discurso no Congresso, fustigando a ditadura.

Eleito prefeito de Guarabira, no início de 50, dotou-a de grandes benefícios, dispensando uma redobrada atenção aos carentes.

Homem público, de prestígio estadual, chegou a candidatar-se a prefeito de Campina Grande, atendendo a um pedido do Diretório Nacional.

Como advogado, nunca perdeu uma causa. Elegante, alto, dono de forte carisma, o povo adorava ouvi-lo. Osmar tinha o perfil de um tribuno romano como Petrônio ou Marco Antônio e como humanista foi uma criatura insuperável, pois Osmar sofria da angústia dos dramas humanos.

Retumbante orador, suas frases de improviso gravaram-se na memória de seus seguidores. Eu lembro, parece ontem, já adolescente, estudando em Campina no Pio XI, e estava de férias na terra guarabireNSE, de repente, vejo-me diante de um desafio: meu tio Pedro Félix é nomeado secretário da prefeitura e oferece um jantar ao prefeito Osmar de Aquino, a família me escala para saudá-lo. Entre trêmulo e emocionado, desincumbo-me da grata tarefa.

O avatar guarabireense agradece, num improviso belo e monumental e arremata o discurso com esta pérola; “A cultura é uma almofada onde repousamos o espírito”.

A 8 de maio de 1980, a cidade se cobre de luto; o grandioso e querido filho nos deixa.

Em Porto Alegre, a imprensa notícia o falecimento, lembrando o constituinte talentoso de 47.

Um ilustre paraibano, renomado advogado, nos deixou como legado, ideais, tais como: justiça e liberdade.



OSMAR DE AQUINO

PEDRO GONDIM

É justo resgatar a história desse glorioso paraibano, nascido em 01 de maio de 1914, que, por muitos lustros, exerceu mandatos legislativos e a curul governamental, e no Palácio da Redenção após um pleito memorável realizou um profícuo governo, se convertendo em um dos maiores líderes do estado. Pedro Gondim possuía um invejável carisma e soberbo humanismo e rasgos generosos, um exemplo para os políticos de hoje. Figura humana extraordinária, fez política com aquela aura romântica, cultivando altos valores, que nele eram patentes e tantos; humildade, altivez nos momentos grandiosos e cruciais, solidário e fiel com os seus amigos, possuindo um carisma insuperável, e ao lado de uma oratória invejável.

O que despertava maior admiração neste estimado homem público era o seu humanismo. Iniciou a coruscante carreira política, em Serraria, ainda bem jovem, já advogado, sem vaidade e na plenitude de sua

simplicidade. Quase todos os domingos, deixava o conforto da casa senhorial do Engenho, montado em seu cavalo, ia visitando as pessoas humildes, amigos e compadres.

Nascia ali o líder que soube ser amado e respeitado.

Quanta história fascinante nos legou. Uma ocasião protagonizou, em Solânea, uma cena inesquecível, da qual fui testemunha; atuando como dentista naquela cidade, e estávamos a almoçar no hotel, de repente o carismático Pedro adentra, nos cumprimenta e se dirige, lépido à cozinha para abraçar as cozinheiras, depois, retorna para conversar. Não me contive, levantei-me, e fui abraçar meu grande ídolo.

Foi colega de turma, na Faculdade de Direito no Recife, de Osmar de Aquino, dois vultos que enalteceram a Paraíba. Certa ocasião, Osmar saudando o colega afirmou: Pedro, eu acredito em você, você é um homem que chora, tem emoções.

Feliz do homem que nasce para servir e amar e isto ele soube fazê-lo em todos os momentos. Dele, se pode dizer, o quanto diriam, os antigos sábios de Roma: *per transit*, beneficiando, caminhou pela vida fazendo o bem.



Pedro Moreno Gondim

PROFESSOR LOUREIRO

O Saudoso e ilustre mestre campinense nasceu em Piancó, a 19 de dezembro em 1901.

Uma vida toda vocacionada para o magistério e seu nome se inscreve, assim com muita honra na galeria daquelas criaturas eleitas para cuidar e preparar o futuro de gerações de jovens ao lado de tantos outros, como Anézio Leão, Hortêncio Ribeiro, Mauro Luna, Clementino Procópio, Padre Emídio Viana, professor Oliveira.

Aprendeu as primeiras letras na fazenda Angicos, em Piancó, com o professor Manoel Salustiano, em caráter particular. Em seguida, o curso de formação para o magistério em Cajazeiras e o jovem vocacionado pelo destino para a área magisterial, realiza a equiparação ao curso superior em magistério com especialização em Português.

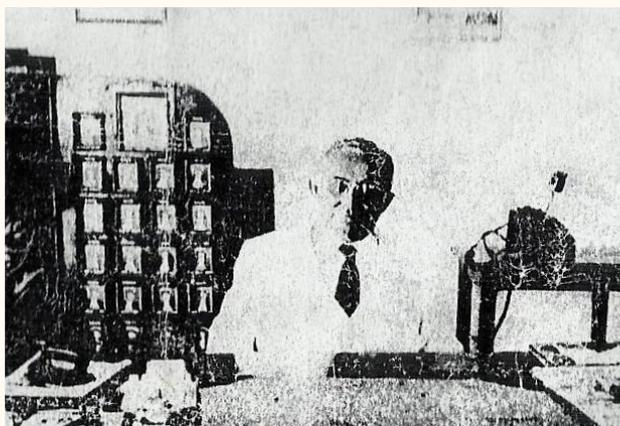
Professor Loureiro, este titã do magistério possui raízes ilustres no antigo reino medieval lusitano, a história do brasão da família atesta! “O loureiro, procede da região da beira, descendência de Daganiel, fidalgo ilustre que vivem na quinta de Loureiro, da freguesia de Santa Maria de Sirgueiros, da qual tomaram apelido seus descendentes, e, ao escorrer do tempo, muitos outros fidalgos foram ilustrando o núcleo inicial.

Um deles, Luís de Loureiro agraciado por D. João III relevantes serviços prestados na Côrte e África, na guerra contra os infiéis.

Lecionou, inicialmente, no colégio Pio X na Capital paraibana, em 1924.

Vice-Diretor do Colégio Padre Rolim e Escola Normal de Cajazeiras em 1925, diretor do grupo escolar Gama e Melo e fundou o primeiro curso noturno gratuito para adultos em Princesa Isabel em 1928. Seu destino foi a educação e em 1949, lecionando no Alfredo Dantas, logo o adquire, novo desafio, família unida, esposa e filhos e contando com competente corpo docente, o educandário é um modelo de ensino, ganhando prestígio e reconhecimento.

Passou a ocorrer do tempo por reformas se modernizou e preparando tantas gerações de jovens, assegurando-lhes um promissor e radiante futuro. Após longa e demorada carreira, falece a 25 de outubro de 1984, esta criatura talhada a capricho para o elevado labor da mente, tão grandioso quanto simples. Merece todo louvor e memória, razão tinha Machado de Assis quando escreveu! “A grandiosidade sem a simplicidade não tem nenhuma valia”.



Professor Loureiro

ALMIRANTE SALDANHA

O ínclito Almirante nasceu em 7 de abril de 1846 em Campos. Este patriota dedicou uma vida toda à Marinha Brasileira. Possuía sangue nobre, seus antepassados tinham raízes na dinastia dos reis de Castela, e era neto de João de Saldanha da Gama Melo Torres, conde da ponte, governador da Bahia, cujo posto assumirá em 1805, figura de largo tirocínio e habilidade diplomática, receberá em 1806, uma esquadra francesa onde na fragata vinha Jerônimo Bonaparte, irmão do famoso corso Napoleão. Bastante fidalgo ofereceu cortês acolhida. Ao partir, o irmão de Bonaparte agradeceu em carta o tratamento dispensado.

Registre-se, que pouco antes uma esquadra inglesa estivera na Bahia recebendo o mesmo tratamento, sendo

que estas duas potências estavam em estado de beligerância.

O Almirante Saldanha da Gama, glória de nossa Marinha, acendrado amor à pátria, servindo-a em todos os momentos, detinha prodigioso talento para a ciência física. Iniciou a modernização da armada na defesa da pátria e pela unidade nacional a própria vida.

A sua biografia impressiona. Em abril de 1884, coube-lhe a honra de presidir a instalação do clube naval às margens da lagoa Rodrigo de Freitas. Meses depois, deixava o Conselho Naval e assumia o comando do Almirante Barroso, cruzador inteiramente brasileiro, orgulho da engenharia naval do Império. Assumindo a diretoria da Escola Naval.

Foi um mestre competente e devotado daquela tradicional instituição voltada à preparação dos nossos futuros oficiais da Marinha. Realizou inúmeras viagens ao exterior no exercício magisterial, adestrando os guardas-marinhas.

Em 15 de fevereiro de 1876, como membro da representação brasileira, esteve na exposição internacional de Filadélfia, onde esteve presente nosso imperador. O Almirante visitou naquela oportunidade a Academia

Militar de West-Point. Cuidando em preparar minucioso relatório em seu regresso o ilustre Almirante, talento para a ciência e a lógica, submisso ao dever e defensor da legalidade, um dos homens mais cultos, poliglota citando Shakespeare e Dante no idioma em que foram escritos.

A seu respeito, escreveu seu biógrafo Pedro Lafayette. O seu prestígio no seio de sua corporação e da sociedade brasileira era notável. Como Oficial da Marinha conquistou uma posição invulgar pelo respeito e admiração com que se via cercado pelos seus camaradas.

E Rui Barbosa, que manteve estreitas relações com o denodado Almirante, teceu-lhe também este elogio: - Clamo-lhe o herói dos heróis, e o homem mais completo com o caráter mais extraordinário que já conheci nesta terra. Oficial ainda muito jovem, participou da Guerra do Paraguai e destemida bravura imensa, vivenciou um episódio dramático. Um oficial paraguaio parte para batê-lo, o jovem Saldanha desembainha a espada e o fere no punho, logo é feito prisioneiro. E na tomada heroica, num enfrentamento sangrento teve papel destacado e coube-lhe a honra de marchar em frente à tropa formada, desfilando garboso com o pavilhão nacional.

A Marinha foi para o mesmo seu grande amor como que uma espécie de religiosidade. Patriota ao extremo, elevação de caráter, lutou bravamente pela unidade do país e pela legalidade.

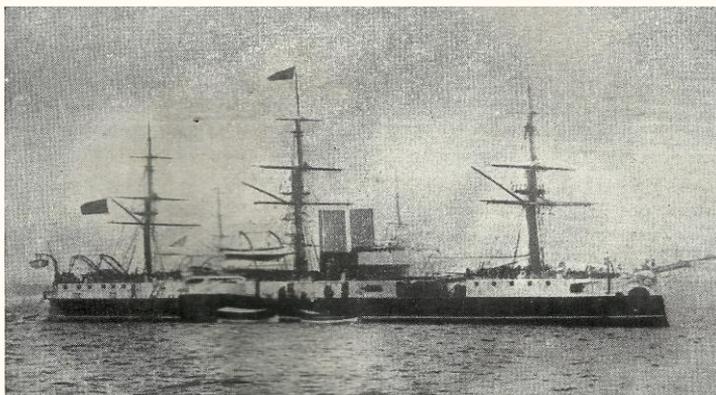
No início do novo regime, em meio à crise institucional instaurado, angustiado, porém firme atuou bravamente para evitar o litígio e devolver a harmonia e desarmamento. O espírito líder inconstante, no auge da crise, é convidado então por Floriano para Ministro da Marinha. Esgotados seus esforços para a pacificação, recusa o convite honroso e prefere ficar solidário, então, com os colegas da armada.

Figura fulgurante de nossa história, aqui o reverencio como um preito de homenagem aos serviços prestados à pátria. Um caráter ilibado para ser lembrado pelas gerações de patrícios para orgulho e gáudio nosso, um exemplo edificante para os que amam nossa memória e resgatam nossos verdadeiros heróis.



SALDANHA DA GAMA

Foto tirada em Buenos Aires, quando comandante do Parnaíba.



Encouraçado Riachuelo - Último navio da Marinha de Guerra, comandado por Saldanha, na monarquia.

ÀS CEGAS

Posso declarar que essa crônica tem sabor da infância e escrita pela criança que um dia fui e tento preservá-la vida afora. As mais doces e acalentadas recordações advêm da quadra infantil.

Um neuropsiquiatra alemão declarou que a memória é muito sensível às emoções, as quais envolvem fortemente as crianças que resistem para sempre vivências daquele mundo, onde Machado de Assis chamou de a fonte que brota água pura.

Residia na cidade de Guarabira e muito afeiçoado ao campo, vez por outra dirigia-me à fazenda do meu avô materno que me criou. Ficava a alguns quilômetros da cidade. Ali adorava banhar-me no rio, correr às árvores frutíferas, apreciar os galos de campina com seus topetes vermelhos, sanhaços, tudo me fascinava até a corrida dos

mocós saindo das tocas e o espanto que me produzia o besouro conhecido como cavalo do cão a zumbir assanhado em torno de mim.

Movido por um forte sentimento, tomava um caminho, sozinho, em busca de um casebre, um tugúrio coberto de palha, baixo, levantado em barro e varas, o desejo era visitar as cegas. Já esqueléticas, pele escura, nascidas e criadas naquele cafundó, esquecidas do mundo, mas sempre eu a visitava, tinha dó, uma pena enorme destes seres a quem o destino virou as costas.

Estas irmãs deficientes, já alquebradas me queriam muito bem, uma afeição exclusiva; falavam da minha bondade herdada da minha mãe, que não conheci.

Esta afeição que recebia, produzia um certo ciúme de alguns parentes, que nunca as procuravam para levar um pouco de apoio e conforto.

No humilde interior, só havia em pote posto sobre uma trempe. A minha presença fazia-as contentes, chamavam-me carinhosamente de Nado, indagavam-me dos estudos e quando viajaria à Campina Grande para continuar a estudar, como ouvira este assunto do meu avô.

Mesmo sem visão, lavravam a terra, o roçado tratado atrás da moradia, evoco o dia em que, pressurosas,

se dirigiam à roça, e voltando a trazer uma cesta de feijão verde e atilhos de milho para presentear-me.

Divinas criaturas, tão santas ou maiores que as outras.

A criança lhes oferecia este calor humano; elas devolviam em dobro, um instante de pureza em meio a este universo humano marcado pelo egoísmo e desamor, como afirmava Dostoievski, e este autor, um dos maiores romancistas do mundo, falando sobre o sofrimento, no seu livro “Crime e Castigo”, Raskólnikov se abaixa e beija os pés de Sonia, sua grande e conselheira, e afirma: nesse gesto estou prestando uma homenagem, não a uma prostituta, sim, ao sofrimento humano.

HISTÓRIA DE UM CÃO

Comoveu o país, o episódio do cachorro herói, ao lutar com os assaltantes para salvar a vida, do seu dono, no Rio Grande do Sul.

A vítima consegue abrir o portão; a um pedido dramático de ajuda, o animal ágil e furioso, arremessa ao solo, um dos facínoras, e no embate mortal, o cachorro é atingido por dois projéteis, mas escapa, e o bandido se põe em fuga. Ressalte-se aqui, a imprudência da vítima, ao reagir ao assalto, quase sacrificando sua vida e do estimado e fiel companheiro.

Este episódio me lembra a história emocionante e triste que ouvi de uma pobre senhora, quase centenária. Um cidadão, dono de um pequeno sítio, viaja à tarde para receber um dinheiro de um negócio realizado e leva

consigo seu fiel cachorro; o lugar é ermo e há um longo caminho a percorrer.

No final da tarde, já estão de volta, trazendo no bolso o pacote de notas, tudo correra bem. Lá pelas tantas, o animal se adianta e começa a uivar, fitando o dono, este, supersticioso, não gostou e fica nervoso.

Não demorou muito e a cena se repete, o cão torna a uivar na frente do dono. Este transtornado exclama: está me agourando, seus receios atávicos a obnubilar-lhe o espírito, deixa-o aturdido; estes sombrios uivos ameaçam sua vida, saca então da arma e abate o seu melhor amigo e o abandona numa poça de sangue, retoma o caminho de casa como um tresloucado.

A esposa, ao avistar o companheiro, nota, de logo, algo estranho e indaga pelo animal. Aquele relata todo o pungente acontecido. Desesperada e em gritos, a mulher pede que ele volte de imediato e traga seu querido animal, deseja enterrá-lo numa cova ao lado da casa.

Em desespero, o homem ganha a estrada, acudindo assim ao apelo da mulher. A cabeça ferve-lhe, começa a fustigar-lhe a consciência.

E, lá na frente, um sobressalto, no local onde abateu o seu cachorro, só havia sangue, e lívido e trêmulo,

segue a trilha de sangue, e não demorou muito em surpreender mais na frente o fiel companheiro sem vida.

A tremer, se agacha, para o colocar nos braços o animal. Surpresa e choque; embaixo do cão, estava o pacote de dinheiro que caíra de seu bolso, que, na agonia do drama vivido, não se dera conta, não percebendo que caíra do bolso. O animal estimado e dedicação extrema ao dono vira o dinheiro cair e tentara a todo custo, uivando, avisar o seu dono.

E a soluçar, a consciência a lhe doer, o traz para casa, a esposa, inconsolável, o sepulta como desejara. O dono inicia daí por diante, um longo sofrimento, fica nervoso, adocece, e termina louco. Razão tinha Cervantes, que ao ver Rinoceronte e Ruço, a dormir juntos, pescoço sobre o outro, afirmou: os animais tem mais sentimentos e companheirismos que os racionais.

LAMPIÃO, O CANGAÇO

A maior figura do cangaço surgiu como um produto do meio social, rústico, brigas pessoais, questões envolvendo a honra, uma terra sem a presença da autoridade, e muitas vezes, o aparato policial, venal, a tomar partido, por um dos lados nestas contendas violentas a alimentar as vinganças e empurrar os envolvidos para os braços do cangaço; assim foi o caso de Lampião, se constituindo o último e o maior cangaceiro. Nascido em Vila Bela, hoje, Serra Talhada, em 1898. Família numerosa, ao lado dos pais e seus irmãos, garantindo a sobrevivência no amanho da pequena propriedade, plantando roças e tocando o criatório.

Violino, muito inteligente e determinado, ao lado do irmão Livino, exercera, ainda rapazola, a função de almocreve, o tropeiro muito em voga, naquele período, a

transportar mercadorias de comerciantes no lombo de uma tropa de burros que a família possuía. Neste afanoso trabalho, esteve, muitas ocasiões, em Rio Branco, primitivo nome de Arcoverde, ponto final do trem, cuja estrada de ferro se iniciava em Recife.

Esteve por duas vezes com a tropa de muares na Bahia, alcançando Uauá e Monte Santo, e assim muito cedo, ia se familiarizando com esta extensa região adusta, fornecendo ao jovem este conhecimento, mais tarde, de muita valia para o cangaceiro; na última cidade, Monte Santo, a famosa parteira Maria de Lúcio, declarou que, quando jovem, conheceu Virgolino Ferreira numa de suas visitas. Como curiosidade histórica esta parteira foi condecorada pelo presidente Juscelino Kubitschek pelo notável feito dos mil partos realizados.

As razões do ingresso de Lampião no cangaço, relatadas pelo mesmo, na histórica entrevista concedida ao doutor Otacílio Macedo, médico de Crato. Considerado pelos estudiosos do assunto um documento precioso, esclarecedor, a peça fundamental para compor a gênese no drama arrepiador, aterrorizante que, à frente de bandos armados, travou combates com policiais de vários estados,

e a cumprir promessas e na sede de vingança, sentenciou: eliminei meus fortes inimigos e perseguidores.

Na longa entrevista, esta figura maior do cangaço se abre, expondo os motivos que mudariam os rumos de sua vida e família; meu pai constantemente perseguido pela família Nogueira e em especial. José Saturnino, este, de péssima índole e pivô de todo *affair*, e vizinhos; o genitor, de Lampião, José Ferreira, se retira para Alagoas, evitando o pior, nossas terras invadidas, prejuízo em gado. Continuaram as perseguições aos nossos, ao ponto de, em 1917, meu pai ser assassinado pelos Nogueira e Saturnino. Não confiando na ação da Justiça, sendo os assassinos escandalosamente protegidos pelos grandes.

Tomei uma decisão: pegar no fuzil, e partir para a vingança. Juntei meus recursos e enfrentei a luta na terra sem lei. O antigo almocreve mais tarde se converteria no Rei do Cangaço.

BETE SERRANO

A pintora celebrada confessou uma ocasião: foi na pintura que aprimorei os sentimentos do coração. E o grandioso Bertold Brecht afirmava que todas as artes contribuem para a maior de todas, que é a arte de viver.

Você, Bete, vive a vida com imenso prazer e paixão, criatura de admirável sensibilidade, atenta com o mundo, tão solidária e meiga, sabendo compartilhar com todos que se lhe acercam, levando palavras de conforto e extravasando calor humano.

Um amigo de sua estima definiu-lhe bem, em poucas palavras; Bete, você é luz, suas obras são apenas reflexos desta luz.

Adorável conterrânea, nascida em Guarabira, de troncos ilustres, a caçula da família, teu pai, Mário Serrano um dos grandes comerciantes da cidade, homem culto e

humanista, imenso prestígio na sociedade, chegando a postular a prefeitura de Guarabira.

A genitora, a saudosa Maria José de Oliveira, nobreza, em pessoa, amoldada pelos padrões da Igreja Romana, memória prodigiosa da história guarabirense, prestou-me substancial ajuda, intermináveis depoimentos para o livro que pude escrever sobre nossa história.

Você trouxe do berço aqueles traços luminares que ornaram, realçaram sua personalidade, como a simplicidade e humildade, e outros tantos, a nobreza do caráter e o trato cavalheiresco.

E a natureza foi-lhe bastante generosa, dotou-lhe da genialidade para a pintura, a que vem se dedicando com a intensa paixão, através de uma técnica apurada, um estilo próprio, vasta e rica temática, um pincel divino desenhando a vida e aos olhos do público despertam admiração levando também à reflexão.

A advogada e a ex-diretora da biblioteca da Embrapa, hoje recebe os amigos e admiradores em sua residência no Alto Branco, e exhibe o grande atelier, um local exuberante e místico, um universo de luzes e cores.

Ser amigo de Bete é um privilégio, assim desabafou um de seus admiradores.

A artista já tem reconhecimento nacional, participando e expondo em vários pontos do País com telas premiadas.

Prestigiou na Paulicéia o lançamento do catálogo de artistas plásticos, evento realizado no Museu de Arte Moderna (MAM). Tornou-se membro da Associação Internacional de Artes Plásticas da Unesco, em Paris.

EUCLIDES DA CUNHA, O GÊNIO E A TRAGÉDIA

A epopeia de Canudos, cujo retrato eloquente e forte nos foi legado por este genial escritor, através do vigoroso livro de sua lavra.

«Os Sertões» que é, no gênero, a maior obra literária que se tem notícia no Brasil, apreciado aqui e alhures, muito elogiado na Alemanha.

Estando no teatro de guerra, para narrar em reportagens, a tragédia do conselheiro, transformou-se pela genialidade, erudição, talento, e a bravura deste insigne homem, num livro monumental e estarrecedor, pelas denúncias e verdades, nele contidas. Que beleza descritiva, um estilo retumbante, que fulgor, novos vocábulos e de leitura apaixonante.

Sempre tive uma admiração e um respeito profundo pelo grande escritor Euclides da Cunha, desde

os tempos escolares, onde degustamos alguns trechos de «Os Sertões», «como o estouro da boiada» e o relato de sua vida trágica, com todo o desfalecimento do lar, me causava um sentimento de espanto e compaixão.

A natureza, sem dúvida, foi pródiga com Euclides, dotando-o do fulgor da inteligência e a profissão foi construída com sucesso pelos próprios ideais e fazia aquilo que achava ser o melhor para ele: A família e a pátria. Granjeou a afeição e o respeito do Barão do Rio Branco que o convocou para chefiar a comissão de fiscalização da Madeira Mamoré no Alto Purus, e na longa viagem ao Amazonas, esteve em Cabedelo. Homem curioso e genial, tudo observava e anotava, Euclides era também engenheiro e foi neste cargo, que emprestou o melhor de sua inteligência na missão que foi confiada, um ato de patriotismo regressando com a saúde abalada, tendo contraído o impaludismo no extremo norte.

Mas, o grande Euclides, um Hércules lá fora, o exímio esgrimidor da literatura, o talentoso engenheiro, não soube, ou não quis o destino que o seu lar, o doce e belo convívio familiar ficasse de pé, tentou consumir e desmoronou. *C'est lá destinee*, como dizem os franceses. Foi infeliz na escolha da companheira, pivô da tragédia da

Piedade, que abalou o País, no início do século XX e comoveu a opinião pública, o desfecho horripilante é o assassinato do escritor pelo amante da esposa, o militar Dilermando de Assis.

Euclides foi um gigante, pois, mesmo doente e a amargurado, a angústia aguda ferindo a sua alma, fazendo sangrar o seu coração, vendo o lar desmoronando, não esmoreceu, continuava a escrever, a trabalhar. Vamos também reverenciar a memória do nosso grande escritor, o livro «Águas de Amargura», com farta e eloquente documentação, resgata esta figura excelsa do cenário literário brasileiro, e o escritor Sílvio Rabelo também escreveu uma excelente biografia sobre Euclides da Cunha.

MACHADO DE ASSIS, A PERCEPÇÃO DA VIDA

Nosso grandioso romancista devassou a alma humana, fazendo jorrar dali lágrimas e decepções, mas daquele recanto profundo e misterioso recolheu também esperanças e ressoaram cantos de amor.

Lendo Machado, somos levados a imaginar a criatura humana, ávida de cupidez e presa de instintos perturbadores e egoísticos, mergulhada na incerteza, como se a vida fora um fardo incômodo, tudo ilusório e passageiro, entediado e sem compensações.

Na obra do mestre, o ceticismo é a tônica e muito recheada de ironia, a transitoriedade da vida e das coisas permeiam toda sua vasta e fecunda produção literária.

Mas como a vida não é somente borrasca ou nuvens escuras, e o próprio escritor estivesse convencido de existência de momentos enlevados e prazerosos que ele

mesmo experimentara no doce convívio com a esposa Carolina, sua maior inspiração e afago, na alegria incontida em sua Academia de Letras, fundada em 1896, ao lado de Alberto de Oliveira, Lúcio de Mendonça, Coelho Neto, Euclides da Cunha e tantos outros consagrados nomes de literatos da época.

Compreensivo e complacente ele escreveu, a vida não é completamente boa e nem completamente má.

Após a morte da esposa Carolina, cai em prostração, agravando-se lhe uma tristeza imensa, e do estado de saúde e da tristeza de Machado, nasceram a sua imensa bondade, uma bondade larga e compreensiva, chegando, a este respeito, Olavo Bilac a dizer do amigo! Machado de Assis não odiou os homens, teve pena de todos eles, porque teve pena de si mesmo.

Foi uma espécie de anatomista da alma, dissecou-a, tentou conhecer, em toda profundidade e explicar com realismo a beleza de estilo, o complexo e assombroso funcionamento da natureza humana.

Ler Machado é como ouvir uma sinfonia de Beethoven, tal a grandiloquência e o encanto de seu estilo, a construção impecável da frase, a gestação do pensamento, o maestro a comandar com toque de gênio

aquela partitura literária, as joias das metáforas, os adjetivos sonoros que nos prendem e emocionam.

Que poder de síntese. Talvez seja o único escritor do mundo, com tal qualidade, de frases e períodos curtos, constituindo o espelho do mundo e da humanidade, onde o mestre tem respostas para quase todas as interrogações da vida.

Lendo Machado, a pessoa aprende a falar e escrever na sua língua, de maneira escorreita, clara. O nosso mago do Cosme Velho no Rio de Janeiro, nos deixou ainda um tesouro de pensamentos, como este: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma outra criatura o legado de nossa miséria”.

DERCY GONÇALVES

Domingo último, a tela da televisão proporcionou-me uma alegria e estupenda emoção, a presença da divina e genial, Dercy Gonçalves, aos 100 anos, plena de vitalidade e humor, oferecendo um show espetacular no programa de Silvio Santos, submetendo-se à sabatina, desafiadora a falar somente a verdade e durante toda esta maratona, a irreverente e fascinante artista esteve submetida a um detector de mentira. Inteligente e sincera, chega ao final do programa vitoriosa e abiscoitando um recheado e atraente prêmio em dinheiro, mais uma consagração deste mito da arte dramática e do humor nacional; naquele domingo galvanizou o público brasileiro e sabe-se que, a audiência arrebentou.

A presença deste ícone constitui um refúgio. Por um momento, esquecemos as agruras, o brasileiro deixa

para o lado a indignação e tristeza pelos degradantes exemplos vindos do alto, e este milagre, deve-se dizê-lo, é prodigalizado por este fenômeno artístico.

Tenho uma profunda, extremada admiração por este gênio despudorado e mágico, que sabe representar e granjear aplausos do imenso público, esta excelsa dama do teatro e televisão brasileira.

Falar sobre Dercy Gonçalves, lembrá-la, é motivo de alegria, também de orgulho, seu prestígio extrapolou nossas fronteiras.

A prestigiada artista, na sua estrondosa apresentação, estava toda a família, sua filha única, bastante emocionada, os sobrinhos, a vibrar, torcer pela presença fenomenal da atriz.

Talento e sinceridade sobram em Dercy Gonçalves, à vontade, muito elegante, durante o programa desafiador e às vezes, indiscreto; distribuiu muitos risos, demonstrou sabedoria, falou da vida, início difícil, jovem pobre, discriminada, explorada, lutou só, contando, confiando no seu talento, que já dizia, o consagrado escritor Dostoievski, é o maior cabedal.

Indagado, pelo apresentador, se alguma vez se arrependera em dizer aqueles palavrões, pronunciados no

palco ou na tela, a sua resposta foi rápida e calou fundo; - Olha, Silvio, palavra é a fome, miséria, pedágio, corrupção.

Teve, sem dúvida, destacado sucesso, com seus palavrões, que despertavam gargalhadas, e talvez algum vexame em pessoas mais sensíveis.

Porém, é fato incontestável que, sem eles, o sucesso, ter-lhe-ia batido à porta, pois a centelha do talento lhe incendiava por completo, a jovem recém-chegada à capital da república, na década de 30, com um pão que o diabo amassou, venceu pelos seus méritos, cantora lírica, um humor inebriante, fez dela, em pouco tempo, a estrela singular, esplêndida a brilhar no firmamento artístico nacional.

GRACILIANO, SEU TRAÇO VIRIL E UM GRANDE AMOR

Os gênios literários são imprevisíveis e extravagantes. Mente fértil e energia surpreendentes, muitas vezes se atirando sobre o abismo, ora alçado às nuvens.

Ficou viúvo aos 35 anos. Faz declarações de amor à jovem noiva, ao tempo 18 anos, em frases esculpidas por metáforas e hipérboles, a quase adolescente, futura esposa, chega a se surpreender com o exagero literário epistolar de Graciliano Ramos e roga-lhe um pouco mais de moderação.

O romancista, a caminho do sucesso, tomado de súbita paixão não se controla, abre-lhe o coração, o titã das letras é abatido pelo cupido, o homem, frio, mordaz, diante do seu grande amor, Heloísa Medeiros, aparece meloso e sentimentalista.

Prefeito de Palmeiras dos Índios em 7 de outubro de 1927, viúvo e 4 filhos conhece a jovem e atraente Heloísa Medeiros pelo Natal em Maceió; o coração lhe incendeia, há uma mistura de tormenta e súbita felicidade, a lhe invadir a alma na batalha de cupido, para arrebatá-lo o cobiçado troféu, utiliza todo um estratagema e meios, o seu amigo, padre Medeiros e a futura sogra dona Lili, se convertem, em aliados, fiéis colaboradores, para, atingir este seu supremo *desideratum*; dois meses mais tarde, 16 de fevereiro de 1928, estava realizado o casamento.

Em cartas de amor à Heloísa, reunidas em livro, há expressões do tipo: Eu te procurei, porque endoideci por tua causa, quando te vi pela primeira vez.

Nunca me confessei, mas declarei que estava disposto a ajoelhar-me diante de ti.

Amo-te com ternura, com saudades, com indagação e com ódio.

Um homem de poucas palavras, rude, mordaz, frio, cético, cáustico, negativista e de difícil aproximação.

Nestas cartas de amor à Heloísa, Graciliano surpreende, surge um outro homem, totalmente diferente do autor em seus romances.

Ricardo Ramos, seu filho, confessa, em seu livro sobre o pai, tentando explicar o comportamento dúbio do insigne escritor; Graciliano tinha prazer no convívio com os moços, vivendo ali seu lado descontraído.

É assim o autor de *Vidas Secas*. Viveu seu grande amor para compensar o lado absurdo e agravante do destino humano que o atormentava.

O PRESIDENTE QUE A PARAIBA DEU AO BRASIL

Este gigante do Direito, jurista reconhecido internacionalmente, nasceu na Paraíba na Fazenda Marcos de Castro, em Umbuzeiro, a 23 de maio de 1865, e seus pais, o Coronel José da Silva Pessoa e Henriqueta de Lucena, irmã do Barão de Lucena.

Na última viagem à capital pernambucana com a família, ao visitar no caminho o coronel Bezerra de Melo, seu compadre, apontou-lhe o pimpolho querido, que estava junto ao pai, no cavalo e exclama, numa antevisão comovedora: - Você vê esse menino, compadre? Será um dia Presidente da República.

No Recife, o destino é cruel para esta família de sentimentos tão nobres, em breve, morrem os seus pais, vitimados pela varíola. O pequeno Epitácio, órfão, inocente, vê-se, de súbito, privado, de toda afeição, do

carinho e amor paternos, e a natureza, como que, para compensar-lhe, do profundo golpe, dotou-lhe da mais robusta e luminosa inteligência, ao lado de um caráter ilibado, genuinamente escoreito.

Ele e seus irmãos são entregues aos cuidados do tio Barão de Lucena, Presidente da Província pernambucana, que os cria com todo desvelo e os encaminha para o estudo.

Ingressa na faculdade de Direito do Recife, em 1882, concluindo o curso em 13 de novembro de 1889. Logo cedo, o jovem paraibano, mostrou-se genial, chamando atenção, e alvo permanente de elogios e justa admiração. Ali, por mérito, assombroso talento jurídico começou a rasgar, com as suas próprias ferramentas, a estrada fecunda, luminosa do seu porvir, chegando a ocupar, em futuro, os altos cargos da República, até a presidência do País.

A sua passagem brilhante, naquela escola superior da Mauriceia, nos é relatado por Hélio Zenaide.

“Ainda hoje perdura, na Faculdade de Recife, a tradição de talento, cultura e eloquência do eminente paraibano. As suas dissertações jurídicas, escritas para os

colegas de anos inferiores são disputadas como sínteses modelares”.

O MENINO E SEMANA SANTA

Assistiu-se pela televisão, às demonstrações de fé da Semana Santa, em vários lugares do País, revelando o espírito religioso da nossa gente, e chamou atenção, as tradições que remontam há séculos, deixadas em nosso solo pelos conquistadores para assegurar o domínio ultramarino.

Eu, olhos grudados, no vídeo, admirando ao santo e comovente espetáculo, recordei meu tempo de criança em Guarabira, e revivi intimamente a Semana Santa de recuados tempos, onde a gente da cidade pequena, ao tempo reverenciava a Paixão, plena de orações e penitências, os mais antigos se autoflagelavam, seguindo os passos da Via Sacra.

Hoje, os atos mais solenes acontecem em Sabará e Goiás Velho; a primeira em Minas Gerais, e em outras cidades daquele estado onde se cultiva esta arraigada religiosidade, e os templos mineiros exibem o esmero do barroco, o requinte as imagens, feições impressionantes, revestidas de ouro e sobressai a soberba arte do Aleijadinho.

Na Guarabira de outrora, a 6ª Feira era aguardada com tristeza e penitência, a população profundamente católica, dispensava um respeito e obediência ao seu mentor espiritual, o Monsenhor Emiliano de Cristo, marcou a urbe, com seu rico apostolado por quase meio século, e cujo perfil mais alongado tive a honra de traçar no livro que escrevi e breve será lançado.

Os costumes eram respeitados rigidamente. Em casa, a minha avó, bondosa e santa, monitorava tudo, cuidava em cobrir os santos, guardava-se o jejum, só à noite achegava-se ao prato, a nós era imposto esse sacrifício, na 6ª Feira Maior, estava proibido o banho, seria pecado pentear o cabelo.

Varrer a casa e qualquer manifestação de alegria; mas a querida e saudosa matriarca impunha respeito e convencimento, valia o sacrifício para o filho de Deus que

veio ao mundo para expiar nossos pecados, apontar as sendas luminosas do Reino Celestial, garantir assim a salvação para as atormentadas e sofridas criaturas humanas.

Recordo as matinas antes do nascer da alva, uma multidão a percorrer as ruas a nos despertar sob o barulho ensurdecedor das matracas; uma ocasião, sob o forte apelo de Frei Damião acompanhei esta passeata da fé.

O ponto alto das celebrações era procissão do Senhor Morto, arrastando uma multidão e muito me impressionava, aquele desfile de estandartes, o cortejo dos anjos e beatas, mulheres equilibrando enormes pedras sobre as cabeças, o Cristo inerme levado, sob o pálio nos ombros de silenciosos homens.

No interior do templo, ao lado do altar-mor, o corpo de Jesus, sobre um estrado, era venerado, havendo o beija-pés e uma enorme bacia para receber as moedas. O menino, obediente e contrito, se esforçava, já suado e ofegante, para cumprir o meu último ato, tocar com os lábios aqueles pés santos e deixar a moeda na bacia.

O DOUTOR PELADO DE GRACILIANO RAMOS

O consagrado romancista. De estilo impecável e elegante nos deixou belos romances, como *Vidas Secas*. E soube com arte e talento, num trecho curto, conciso, traçar perfis de tipos populares de Alagoas e recompor a sociedade patriarcal com os seus coronéis, mitos e regras implacáveis, onde medravam as mazelas sociais e a exibição da força e astúcia.

No seu livro *Viventes das Alagoas*, revive a figura inverossímil do malandro, o doutor Pelado que vivia de versos e da medicina popular. Era um grande mulato, risonhos, dentes fortes, olhos vivos e muito elegante que encantou a gente daquele estado nas primeiras décadas do século passado.

Possuía uma certa semelhança com o nosso Pedro Pixaco, o malandro maior das décadas de 40 e 50 que deslumbrou a cidade da Borborema.

O doutor Pelado se vangloriava de ter conhecido o Imperador e ter viajado muito pelo País. Quando escasseava a grana, recolhia o estro e se convertia em médico, botas altas, colarinho e gravata e um indefectível livro de Chermoviz que ensinava a cura de todos os males.

Era bem recebido nas fazendas, tendo boa acolhida e comida farta. Uma certa ocasião, numa destas visitas, encontrou um raizeiro concorrente, e cada um na sua, estava formada a junta médica para curar a esposa do fazendeiro.

O outro procurava um diagnóstico, forçando a memória, ouviu falar em trombone e sapecou:

- Ela tem trombone.

Pelado, manhoso, solene, entra em cena e, sem perder, a classe, fala nestes termos:

- Se for trombone, nobre colega, deve estar tocando muito longe, porque não ouço nada.

PEDRO PIXACO, NA CAPITAL, VÊ-SE EM APUROS

Ele apreciava cantar um samba, no seu período noturno, tomando sua cerveja, exibindo seus dotes, de artista da voz.

Numa boate em João Pessoa, se encontrava feliz da vida, entregue à pandega costumeira, naquele mundo da orgia e farto de mulheres que o Negão adorava, quando, de repente, se aproxima uma patrulha, e ordena o fechamento da boate, pois só poderá funcionar até às 24 horas.

Uma outra noite, Pedro se achava na mesma boate, bebendo com alguns soldados e cabos do exército, e, de repente, o folgado comediante avista um pessoal da polícia, ali próximo, e já era muito tarde.

Havia uma animosidade entre esta tropa, Pedro se sentindo bem prestigiado, de maneira provocativa passa a cantar mais alto, a polícia se afasta e aguarda uma desforra; exatamente, noutra ocasião. Para seu azar, quando bebericava, na casa noturna, a mesma patrulha policial se aproxima, e, ao vê-lo só, cai em cima do saudoso humorista e desce-lhe um porrete, uma revoltante covardia, saindo do imbróglio bastante avariado, chegando a lesar o seu nariz.

Muito conhecido, o delegado ao tomar conhecimento da arbitrariedade o convoca e indaga se pode identificar os “praças” autores daqueles excessos, Pedro responde de maneira irônica: doutor eu apanhei muito no escuro, feito Dudú de Lasquinez, e o que pude ver foi somente estrelas na minha frente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande.

Campina Grande, GRAFSET, 1971.

LEÃO, Álvaro. Aconteceu em Campina. s/l, s/e, 1975.

PIMENTEL, Cristino. Abrindo o livro do passado. Recife:

Artefatos de Papel Ltda., 1962.

RIBEIRO, Hortêncio. Vultos e Fatos. S/l, s//e, s/d.

